



Reportagem Aves e Vila Franca, um caso de troca de identidades no futebol

Desporto, 50 a 53



Cabo Verde Santo Antão, morabeza entre mar, picos e vales

Fugas

NUNO FERREIRA SANTOS

Público



TAP, mentiras e SIS João Galamba ainda mais fragilizado

Destaque, 4/5 e Editorial

Empréstimo de 200 mil com taxa a 12 meses sobe 4800 euros num ano

As médias das taxas Euribor voltaram a subir em Abril e o impacto nos contratos a rever em Maio é signifi-

cativo, especialmente nos créditos associados à taxa a 12 meses. Se tomarmos o exemplo de um emprés-

timo de 200 mil euros a 30 anos com uma Euribor a 12 meses e com um *spread* de 1%, verifica-se que a pres-

tação mensal passa de 644 euros para 1044. A forte subida, a um ritmo sem paralelo na história das Euribor,

corresponderá a um acréscimo de 4800 euros até à próxima revisão em 2024 *Economia*, 30

Universidade recorre Novo curso privado de Medicina é chumbado

Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário, no Porto, é a instituição privada que há mais tempo tenta abrir curso *Sociedade*, 19

Economia PIB pode crescer mais de 2% no fim do ano até com estagnação

A economia portuguesa conseguiu, nos primeiros meses de 2023, surpreender todos com as previsões de crescimento *Economia*, 29

Guerra na Ucrânia Traidores da Rússia serão condenados a pena perpétua

No dia em que os mísseis voltaram a matar na Ucrânia, ministro da Defesa ucraniano diz que a contra-ofensiva está para chegar *Mundo*, 24

PUBLICIDADE

ESPECIAL
Vírus Sincicial Respiratório
Saiba mais sobre uma infecção respiratória com elevado impacto social e económico

Com o patrocínio
[estúdio]P sanofi

Página dois

SEMANA SIM



Chico Buarque

As grandes alianças transatlânticas constroem-se

com amor e arte. O prémio Camões só agora lhe foi entregue, mas há muito que o brasileiro contribui como poucos para esse património comum.



José João Abrantes

Demorou mais de um ano para se chegar à

eleição, que ainda teve de passar por um impasse de 17 horas, mas de lá saiu o nome daquele que será o novo presidente do Tribunal Constitucional.



Rute Agulhas

Em muito pouco tempo, o grupo liderado por esta psicóloga para

acompanhar as situações de abuso sexual no seio da Igreja Católica está disponível para atender agressores e vítimas que precisem de apoio.

SEMANA NÃO



João Galamba

O ministro diz que nunca quis mentir ao Parlamento, mas

a acusação existe e veio de um membro do seu próprio gabinete. Esta história desenrola-se perante os nossos olhos e nada augura um final feliz.



Fernando Medina

Quanto mais se vai sabendo, mais se vai

percebendo que a decisão de despedir a CEO da TAP não terá sido tomada com os cuidados que o assunto exigia. Com parecer ou sem ele.



André Ventura

O Chega pode ter estado no centro das atenções com os

protestos no 25 de Abril. Mas para o futuro fica a imagem dos zaragateiros que não se sabem comportar em democracia.

Por David Pontes

INQUÉRITO PÚBLICO



RUI GAUDÊNCIO

Em Portugal a natalidade está muito prejudicada pelas condições salariais e pela precariedade

Ana Fernandes, demógrafa

Ana Fernandes, demógrafa e investigadora do Centro de Administração e Políticas Públicas do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, aplaude a proposta do Governo que vai garantir um apoio de 20% do salário através da Segurança Social aos pais que decidam trabalhar em *part-time* por três meses cada um após o gozo da licença parental inicial. Por via desta alteração ao Código do Trabalho, que entra em vigor a 1 de Maio, os pais passam a poder acumular aquele apoio com o salário correspondente ao trabalho a tempo parcial. Mas a

especialista alerta que o problema da natalidade requer um combate mais veemente aos baixos salários e à precariedade laboral, assim como às dificuldades no acesso à habitação.

Considera que o apoio de 20% a pagar pela Segurança Social aos pais que optem pelo trabalho a tempo parcial até aos 12 meses do bebé responde ao problema da natalidade em Portugal?

Penso que sim. É uma medida que poderá facilitar a decisão de ter um filho e ajudar a responder à pergunta dos pais sobre que condições vão ter para criar uma criança. O facto de uma mulher ou de um homem poderem dispor de mais tempo no primeiro ano de vida para dar maior atenção ao bebé pode sem dúvida ajudar nessa decisão.

Que outras medidas gostava de ver em cima da mesa?

O que a literatura diz é que todo o apoio parental, nomeadamente ao nível das creches e das condições de trabalho, é fomentador da natalidade. Isto promove-se mais pelas condições de trabalho do que pelos apoios ou abonos. Agora, em Portugal, temos uma questão prévia que é a precariedade no trabalho e agora também na habitação. Há famílias com crianças pequenas que estão a ser praticamente despejadas da casa onde estavam.

Estas são questões prévias que não são directamente orientadas para a natalidade, mas que são as condições de estabilidade que permitirão a decisão de ter uma criança. Portanto, evidentemente

que a medida apresentada ajuda na promoção da natalidade, mas é preciso que os entraves prévios sejam resolvidos ou pelo menos mais resolvidos do que têm estado até ao momento.

E aqui entra também o nível dos salários, que em Portugal é baixíssimo nas categorias mais jovens. Realmente, a literatura aponta os apoios parentais, a existência de creches acessíveis e as condições de trabalho, mas em Portugal a natalidade está muito prejudicada pelas condições salariais e pela precariedade.

Vamos a tempo de desacelerar o envelhecimento demográfico?

Isso não. Há duas questões aqui: uma é a natalidade, que responde à pergunta sobre quantas crianças nascem por ano, e outra é a fecundidade, que nos diz quantas crianças tem a mulher ao longo da sua vida. E o indicador da fecundidade em Portugal está relativamente estável, ou seja, nós estamos ligeiramente abaixo do nível de fecundidade dos outros países da Europa.

Agora, o que está muito abaixo da média dos restantes países europeus é a natalidade, ou seja, nós temos poucas mulheres em idade fértil, comparativamente com outros países que têm uma população mais jovem, e penso que essa compensação só poderá vir a ser feita com a entrada de população migrante, porque já não vamos a tempo de repor as crianças que não nasceram e os jovens que não cresceram porque não chegaram a existir. **Natália Faria**

PROVA DOS FACTOS

Há parlamentos onde os deputados podem ser mandados sair da sala?

A frase

Há muitos parlamentos por esse mundo fora que têm medidas disciplinares, a Câmara dos Comuns, por exemplo (...). Basta que alguém diga que um membro do governo ou um deputado falta à verdade e é retirado da câmara até ao fim dos trabalhos parlamentares do dia.

Pedro Delgado Alves, vice-presidente da bancada do PS

O contexto



O deputado estava a explicar na SICN que a conferência de líderes decidiu pedir um estudo comparado sobre as regras em vários parlamentos, na sequência dos protestos dos deputados do Chega na sessão com o Presidente do Brasil, Lula da Silva.

Os factos

Na Câmara dos Comuns existe um regulamento aprovado em 2005, *Standing Orders*, que contém uma série de regras de conduta nos debates. O ponto número 44 diz expressamente o que deve acontecer em caso de desordem. "Se um membro da câmara for nomeado pelo *speaker* como tendo desconsiderado a sua autoridade ou tendo cometido um delito, ou tendo persistente e intencionalmente obstruído a condução dos trabalhos, o *speaker* pode suspendê-lo da sessão", lê-se. A suspensão pode ser válida durante os cinco dias posteriores à sessão ou 20, se voltar a mostrar o mesmo desrespeito. O *speaker* não deve suspender mais do que um membro por sessão a não ser que dois ou mais membros tenham conjuntamente desrespeitado a sua autoridade. Se os deputados se recusarem a abandonar a sessão, devem ser chamados os *sargeant in arms* e o *speaker* deve explicar à câmara por que razão foi necessário recorrer à força.

Em resumo

A afirmação do deputado socialista Pedro Delgado Alves é verdadeira. **H.P. e A.S.L.**

Não basta. Nem chega

Grande angular



António Barreto

As últimas semanas, entre o famigerado “caso TAP” e as cenas pouco recomendáveis da Assembleia da República, passando por revelações assustadoras dos processos Sócrates e Salgado, foram ricas em acontecimentos que sublinham a provocação de uns e a tibieza de outros.

Entre as fraquezas da democracia está a mais citada: é o regime de todos, incluindo os não democratas e os antidemocratas. Além desta, outras fragilidades mostram bem como, mais do que imperfeita, a democracia tem vícios, alimenta vícios e premeia vícios. O regime democrático inclui corruptos, mentirosos, exploradores, ladrões e os representantes das várias cáfilas conhecidas. A democracia coexiste ainda com cunhas, droga, machismo, assédio sexual e tráfico de influências. Muitos destes vícios e defeitos têm de ser tratados com civilização. Outros, com a justiça e o Estado de direito. Quando estes últimos falham, perde a democracia.

Os últimos episódios “mediáticos” revelaram o papel crescente do partido Chega e os receios, igualmente crescentes, dos que se dizem defensores da democracia. E que talvez sejam, em título, pelo menos. Mas convém olhar melhor para este confronto que parece simples, mas não é. Na verdade, os provocadores do Chega, ridículos, mas eficazes, são tão perigosos quanto os prevaricadores do PS e do PSD. Os oportunistas do Chega são tão ameaçadores quanto os que não são capazes de gerir a democracia. Sem falar naqueles que se querem aproveitar da democracia.

O Chega parece ter uma agenda clara. Começa por dar eco aos descontentamentos. Onde estes faltam, inventa. Onde sobram, aproveita. Depois, usa a democracia, aproveita as suas facilidades, incluindo representação e tribuna. A seguir, desacredita a democracia, põe em crise as suas falhas e cria novas. Sabe-se que entre as causas da morte das democracias encontram-se a incompetência e os abusos dos democratas. O populismo não se alimenta de druidas e sonhos, bebe nos erros e nas insuficiências da democracia. O Chega vai esforçar-se, dia após dia, por perturbar as instituições em que está presente, tanto “por dentro”, como “por fora”, na rua.

A salvação e a glória do Chega residem na morte da democracia.

Para a democracia, há tanto perigo nas provocações do Chega, quanto nas insuficiências dos democratas. A estes, não compete tratar da educação dos populistas, convertê-los ou proibi-los. Compete-lhes, isso sim, retirar argumentos, não abusar e fazer com que, para a população, a liberdade seja superior às promessas dos justiceiros. Aos democratas, não lhes compete prender, banir ou mandar calar os populistas. Aos democratas compete-lhes fazer melhor e com mais competência do que fazem hoje. E de modo a que a população sinta e perceba.

São conhecidas as piores nódoas do Governo e do regime na actualidade. A crise da justiça vem à cabeça. Gera desconfiança e descrédito. Estimula a corrupção. Incita ao abuso e à fraude. Destrói quaisquer fundamentos morais da vida pública. Se existe desilusão e frustração dos cidadãos relativamente à democracia, é seguramente na falta de justiça e no seu enviesamento. O rol de vícios da justiça, que inclui a impunidade, os favores, o nepotismo e a ineficiência, é enorme e está colado aos casos de corrupção, de branqueamento, de roubo e de abuso de que beneficiam os poderosos da economia, da política e da sociedade. Sem justiça, não há liberdade nem democracia. Com uma certeza que a história nos ensina: os populistas, as ditaduras de direita ou de esquerda e os “justicialistas” nunca brilharam pela liberdade e pela democracia, nem sequer pela justiça. Mas alimentam-se dos defeitos da justiça das democracias.

A incapacidade de conduzir ou a impossibilidade de acabar um processo judicial contra um grande corrupto ou um grande corruptor é mais grave para a democracia do que as acções propriamente ditas do grande corrupto ou do grande corruptor. Os magistrados, os oficiais, os advogados, os altos funcionários de Estado e os legisladores são mais responsáveis, pelo declínio da justiça democrática, do que o banqueiro, o político e o empresário.

A seguir, o Serviço Nacional de Saúde, que corrói a confiança e retira as últimas defesas dos mais frágeis e vulneráveis. Depois, as escolas sem professores, as

avaliações sem exames e as aulas em greve que destroem a esperança.

A incompetência tão visível na TAP, no Aeroporto de Lisboa, nos transportes públicos e no caminho-de-ferro estão a criar um clima de incredulidade difícil de imaginar ainda há poucos anos. É difícil encontrar as causas deste estado de incapacidade, de falta de previsão e de erro. Em todos estes casos, a incompetência e a descoordenação foram evidentes. E dão a sensação de que as autoridades se julgam impunes e proprietárias do bem comum.

As grandes obras de Lisboa, do porto à drenagem, da habitação à circulação, dos comboios ao tráfego automóvel, sem informação suficiente, sem cuidado para com os habitantes, sem faseamento mais confortável e sem consideração pelas comunidades locais e pelas pessoas, são mais sinais de que a gestão do espaço público não está a ser feita à altura das ansiedades da população.

É verdade que vivemos horas, dias, semanas e meses difíceis. Talvez até anos. Nem o sistema democrático, nem os políticos actualmente em funções, têm revelado serenidade e saber para encarar esses tempos, para resolver os problemas que daí resultam, para satisfazer aspirações e diminuir ansiedades. Realidades que todos vêem. Rapidamente surgem ideias ou reflexos sobre o futuro imediato e os remédios para as crises. Eleições e coligações estão entre as primeiras reacções. Demissões e dissoluções, também. E também há quem sonhe com novas soluções e novos regimes. É muito fácil encontrar, à esquerda e à direita, quem afirme convictamente que “a democracia está esgotada”. São estes os suspiros melancólicos que se ouvem. As soluções a encontrar para estes tempos difíceis são conhecidas e estão ao alcance das mãos. Encontram-se com os partidos que temos, com os meios que são os nossos e com algumas circunstâncias inescapáveis. Os sonhadores que tomem nota. Não há solução fora da Europa, nem fora de Portugal. Como não há soluções fora da democracia. Ou antes: há, mas são piores.

Não basta ser democrata para defender a democracia. Nem chega ser provocador para a derrotar.

Sociólogo

IMPORTA-SE DE REPETIR?

A violência sexual é um problema de saúde pública pela sua elevada prevalência e pelo impacto

Rute Agulhas, psicóloga

“

Não sei se voltaria a votar em Marcelo

Paulo Portas
Ex-líder do CDS



Seria muito vantajoso que o Governo se preocupasse com a sua estabilidade

Vieira da Silva, ex-ministro do Trabalho

Vocês estão sempre tão preocupados com aquilo que podem roubar, e onde, que pensam que os outros fazem todos o mesmo

Serguei Lavrov, ministro dos Negócios Estrangeiros russo

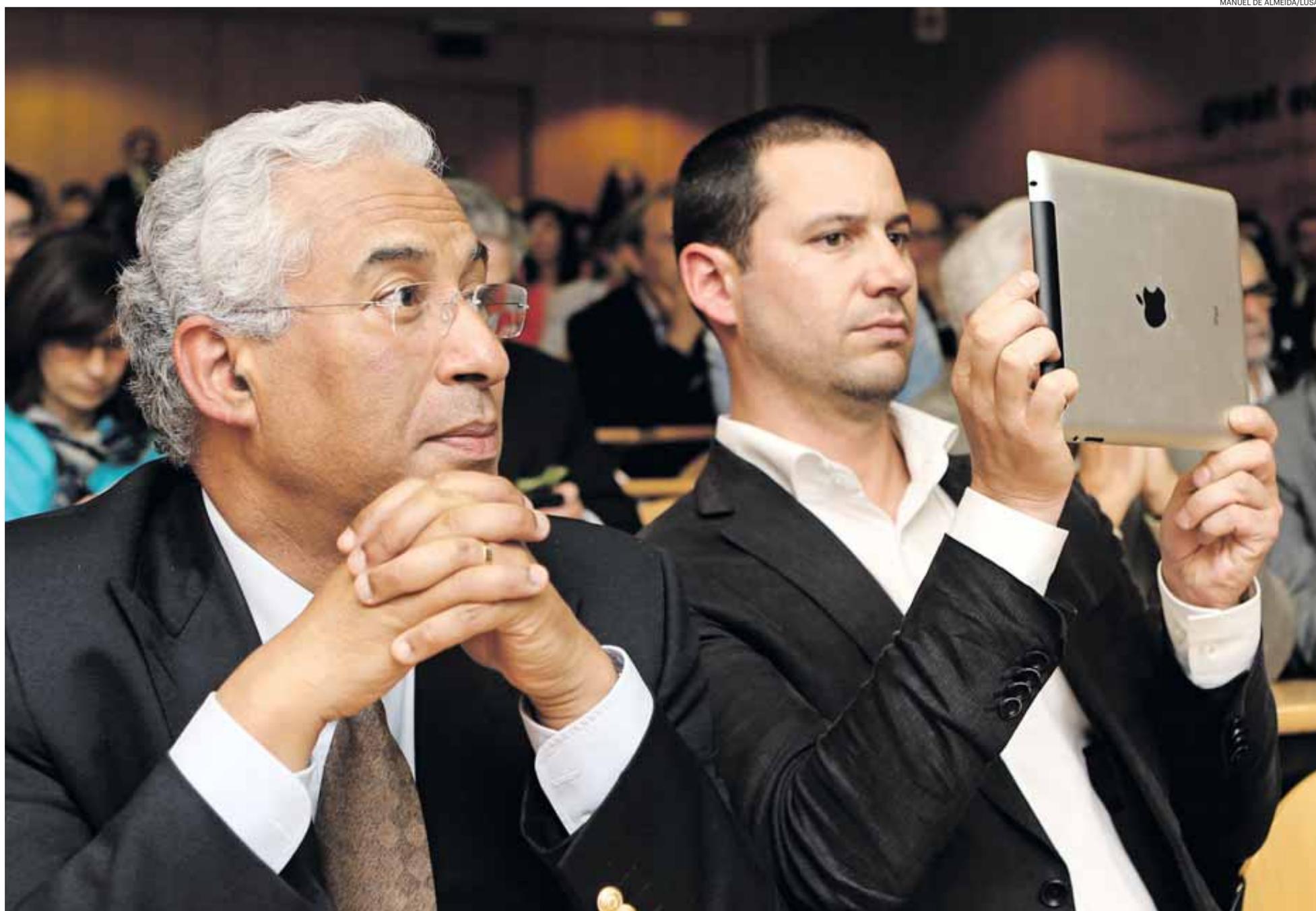
“

Aos democratas, não lhes compete prender, banir ou mandar calar os populistas

Aos democratas compete-lhes fazer melhor e com mais competência do que fazem hoje. E de modo a que a população sinta e perceba

Destaque Crise no Governo

MANUEL DE ALMEIDA/LUSA



No caso TAP, mente João Galamba ou mente o assessor?

TAP, mentiras e SIS. A história estrambólica com várias versões da exoneração do assessor que acusa Galamba de querer mentir à Comissão Parlamentar de Inquérito

Ana Sá Lopes, Marta Moitinho Oliveira e Leonete Botelho

O Ministério das Infra-Estruturas foi esta semana cenário de um dos mais bizarros episódios que aconteceu a um Governo desde o 25 de Abril (não conta a vez em que o Governo Pinheiro de Azevedo entrou em greve).

O adjunto Frederico Pinheiro acusou o ministro de querer ocultar dados à Comissão de Inquérito à TAP, foi proibido de entrar no ministério depois de ser exonerado por telefone, entra para reaver o computador pessoal que não lhe querem dar, parte um vidro com uma bicicleta, as assessoras fecharam-se na casa de banho sob ameaças de agressões físicas, enquanto o ex-adjunto telefonava à polícia para o retirarem do ministério de onde não conseguia sair.

No fim, é o SIS que vai buscar o computador portátil que Frederico Pinheiro leva para casa. O Governo

moveu-lhe uma queixa-crime por se apropriar de bens do Estado – o tal computador pessoal.

João Galamba, o ministro acusado pelo assessor de querer mentir à Comissão de Inquérito à TAP, demorou duas horas a reagir ao comunicado do seu ex-adjunto. A decisão foi a de não se demitir.

Em três parágrafos, diz que “nega categoricamente qualquer acusação de que, por qualquer forma, tenha procurado condicionar ou omitir informação prestada à CPI da TAP” e enfatiza que “pelo contrário, toda a documentação solicitada pela CPI foi integralmente facultada”.

O terceiro parágrafo reza assim: “A propósito da exoneração de Frederico Pinheiro, esclarece-se que a mesma decorre do facto de o então adjunto ter repetidamente negado a existência de notas de reunião que eram solicitadas pela CPI, o que poderia ter levado a uma resposta errada à CPI por parte do gabinete do Ministério das Infra-estruturas”.

O adjunto Frederico Pinheiro emi-

tiu um comunicado onde faz a sua cronologia dos factos. À SIC, contou como foi sequestrado no Ministério das Infra-Estruturas, quando lá foi depois de ter sido exonerado telefonicamente para buscar o computador pessoal.

A questão que dividiu ministro e assessor foram as “notas” tiradas durante uma reunião entre o deputado do PS Carlos Pereira, a CEO da TAP e o assessor do ministro a 17 de Janeiro que, segundo João Galamba contou a próximos, nunca mais lhe entregava as notas. A versão do adjunto é que Galamba não queria divulgar as notas.

Segundo o comunicado de Frederico Pinheiro, o gabinete de Galamba tinha a intenção de responder à Comissão Parlamentar de Inquérito à TAP “de que não existiam notas da reunião”. “Nesse momento Frederico Pinheiro indica à técnica que, como sabia, tal era falso e que (...) era provável que fosse chamado à CPI e seria obrigado a contradizer a informação que estava naquela proposta, com a qual discordava”.

Continua o comunicado de Frederico Pinheiro: “No dia seguinte, 25 de Abril, o ministro das Infra-Estruturas contacta Frederico Pinheiro por mensagem e por telefone e, em ambas as ocasiões, Frederico Pinheiro deixa claro que a decisão que tomaram de não revelar a existência das notas teria de ser revista. João Galamba teve uma reacção irada.” Uma versão: o ministro terá ameaçado o assessor de lhe dar “um murro” e exonerar-o por telefone. Segundo o comunicado divulgado por Frederico Pinheiro, houve ainda uma reunião entre o ministro e a CEO da TAP na véspera da tal ‘reunião secreta’, encontro que nunca havia sido divulgado antes.

Depois de exonerado, Frederico Pinheiro decidiu deslocar-se ao ministério para levar o computador onde tinha os documentos referentes à reunião, com o objectivo de fazer um *back-up*, até para se defender no quadro da comissão de inquérito. O ministério chamou o SIS para reaver o computador do Estado que o adjunto usava e instaurou um processo-crime ao ex-assessor.

Versões contraditórias

Continua o comunicado de Frederico Pinheiro: “No dia seguinte, 25 de Abril, o ministro das Infra-Estruturas contacta Frederico Pinheiro por mensagem e por telefone e, em ambas as ocasiões, Frederico Pinheiro deixa claro que a decisão que tomaram de não revelar a existência das notas teria de ser revista. João Galamba teve uma reacção irada”.

Segundo um relato feito ao PÚBLICO por fonte próxima de Galamba, contudo, tudo terá começado a 5 de Abril, quando se fez o levantamento de toda a informação relativa à reunião ‘secreta’ entre um deputado do PS, a então CEO da TAP e adjuntos do

ministro das Infra-estruturas, realizada na véspera da audição de Christine Ourmières-Widener na Comissão Parlamentar de Economia. Numa reunião do gabinete de João Galamba para preparar a documentação a enviar à comissão de inquérito, Frederico Pinheiro terá garantido – segundo alguns dos presentes – que não tinha notas nem grande memória sobre a reunião de 17 de Janeiro.

A 24 de Abril, último dia do prazo de resposta à solicitação da CPI, quando um dos elementos do gabinete disse que ia responder às questões colocadas e referir a ausência de notas, Frederico Pinheiro terá afirmado que, afinal, tinha notas pessoais escritas mas que teria de as reescrever para serem perceptíveis e que as enviaria mais tarde. Só que não as terá enviado e deixou de responder a telefonemas e mensagens durante várias horas. Foi nessa altura que o ministério terá pedido à comissão de inquérito um prolongamento do prazo para entrega das respostas até 26 de Abril.

Ao longo do dia 25 de Abril, a chefe de gabinete do ministro e o próprio João Galamba terão tentado, por múltiplas vezes, insistir com Frederico Pinheiro para o envio das notas, tendo este respondido que era impossível enviá-las porque estava sem o seu computador. Só as terá enviado por *email* cerca das 22h30 desse dia, ou seja, mais de 24 horas depois de lhe ter sido solicitado que as enviasse.

Na quarta-feira os documentos foram então enviados para a CPI, incluindo as notas do adjunto, identificadas como pessoais porque não tinham sido confirmadas por nenhum dos presentes na reunião. Nessa mesma noite, quando aterrou de uma viagem a Singapura, João Galamba informa Frederico Pinheiro da sua exoneração devido a esses antecedentes, considerando que tinha tido um comportamento não conforme com as responsabilidades de um adjunto de um gabinete ministerial. E ter-lhe-á comunicado também que ficava proibido de voltar ao Ministério das Infra-Estruturas.

Pouco depois, porém, Frederico Pinheiro terá voltado ao edifício do ministério para recolher o computador portátil que usava em funções, altura em que terá sido interceptado por outros membros do gabinete (todas mulheres) que tentaram evitar que levasse o equipamento. Houve gritos, confrontos físicos e até há relatos de socos nas pessoas que o rodeavam. Frederico Pinheiro terá ficado retido no edifício e terá arremessado a sua bicicleta contra os vidros da fachada. Mas quando foi interceptado pela polícia, deixaram-no sair.

PSD, Bloco de Esquerda, Iniciativa Liberal e Chega afirmaram que João Galamba já não tem condições para continuar como ministro. Marcelo Rebelo de Sousa ainda não se pronunciou sobre o inaudito episódio.

As sete perguntas que afinal foram ensaiadas

Reunião secreta entre a CEO da TAP e o Governo

Documentos entregues pelo Governo à comissão parlamentar de inquérito (CPI) e divulgados por alguns órgãos de comunicação levantaram o véu sobre a polémica reunião da então presidente executiva (CEO) da TAP com o Ministério das Infra-Estruturas e o deputado do PS Carlos Pereira na véspera da audição de Christine Ourmières-Widener, em Janeiro no Parlamento. Sabe-se agora que este encontro serviu, efectivamente, para combinar as perguntas e respostas que deviam ser feitas e dadas na comissão parlamentar.

Vamos por partes: antes do início da reunião, o ministro das Infra-Estruturas, João Galamba, foi questionado pelo seu adjunto e responsável por coordenar a reunião, Frederico Pinheiro, sobre se Christine Ourmières-Widener nela podia participar. Em resposta, João Galamba escreveu apenas “Pode”. As mensagens foram trocadas por WhatsApp e divulgadas pela SIC, mas, até então, está ainda por esclarecer quem incentivou a realização da reunião. O certo é que o ministério de João Galamba continua a afirmar que foi a CEO da TAP a solicitar este momento com os deputados do PS (opondo-se ao que Christine Ourmières-Widener avançou). Além disso, acrescentou o gabinete num comunicado enviado a 6 de Abril, “em conformidade com a prática parlamentar e de todos os grupos parlamentares, as reuniões entre deputados, membros do Governo, dirigentes da administração pública ou de empresas públicas são comuns”.

À comissão parlamentar de inquérito (CPI), porém, chegaram notas que Frederico Pinheiro enviou ao ministro João Galamba após a reunião secreta com a CEO, onde se entende que foram combinadas as perguntas e respostas que deviam ser ouvidas na comissão parlamentar. A audição em causa — e que se revela agora ensaiada — foi a primeira em que Christine Ourmières-Widener abordou a saída de

Alexandra Reis publicamente. Até à divulgação destas mensagens, a versão dada pela presidente executiva da companhia era a de que a reunião não tinha servido para combinar o que cada um tinha a dizer no dia seguinte.

Foram sete as perguntas que deveriam ser feitas pelo deputado socialista Carlos Pereira:

1. Que razões levaram à saída de Alexandra Reis?
2. Que funções tinha?
3. Esteve envolvida nos processos de reestruturação, nomeadamente salários?
4. A relação entre o CEO da TAP e a legalidade de indemnização.
5. Contratação da SRS [Sociedade Rebelo de Sousa, advogados] porquê? Já trabalhava para a TAP?
6. O departamento jurídico acompanhou? Fez algum alerta?
7. Comunicação entre *chairman* e CEO?

As respostas que Christine Ourmières-Widener deveria dar encontram-se também nas notas enviadas:

1. Sobre as razões da saída de Alexandra Reis: há divergências sobre a implementação do Plano de Reestruturação. Tem de haver um alinhamento de posições.
2. Não há nada pessoal, isso é chocante até pensarem nisso.
3. Sobre comunicação com Governo, enviámos tudo para IGF [Inspeção-Geral das Finanças], comunicações escritas entre mim e o Governo.
4. Enviei comunicações para H. M. [Hugo Mendes, antigo secretário de Estado de Pedro Nuno Santos].
5. A Sociedade Rebelo de Sousa já estava a trabalhar com a TAP.
6. *Chairman* esteve sempre envolvido e disse-me que falou com o Governo. Ele assinou o documento.
7. O Departamento jurídico da TAP não acompanhou as negociações.
8. Não podíamos ter feito isto sem o OK do accionista, deixaram de fora os advogados da TAP por causa dos conflitos de interesse e confidencialidade.

**Mariana Marques
Tiago**

Caso do Novo Banco Investigação de fugas de informação inconclusiva

Marta Moitinho Oliveira

A comissão parlamentar de inquérito (CPI) à TAP abriu a porta à averiguação dos responsáveis pela divulgação de informações reveladas pela comunicação social por estas serem confidenciais. Ao que o PÚBLICO apurou, será seguido o figurino de investigação que foi usado na CPI do Novo Banco. Em 2021, houve uma fuga de informação naquela comissão de inquérito — tratou-se do famoso relatório Costa Pinto que tinha sido entregue àquela CPI como confidencial.

Edite Estrela, que era vice-presidente do Parlamento, teve essa missão a cargo. Ao PÚBLICO, a deputada socialista conta que a investigação foi feita — ouviram-se os deputados da comissão e os assessores —, mas “não foi possível identificar onde teria havido a fuga de informação”.

A também agora vice-presidente adianta que “não houve indícios de que tivesse acontecido no Parlamento” e, além disso, realça que, “antes de ter saído da origem, alguém o [documento] poderia ter divulgado”. “Não havia forma de concluir”, rematou. Há, assim, uma variável externa ao Parlamento que será praticamente impossível controlar no âmbito de uma investigação na Assembleia.

No entanto, o caminho que as informações sigilosas seguem dentro do Parlamento é hoje mais conhecido.

Embora a investigação sumária feita na CPI do Novo Banco tenha terminado sem identificar os autores da fuga de informação, ela deixou recomendações sobre práticas a seguir para garantir a segurança da informação e conhecer-lhe o rasto.

Entre as melhorias sugeridas estavam o estabelecimento de “procedimentos de custódia de informação” e o facto de “passar a existir um cofre exclusivo de cada comissão de inquérito”.

Segundo relatos de membros da comissão de inquérito, foi criada uma espécie de sala secreta onde estão os documentos. Antes, aquando da CPI do Novo Banco, cada deputado podia consultar os documentos a partir do seu computador.

À chegada à sala secreta, os deputados assinam uma folha na qual fica registado o nome, quando entrou e quando saiu da sala. Mas se forem consultar os documentos que estão no cofre, os deputados têm de preencher uma outra folha de acesso.

Espaço público

Na TAP, a mentira seria pior do que a violação do segredo

Editorial



Manuel Carvalho



Com a crise da TAP perto do meio ano de vida, estas novas revelações já não aprofundam apenas a noção de descontrolo do Governo; afectam também a relação dos cidadãos com a política e a democracia

O primeiro-ministro exigiu à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) o apuramento de toda a verdade sobre a tutela política da gestão da TAP, “doa a quem doer”. A ferida sangra o Governo, mas nem isso justifica o estranho desconforto do PS com a revelação de documentos indispensáveis para essa verdade. Ninguém consegue compreender o carácter secreto de *emails* que provam a combinação das perguntas e respostas a dar a uma comissão parlamentar entre a CEO da TAP, o grupo parlamentar do PS e o Ministério das Infra-Estruturas. Ninguém entende como poderiam ficar à margem do conhecimento público provas documentais que atestam a inexistência de um parecer jurídico para fundamentar o despedimento por justa causa da CEO.

O carimbo do secretismo colocado nesses documentos tinha apenas uma finalidade: a de condicionar os

deputados. Se eles souberem do seu teor e, à luz das regras parlamentares, ficassem condicionados pelo dever de sigilo, não estavam a prestar um bom serviço à transparência democrática nem ao escrutínio que lhes cabe fazer do Governo. Não estando em causa questões do foro privado, matérias sensíveis para a segurança do Estado ou dados capazes de comprometer, por exemplo, investigações judiciais, a pretensão do secretismo é neste caso absurda e inaceitável.

É por isso que o presidente da CPI, o socialista Jorge Seguro Sanches, falha o alvo ao denunciar um pretenso “ataque ao coração da democracia”. Se o seu empenho fosse apenas a verdade e o direito dos cidadãos a serem informados, deveria antes ter protestado junto do Governo pela atribuição do carácter sigiloso aos documentos.

O que estava em causa era saber se o Governo decidiu a demissão por justa causa de Christine Ourmières-Wiedener com sólidos

fundamentos jurídicos ou se em causa esteve apenas uma “batalha política”; o que importava esclarecer era se o ministro João Galamba participou ou não na promoção do encontro no qual o Governo encenou um simulacro da sua própria verdade. Sem os documentos, subsistia margem para dúvida legítima; com os documentos pode-se confirmar com mais substância o pântano onde o Governo se atola.

Com a crise da TAP perto do meio ano de vida, estas novas revelações já não aprofundam apenas a noção de descontrolo do Governo; afectam também a relação dos cidadãos com a política e a democracia. Já não contam apenas os danos ao executivo, começam a sobrelevar os custos para o país. O caso da TAP corrói o ânimo, desfoca o país da batalha pelo futuro, degrada as instituições e deslegitima o Governo. Não está em causa uma dissolução, mas o Governo só poderá ser o que o país dele espera se se reinventar.

CARTAS AO DIRECTOR

Hipocrisia

O discurso do deputado Rui Tavares (R.T.) na sessão comemorativa do 25 de Abril devia ser distribuído, gratuitamente, ao povo português. Foi breve, mas incisivo e pedagógico e mostrou a hipocrisia reinante na Assembleia da República. Chamou a atenção para um acontecimento que a imprensa e as televisões quase não falaram, o que é sintomático do estado da informação em Portugal – a visita recente da Presidente da Hungria a Portugal. Mas disse mais e talvez o essencial – que a campanha de Viktor Orbán na Hungria, para chegar ao poder, foi igualzinha à campanha de Bolsonaro e ao discurso de Ventura em Portugal. Clamando contra a podridão do sistema e contra a corrupção, quando chegado ao poder tornou o país numa autocracia e colocou os seus amigos e parentes à frente das empresas e dos lugares de Estado.

As boas intenções proclamadas

pela extrema-direita mundial, de purificar o sistema político, são, afinal, o desejo de fazer o mesmo, agravado pela destruição da democracia. O Parlamento português recebeu um alto dirigente da Hungria sem ninguém se opor ou fazer críticas, só porque a Hungria é membro da UE e a senhora em causa ser de extrema-direita. Onde estavam os pseudodemocratas que tanto barulho fizeram com Lula, chefe de Estado de um país democrata? Dois pesos e duas medidas e muita hipocrisia. Só um historiador como R.T. pode ir ao fundo das questões e mostrar a todos as realidades políticas que se repetem, infelizmente, na História.

*José Carlos Palha,
Vila Nova de Gaia*

Democracia representativa e totalitarismos

Não posso deixar de felicitar Angélique Da Teresa, vice-presidente da IL, pelo artigo

publicado no PÚBLICO de quinta-feira, pela resposta certa ao artigo publicado anteontem de Carmo Afonso. É de facto estranho que Carmo Afonso ponha em causa que os regimes comunistas não são totalitários, formal ou informalmente. Veja-se, aliás, o que sucedeu em Portugal entre 15 de Março e 25 de Novembro de 1975. Nessa altura, Carmo Afonso deveria ser uma criança, mas eu, com os meus 79 anos, lembro-me bem das barbaridades que sucederam nesse período, instigadas pelos extremistas de esquerda e comunistas, civis e militares.

Lembro que a 25 de Abril corrente um deputado da Duma (Parlamento russo) afirmou que deveriam voltar aos tempos do estalinismo “para repor a disciplina”. Grandes democratas! *Carlos Seara Cardoso, Porto*

Equivalências falaciosas

Fez-me bem ler a crónica de Carmo Afonso (C.A.), no PÚBLICO

de 26 de Abril. Confirma a tese que eu venho congeminando há anos para compreender o fenómeno de se misturar na mesma frase o antifascismo com o anticomunismo. Celebrar o fim do fascismo em Portugal faz todo o sentido, sobretudo para quem cá viveu enquanto ele existiu, ou respeita as memórias dos seus pais ou avós. Já celebrar o anticomunismo não pode ter o mesmo valor, pela simplicíssima razão de que, não obstante alguns “papões”, nunca vivemos em comunismo. C.A. tem o cuidado de lembrar que, aos milhares de comunistas que foram presos, torturados e até assassinados, “por serem a resistência ao regime”, devemos a liberdade democrática. Que me conste, nada devemos aos anticomunistas que não só não foram presos e torturados, como não nos libertaram de jugo nenhum.

Acima de tudo, agradeço a C.A. a escalpelização da ideia de “liberdade” que, só aparentemente, é do domínio comum. A liberdade alardeada

pela IL e outros anticomunistas nada tem que ver com a “liberdade colectiva e material” que o povo, em 1974, demonstrou querer ao confrontar as classes dominantes na altura. A liberdade que não lhes sai da cabeça é apenas a “individual e económica”, pela qual anseiam para, em seu nome, exercerem sobre todos os outros o poderio da força económica e financeira, criando *lobbies*, monopólios e cartéis.

Em Portugal, é espúrio tentar fazer a equivalência do fascismo com o comunismo. Daquele, sabemos tudo, deste, sabemos apenas – e já não é pouco, convenhamos – aquilo que alguns, lá muito longe, fizeram em aplicações práticas que se afastaram dos princípios fundamentais e, na realidade, deram mau resultado. Mas a confusão entre os conceitos dá muito jeito a alguns profetas do medo. São bons para defenderem a sua coutada privada... não vá o diabo tecê-las.

*José A. Rodrigues,
Vila Nova de Gaia*

ESCRITO NA PEDRA

A nossa dignidade consiste no pensamento. Procuremos pois pensar bem. Nisto reside o princípio da moral
Blaise Pascal

A vida num só dia

Ainda ontem



Miguel Esteves Cardoso

ERara a noite em que me deite, mais morto do que vivo, e não adormeça a pensar no que aconteceu com o meu dia. Acordei fresco e cheio de genica, convencido de que tudo era possível. Fiz tantos planos! Mas, à medida que a tarde e a noite se iam arrastando, fui perdendo a energia, até estar aqui depositado, à espera de que o sono tenha pena de mim.

O que vale é que o percurso é igual todos os dias. Sei quando adormeço que vou acordar um homem novo e, em vez de chorar a decadência da jornada, dou graças pela eficácia do sistema de carregamento das pilhas.

Não será cada dia como uma pequena vida? Não será cada noite um ensaio para a morte? Imagine-se, para simplificar, que dormimos da meia-noite até às oito da manhã.

Levantamo-nos às oito e estamos acordados durante 16 horas.

Supondo que uma vida tem à volta de 88 anos, podemos assim determinar que cada hora dessas 16 horas em que estamos acordados corresponde a 5,5 anos de vida.

Assim, às nove da manhã temos cinco anos e meio, depois de uma infância espectacular. Às dez chegamos aos 11 anos. Arranca a puberdade e eis-nos lançados na adolescência. Às 11 horas já temos 16,5 anos e ao meio-dia já temos idade para almoçar fora: 22 aninhos. Às duas da tarde, já com o almoço a pesar, já estamos com 33 anos. Também já pesam. Mas pronto. Aceitam-se com serenidade: ainda está a tarde pela frente.

Mas a tarde paga-se cara, porque à hora do gin tónico, lá para as 18 horas, a pessoa que vai pegar no copo já leva com 55 anos em cima. E mesmo o gin tónico não ajuda a suportar o susto do pôr-do-sol, aí pelos 66 anos de idade – ou oito da noite em horas antigas.

A noite ainda é uma menina, mas nós às nove da noite já não nos livramos de ter 71 anos e meio de memórias distantes.

Só morremos à meia-noite, quando tocam as 88 badaladas no cartão do cidadão. Por isso, há que aproveitar bem as doces 22 horas (77 anos) e até as salgadas 11 da noite (82,5) em que até os transeuntes nos sussurram: “Já falta pouco...”

O NÚMERO

217

Mortalidade infantil com aumento ligeiro no ano passado: morreram 217 bebés com menos de um ano, mais 26 do que em 2021

ZOOM DEVOLUÇÃO DE BENS CULTURAIS AO PERU



A Imaculada Conceição da Capela de Nossa Senhora de Ninabamba é exibida em Lima. O Ministério da Cultura do Peru recebeu 181 peças do património cultural do país repatriadas da Alemanha, Argentina, Espanha, EUA, Reino Unido e Suíça

P

publico.pt



Lisboa

Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto

Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR

Manuel Carvalho

Directores adjuntos

Amílcar Correia, Andreia Sanches, David Pontes, Tiago Luz Pedro

Directora de arte

Sónia Matos

Directora de design de produto digital

Inês Oliveira

Editores executivos

Helena Pereira, Sónia Sapage

Editor de fecho

José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Patrícia Jesus, Ivo Neto, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro (editores), Carolina Amado, Filipa Almeida Mendes, José Volta e Pinto, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Ruben Martins (áudio); Joana Bougard (editora Multimédia); Carlos Alberto Lopes, Carolina Pescada, Joana Gonçalves, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais); Patrícia Campos, Lucas Freitas; Rui Barros (jornalista de dados) **Política** Leonete Botelho (editora), David Santiago (subeditor), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Henrique Pinto de Mesquita, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Marta Moitinho Oliveira, Nuno Ribeiro, Sofia Rodrigues **Mundo** António Rodrigues (editor), Paulo Narição Reis (editor adjunto), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Saraiva Lima, João Pedro Pincha, João Ruela Ribeiro, Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Rita Ferreira, Pedro Sales Dias (editores), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Natália Faria, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Cristina Ferreira, Sérgio Anibal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Teresa Sofia Serafim, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Gabriela Gómez (infografia), Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Rodrigo Julião (webdesign) **Tecnologia** Karla Pequeno **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terror** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Ana Fidalgo, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Daniela Oliveira, Nuno Moura, **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.

Presidente Ângelo Paupério

Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim

Direcção Comercial João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao**

Cliente Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de**

Produto Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410

Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 |

Impressão Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa

Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP –

Distribuidora de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca,

2739-511, Aigualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Março 19.794 exemplares

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação

expresso no seu Estatuto Editorial publico.pt/nos/estatuto-editorial

Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem

ser enviadas para leitores@publico.pt

ASSINATURAS Linha azul 808 200 095 (dias úteis das 9h

às 18h) publico.pt/assinaturas - assinaturas@publico.pt

Espaço público

O Alzheimer e os tribunais

Escrever
Direito



Francisco Teixeira da Mota

O Estado mental dos cidadãos é uma questão que atravessa as mais diferentes áreas do direito e da Justiça. No caso do Raul, a questão que os tribunais tiveram de decidir era a de saber se ele sabia o que fazia e o que dizia quando fez o seu testamento em 28 de Fevereiro de 2020.

O Jorge, o seu único sobrinho, embora vivesse no Luxemburgo, mantinha contactos regulares com o tio, visitando-o sempre que vinha a Portugal, foi pedir ao tribunal que fosse anulado o testamento em que deixara tudo a Reinaldo. Segundo alegava, o tio há anos que apresentava sinais de demência, tendo, por vezes, um discurso confuso, com falhas de memória associadas e alterações comportamentais adjacentes à progressão da demência de Alzheimer. E, inclusive em 2021, um tribunal tinha decretado medidas de acompanhamento do Raul, tendo sido o Jorge e a mulher nomeados como acompanhantes, com o poder de representação geral do Raul e a administração total dos bens; no relatório

do Instituto de Medicina Legal, constante desse processo, afirmava-se que o Raul padecia de demência de Alzheimer, pelo menos, desde maio de 2015. E ainda que o Raul apresentava alterações na atenção, memória, linguagem e função executiva. Evidenciava também alterações do comportamento. O quadro clínico descrito denunciava uma evolução crónica e irreversível, com tendência para o declínio e agravamento progressivos.

Pelo seu lado, a notária que celebrara o testamento e que conversara com o Raul notara que se encontrava triste, mas que de nenhuma forma lhe parecera nervoso, pressionado e não lhe restou qualquer dúvida de que estava lúcido.

Certo é que o tribunal de 1.ª instância, sobretudo tendo em conta o relatório de Medicina Legal, anulou o testamento por considerar que à data do testamento a saúde mental do Raul já se encontrava bastante deteriorada, e que o testamento não exprimia a sua real vontade por o mesmo se encontrar impedido de entender o sentido da sua declaração.

O Reinaldo recorreu para o Tribunal da Relação de Coimbra onde dois juízes desembargadores, Fernando Monteiro e Rui Moura, concluíram que não estava provado que o estado de demência intermitente do Raul o tivesse impedido de saber o que estava a fazer, quando celebrara a escritura. Como constava no relatório de Medicina Legal, “a demência na doença de Alzheimer é um quadro neurodegenerativo,

progressivo e irreversível, caracterizado por défices em múltiplos domínios cognitivos, nomeadamente atenção, memória, linguagem, praxia, gnosia, capacidade visuoestrutiva e função executiva, que acarretam impacto no funcionamento, afetando a autonomia, a independência e a responsabilidade social da pessoa”. Mas, acrescentaram os desembargadores, a “demência num estado não grave, sem mais pormenorizada caracterização, não gera necessariamente incapacidade permanente, mas mera intermitência nas faculdades de entender e querer, sem afastar períodos de plena lucidez”. E, até ao internamento hospitalar, que ocorrera em 16 de março de

2020, já depois da celebração do testamento, o Raul lia o jornal, fazia compras sozinho e pagava as refeições nos restaurantes que frequentava. Pelo que consideraram não estar provado que o Raul não tinha consciência do que estava a fazer aquando da celebração do testamento pelo que este era válido e o Reinaldo tinha direito a receber tudo e o sobrinho Jorge, nada.

Optaram, assim, pela corrente largamente maioritária dos nossos tribunais que só consideram dever ser anulado um testamento, quando se faz prova de que, na própria hora da celebração do mesmo, o testador estava incapacitado. Prova, claro, extraordinariamente difícil de se fazer.

Mas houve um voto vencido. O juiz desembargador Carlos Moreira concordou com a decisão da juiz da 1.ª instância e foi contundente na sua declaração de voto: “O que perpassa de todos os factos provados – mesmo considerando apenas os provados no recurso –, devida e sagazmente interpretados, é que houve por parte do Reinaldo um aproveitamento ilegítimo e indevido das fragilidades pessoais do Raul. Por conseguinte, confirmaria a sentença.”

Mas “um aproveitamento ilegítimo e indevido das fragilidades pessoais” de um testador, com intervalos de demência e lucidez, será suficiente para anular um testamento? Tradicionalmente, para os nossos tribunais não é, mas a Justiça é um constante devir...

Advogado. Escreve ao sábado



Os juízes optaram pela corrente maioritária dos nossos tribunais que só considera dever ser anulado um testamento quando se prova que, na hora da celebração, o testador estava incapacitado

Uma intolerável canhonada



J.-M. Nobre-Correia

Nos anos 1970, uma convergência de acontecimentos abala a história portuguesa contemporânea. Dá-se, primeiro que tudo, claro, o 25 de Abril e a eclosão imediata ou progressiva da democracia e do Estado de direito. Paralelamente, opera-se um mais largo acesso aos diversos níveis de ensino, assim como a uma sensível melhoria das condições de vida económica dos chamados meios populares. E, como consequência deste último aspeto, assiste-se também a uma vasta expansão dos recetores de televisão, o que traduz uma certa ascensão social de boa parte da população.

As emissões de televisão invadem os lares e, lentamente, vão tendo repercussões na vida social, transformando-a

perceptivelmente. Com os cidadãos passando a frequentar cada vez menos os tradicionais lugares de sociabilidade (cinemas, cafés, associações...), ficando em casa para assistir a programas propostos pelo único canal e, a partir de 1978, por dois canais. E, entre esses programas, telegiornais e demais emissões de informação.

A importância tomada pela televisão em matéria de informação e divertimento nos pós-25 de Abril é progressivamente tanto maior que os hábitos de leitura tinham até então sido largamente condicionados pela alta taxa de analfabetismo, pela falta de credibilidade de uma informação escrita previamente censurada e pelo baixo poder de compra de potenciais leitores de outros meios de informação. Até porque a sedução das imagens facilita a rápida conquista das audiências, embora as legendas limitem ainda fortemente a compreensão do que é proposto.

A televisão passa, assim, a ser a principal dispensadora de informação e de cultura da grande maioria da população. É ela que lhe mostra pessoas, coisas e lugares antes desconhecidos. Que lhe propõe uma certa abordagem da vida no mundo e na sociedade portuguesa. Que lhe sugere grandes temas de

conversa em família e em sociedade. Que lhe inculca uma linguagem, uma terminologia, e até formas de exposição e de argumentação.

Porém, o “espírito do tempo” no pós-25 de Abril faz que os programas, e muito especialmente as emissões de informação e os telegiornais, sejam concebidos numa perspetiva militante. Num militantismo de certo modo generoso, mas claramente enviesante no que diz respeito ao tratamento dos factos de atualidade. E, depois, com o aparecimento das televisões privadas em 1992-1993, a lógica da concorrência impõe-se, degenerando a disputa das audiências numa guerrilha permanente entre programas de informação.

Com o decorrer do tempo, as derrapagens no tratamento da informação passam a ser o-pão-nosso-de-cada-dia. Em termos de seleção e hierarquização dos acontecimentos de atualidade, a prioridade é dada a assuntos sensacionais que têm sobretudo três origens: os “*faits-divers*”, o futebol e a partidarice. E com esta terceira origem, são as declarações de uns e de outros (e maioritariamente sempre dos mesmos), as tricas entre eles e os exageros de linguagem que são privilegiados, reduzindo a vida política a uma detestável fulanização

desprovida de consistência e de escrúpulos.

Estender “micro” e câmara a todo e qualquer mandatário público ou galonado, assim como a indivíduos capazes de mandar umas “bocas” e pronunciar umas inépcias, é o tratamento preferido pela maioria dos jornalistas de televisão. Jornalistas que quase nunca se preocupam em recolher e verificar os factos, e muito menos em elaborar cuidadosamente elementares sínteses e perspetivações dos ditos factos.

As singulares conceções de independência, objetividade e pluralismo que reinam no meio levam jornalistas de televisão a preferir declarações que “arrasam” (termo que adoram) decisões da administração pública e gestos que violam a legalidade instituída. E dão mesmo a primazia às críticas virulentas que visam a vida política e os políticos. Praticando uma canhonada diária sem tréguas do Estado de direito e da democracia que, ao longo dos recentes decénios, tem formado a cultura de base das gentes deste país. Admiremo-nos depois com a mais que sombria evolução ideológica que se anuncia...

Professor emérito de Informação e Comunicação da Université Libre de Bruxelles

Elogio em causa própria que não é vitupério



José Pacheco Pereira

Este esforço da Associação Cultural Ephemera é único e ninguém no país, nem à força de muitas centenas de milhares de euros, fez, faz o que fizemos

Este artigo contém todos os conflitos de interesse possíveis. E isso significa, claro, que tem vantagens. A Associação Cultural Ephemera ganha alguma coisa com artigos como este, mas, começando já nos elogios, é mais que merecido. Temos tido uma atenção irregular, mas considerável da comunicação social, mas neste artigo o que me interessa é o conjunto do que estamos a fazer nestes dias, e não os detalhes das exposições mais “famosas” – e isso ninguém cobre. Falo, como é óbvio, da actividade do Ephemera nestes meses de Março-Maio, centrada nas datas emblemáticas do 25 de Abril e Primeiro de Maio, principalmente exposições e debates.

Mas como na realidade o “ganho” contém dezenas de horas de trabalho voluntário, que se fosse pago valia muito, parcerias *pro bono* e, nalguns casos, muito dinheiro próprio gasto sem qualquer retorno, estou à vontade para o escrever. Claro que alguns serviços, transportes, molduras, montagem, design, mobiliário foram da responsabilidade em particular de autarquias ou instituições que beneficiaram dos eventos nos seus programas culturais e cívicos. Mas, na maioria dos casos, estão longe de “pagar” o que habitualmente pagam por um décimo do que lhes foi oferecido e proporcionado. E, mesmo nalguns casos, tratando-se de pequenas autarquias, de escolas, e outras instituições “pobres”, nem isso custa, porque nada lhes é cobrado. Este esforço é único e ninguém no país, nem à força de muitas centenas de milhares de euros, fez, faz o que fizemos. Temos gosto, sentido cívico e orgulho e por isso falamos disso em todo o lado sem falsa modéstia. Nem tudo é perfeito, mas pedimos meças.

Veja-se a dimensão, com números. Neste período,

– **um**, participou-se na exposição dos Tesouros dos Arquivos do Barreiro em Lisboa na Gare Marítima de Alcântara;

O ruído do mundo



Gravura usada num boletim de um sindicato democrático antes do 25 de Abril

– **dois**, abriu-se uma exposição com cartazes artesanais na Junta de Freguesia de Argoncilhe (Santa Maria da Feira);

– **três**, abriu-se uma outra exposição sobre a “face dos livros”, as capas, na Guarda;

– **quatro e cinco**, duas em Viseu, uma de cartazes do 25 de Abril na Escola Secundária Alves Martins e outra sobre a censura na Casa Amarela;

– **seis**, uma exposição sobre a censura dos livros em Odemira;

– **sete**, uma exposição sobre os jornais dos dias de 25 de Abril a 1 de Maio de 1974, no Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana;

– **oito**, outra em Castelo Branco, na Escola Superior de Artes Aplicadas, também com cartazes das comemorações do 25 de Abril ao longo destes 49 anos;

– **nove, dez, onze**, mais três, em Lisboa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova,



Temos tido uma atenção irregular, mas considerável da comunicação social, mas neste artigo o que me interessa é o conjunto do que estamos a fazer nestes dias, e não os detalhes das exposições mais ‘famosas’ – e isso ninguém cobre

também com cartazes do 25 de Abril, e outra sobre os “sinais da liberdade” a partir da iconografia do 25 de Abril no Tribunal da Boa Hora. No Primeiro de Maio, inaugura-se outra em colaboração com a Comissão dos 50 Anos do 25 de Abril com o título *Unidos Venceremos*, sobre a resistência sindical e operária nos anos de 1968-1974, com dois núcleos, um em Lisboa e outro no Barreiro;

– **doze**, no Barreiro já está outra exposição na Escola Superior de Tecnologia sobre o impacto social da covid.

Doze ao todo, e vai haver mais em Junho, Julho e no último trimestre deste ano. Todas usando o vasto património do Arquivo Ephemera, desde um despacho da censura, a um cartaz de uma autarquia comemorando o 25 de Abril, a um filme de um comício negacionista da covid, a uma edição das várias do *República* no dia 25 de Abril, a uma capa de Almada, à estatueta de Cunhal vestido de jogador do Futebol Clube do Porto, a um humilde cartaz com cartão arrancado da tampa de uma caixa que diz esta coisa enorme “Não me Calo!”, ou um panfleto clandestino apoiando os operários da Abelheira, ou uma fotografia das filas de bancários a eleger a sua direcção “da classe”.

Em todos os locais, têm sido feitos debates, apresentações, visitas guiadas, num esforço enorme de deslocações por todo o país. E reparem nos locais: autarquias grandes e pequenas, escolas secundárias, politécnicos, universidades, clubes operários, bibliotecas locais. O cartaz artesanal em cartão numa manifestação ecológica em Lisboa, que foi reproduzido na capa do *New York Times*, não da capa, mas na capa, está com muita honra na Junta de Freguesia de Argoncilhe. Milhares de pessoas, incluindo muitas turmas de alunos de escolas de vários graus de ensino, já passaram por estas exposições, leram as legendas e os textos das folhas de sala, viram objectos reais e não imagens, documentos originais e não reproduções, fotografias inéditas e manuscritos únicos.

Não há melhor pedagogia da memória e isso dá frutos. O empreiteiro que está a demolir um armazém e pergunta se nos interessa os papéis que os trochas estão a pisar – vamos buscar e é o arquivo do MDP/CDE de Aveiro... O amigo que nos diz que o CDS de Coimbra fechou a sede e deitou tudo ao lixo e que se pode ir recolher *in extremis*... A senhora que viu a vizinha da frente colocar no lixo uma série de pastas, que recolheu e nos trouxe – toda a história da agricultura de Angola nos anos 50-60. Etc., etc., etc.

Como é que não podemos ter orgulho no nosso trabalho?

Historiador. Escreve ao sábado

Espaço público

A culpa também é dos jornalistas

Coffee break



Bárbara Reis

Quando não sabemos responder a uma pergunta, dizemos que “dava uma tese de doutoramento”. Ou seja, que é preciso tempo e trabalho para procurar a resposta.

É o caso da cobertura que os *media* fazem do partido português da direita populista e radical com assento parlamentar. Dão os *media* demasiada atenção ao Chega, “uma atenção desproporcional em relação ao que eles representam na nossa vida”, como disse no 25 de Abril o primeiro-ministro, António Costa?

Regresso ao tema, porque, na quarta-feira, alguns leitores escreveram-me para partilhar bons argumentos sobre o tema.

A melhor “carta” que recebi foi a de uma leitora com uma sensibilidade particular para o tempo.

Diz ela que não vê “muita televisão”, mas que ouve rádio e, na rádio pública, há muito que dá consigo a pensar: “Será que o que André Ventura pensa é assim tão relevante? Será que não estão os jornalistas inconscientemente a cair no risco de lhe dar tempo, sem perceber que é apenas uma forma de populismo ele achar tudo mal, errado e ‘uma vergonha’, e insistir que tem sempre algo a dizer, mesmo que seja a repetição do que disse há dois ou três dias?”

É uma boa pergunta. Com essa dúvida, a leitora decidiu contar os segundos que a rádio pública dá ao Chega, isto no Inverno, “muito antes do escândalo da TAP e da figura triste que, mais uma vez, Ventura fez no 25 de Abril”.

Há uns meses, num domingo ao fim da tarde, “resolvi contar os segundos que lhe deram num noticiário na Antena 1”.

Resultado? Ventura “teve três vezes mais tempo do que Costa”. Nesse noticiário, o primeiro-ministro falou 20 segundos e o líder do Chega falou “quase 60, dividido em várias entradas”, escreve a leitora.

Que conclui: “Acho sinceramente que tem tempo a mais... Se alguém se desse ao trabalho de analisar isto enquanto simples dados estatísticos, a conclusão poderia ser assustadora sobre o poder que lhe está a ser oferecido pela antena aberta. Parece-me que tal não acontece proporcionalmente com mais nenhum partido, como o Bloco de Esquerda [BE], o PCP, a Iniciativa Liberal [IL] ou o PAN... Os segundos dados às declarações de Ventura são muitas vezes completamente desproporcionais ao resto do noticiário.”

Inspirada nesta “carta”, vi agora três noticiários do dia 25 de Abril com um cronómetro ao lado.

Os factos: de manhã, na Assembleia da República (AR), falaram Augusto Santos Silva

e Luiz Inácio Lula da Silva; os 12 deputados do Chega ficaram de pé durante toda a sessão com cartazes a dizer que o Presidente brasileiro devia estar na “prisão” e bateram com as mãos nas mesas sempre que alguém o aplaudia; Santos Silva irritou-se e disse, de dedo em riste, “chega de degradarem as instituições, chega de porem vergonha no nome de Portugal”; houve duas manifestações nas laterais do Parlamento, uma a favor de Lula, outra contra Lula; à tarde, falou o Presidente, Marcelo Rebelo de Sousa, e todos os partidos com assento parlamentar, e milhares de pessoas desceram a Avenida da Liberdade com cravos ao peito.

Mais coisa, menos coisa, o dia foi assim. Como é que isto foi mostrado nos noticiários nobres das televisões?

Na RTP, o Telejornal das 20h abriu com o discurso de Rebelo de Sousa e deu-lhe mais de três minutos seguidos, incluindo 93 segundos de discurso directo. A seguir, vem Santos Silva, com 1min83s, dos quais 70 segundos são excertos directos.

A manifestação do Chega dentro do hemiciclo da AR apareceu ao minuto cinco e ocupou três minutos: o bloco foi preenchido com imagens dos deputados do Chega, o raspanete de Santos Silva, a irónica vénia de Lula aos deputados do Chega e o seu comentário ao que acontecera (“foi ridículo”).

A seguir, veio um bloco de 17 segundos dedicado aos manifestantes pró-Lula e um bloco de 40 segundos dedicado aos manifestantes do Chega que protestaram

contra Lula. Desses 40 segundos, Ventura falou em discurso directo durante 15 segundos.

Seguiu-se o bloco sobre a intervenção de Costa no jardim de São Bento, onde inaugurou uma escultura de Rui Chafes e comentou o incidente da manhã na AR, criticando o Chega e os *media*. Durou pouco mais de 10 segundos.

Ventura regressou em discurso directo aos 20min5s, a dizer que Costa devia “arrumar as malas” e mudar-se para o Brasil. Isso entrou no bloco dedicado às intervenções dos deputados na sessão solene do 25 de Abril, à tarde.

Foi nesta ordem e com estes tempos:
– Joaquim Miranda Sarmiento (PSD) falou



Como é que o 25 de Abril foi mostrado na TV? Contar os segundos dados ao partido ajuda a perceber o ‘efeito Chega’ nos *media*. Mas é preciso mais

durante 15 segundos;

- Rui Rocha (IL) falou 14s;
- João Torres (PS) falou 19s;
- Ventura falou 18s;
- Catarina Martins (BE) falou 20s;
- Manuel Loff (PCP) falou 9s;
- Rui Tavares (Livre) falou 6s, e
- Inês Sousa Real (PAN) falou 9s.

Pelo meio, houve o bloco dos Passos Perdidos, onde os partidos fazem declarações aos *media*. Isso passou-se à tarde, já eu tinha saído da AR, por isso não sei que perguntas foram feitas. Sei que o excerto da RTP só os mostra a comentar a “manifestação” do Chega da manhã.

A cobertura da RTP das comemorações do 25 de Abril durou 21min42s e terminou com o improvisado – que “não estava no guião”, diz a voz *off* – dos deputados a cantarem a *Grândola, Vila Morena*, enquanto Rebelo de Sousa e Santos Silva saíam do hemiciclo.

Há uma coisa óbvia a dizer sobre este telejornal da RTP: fiquei com uma visão clara, ampla e plural sobre o que aconteceu.

Outra é que Ventura falou duas vezes, num total de 33 segundos, coisa que mais nenhum deputado conseguiu.

E a terceira é que o Chega só juntou 200 pessoas para protestar em frente ao Parlamento – longe da “maior manifestação de sempre” que anunciara –, mas a produção populista que inventou para o dia ocupou cinco dos 20 minutos de cobertura da RTP.

Ventura falou 33 segundos, mas muitos outros segundos foram sobre o que ele fez, sobre as críticas ao que ele fez, sobre as consequências negativas para o país do que ele faz.

Na CNN-Portugal, talvez o extremo oposto da RTP, como foi? O noticiário das 21h começou com...?

Exacto: com o protesto do Chega.

A seguir, vi o jornal da meia-noite, para ver se a CNN manteria o alinhamento. É um noticiário interminável. O protesto do Chega surge à 1h32, depois de um primeiro e longo bloco sobre o 25 de Abril, depois do anúncio da candidatura de Joe Biden à presidência dos EUA e depois da guerra na Ucrânia.

Há dias disse que a principal responsabilidade pela ascensão do Chega é do Chega, que se comporta sem respeito e sem urbanidade, com má-criação, misoginia, mentiras, ameaças e gestos ordinários – e com isso atrai eleitores frustrados e infelizes, mais os saudosistas do salazarismo, e tem a atenção dos *media*.

Disse que uma parte da responsabilidade também é dos políticos, à esquerda e à direita. Faltou dizer que também é dos jornalistas.

Este exemplo é uma amostra minúscula e não representativa do problema. Seria necessário o tal doutoramento – e o levantamento sistemático dos segundos e do espaço editorial dedicado ao Chega nestes cinco anos – para saber se é de facto desproporcionado o tempo de antena dado ao partido.

Mas é inútil enxotar o problema para o “outro”. Seja o “outro” quem quer que seja.



O 25 de Abril, a censura e os desafios de hoje

Coluna do Provedor



José Alberto Lemos

O jornalismo é hoje mais manipulado do que manipulador, como se viu neste 25 de Abril, na arruaça montada no Parlamento

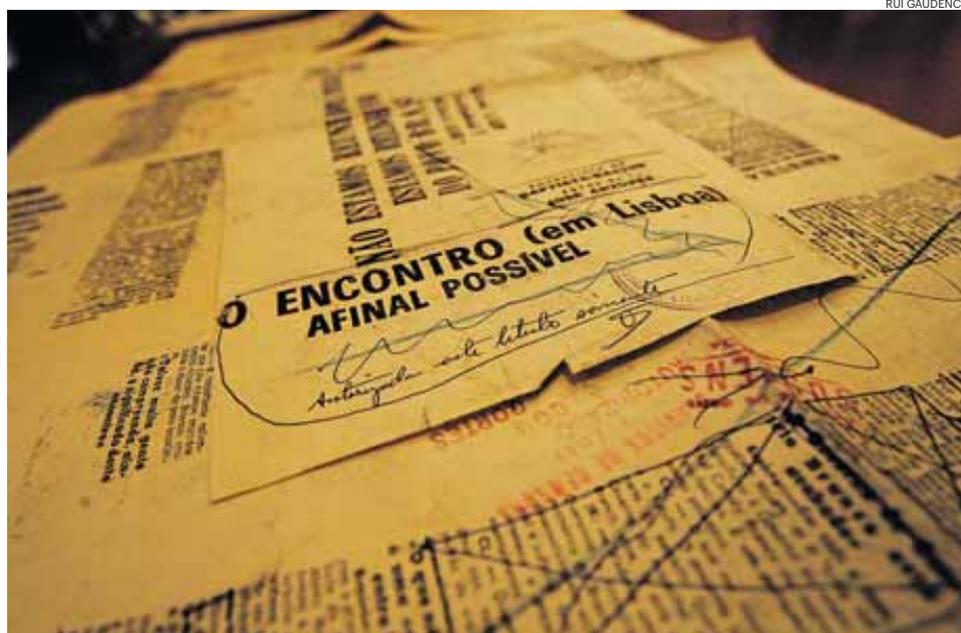
Celebraram-se esta semana os 49 anos do 25 de Abril. A data é sempre propícia a invocações da ditadura, a comparações entre a opressão de então e a liberdade de hoje, a reflexões sobre os caminhos que a democracia trilhou desde esse já longínquo ano de 1974.

Apesar do enorme consenso existente na sociedade portuguesa sobre as virtudes do regime democrático, ratificado nas urnas em dezenas de eleições desde 1975, há uma grande diversidade de leituras sobre o 25 de Abril, como lembrou o Presidente da República na cerimónia oficial que decorreu no Parlamento.

Mas sejam quais forem as perspectivas que cada um tem sobre o 25 de Abril, ele fez-se para que todos as pudessem exprimir livremente, sem receio de retaliações. Ao contrário do que sucedia durante a ditadura, em que as opiniões dissonantes do regime eram impedidas de se exprimir ou eram severamente perseguidas, quando ousavam exprimir-se, a democracia tem como princípio basilar a liberdade de expressão, um valor supremo que, entre outros, a distingue de qualquer outro regime.

Não por acaso, uma das mais poderosas instituições da ditadura era a censura à imprensa, que caiu no próprio dia 25 de Abril. Mais depressa do que a PIDE, que demorou uns dias a desmantelar – os presos políticos do Tarrafal só foram libertados uma semana depois do golpe de Estado –, a censura foi espontânea e imediatamente abolida pelos jornais que se publicavam naquela altura. O *República*, um jornal ligado à oposição ao regime, saiu à rua naquele “dia inteiro e limpo” com um grande título em rodapé a toda a largura da primeira página: “Este jornal não foi visado por qualquer comissão de censura.” A liberdade de imprensa, enfim, concretizada.

Uma liberdade que incluiu a liberdade dos que eram contra o próprio 25 de Abril e que se foram exprimindo, nos anos seguintes, em jornais em que o saudosismo da ditadura e o ódio ao novo regime democrático jamais foram visados por qualquer comissão de censura. A democracia teve a capacidade e a sageza de incorporar também aqueles que estavam contra ela e nisso se engrandeceu e se consolidou. Há uma frase célebre, geralmente atribuída a Voltaire, mas que foi escrita por



RUI GAUDÊNCIO

uma das suas biógrafas, no início do século XX, que condensa o princípio da liberdade de expressão e a superioridade da democracia sobre outros regimes: “Discordo do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito a dizê-lo.”

Depois de meio século a viver em liberdade, ninguém deseja o regresso da censura, naturalmente. Mas os desafios que se colocam actualmente aos *media* como instrumentos decisivos na defesa da liberdade comportam armadilhas perigosas num contexto em que amplificar as vozes dos inimigos da democracia pode pôr em risco a própria democracia. Ou, pelo menos, alguns dos seus esteios fundamentais, como o princípio da separação dos poderes, a independência da comunicação social e as próprias condições de exercício da liberdade de expressão. E não faltam exemplos para o ilustrar nos últimos 20 anos, a comprovar que a solidez das instituições democráticas para resistir a investidas antidemocráticas é bem menor do que se poderia pensar.

Nas duas últimas semanas, critiquei nesta coluna a forma como foram publicadas duas entrevistas com dirigentes internacionais da extrema-direita, sobretudo o facto de ambas terem saído isoladas de qualquer outra notícia sobre o mesmo assunto, a falta de contexto e de enquadramento jornalístico e a ausência de qualquer contraditório que permitisse refutar as mentiras e manipulações linguísticas dos entrevistados – o neerlandês Geert Wilders e o americano Steve Bannon. As duas entrevistas geraram polémica na redacção do PÚBLICO e motivaram os artigos do provedor, que aproveitou para dar conta do debate em curso no jornal sobre a forma de cobrir a extrema-direita.

Uma crítica que suscitou “profunda preocupação” ao leitor Filipe Coelho, para quem “o papel do provedor do leitor é defender a liberdade de imprensa e garantir que todas as opiniões políticas sejam tratadas igualmente no jornalismo”, já que “é sua responsabilidade garantir que o jornalismo seja imparcial, preciso e respeite os padrões éticos.”

“Ao censurar publicamente a publicação de uma entrevista com base em suas próprias ideologias pessoais, está a prejudicar a integridade e imparcialidade do jornal”, prossegue o leitor, que espera que o provedor actue “em nome da verdade e da imparcialidade”, porque “é importante garantir que todas as opiniões políticas sejam tratadas igualmente no jornalismo, sem qualquer preconceito ou julgamento ideológico. Os leitores merecem ter acesso a diferentes perspectivas e opiniões, sem medo de censura ou retaliação.”

Denominando a crónica como “coluna do censor”, Filipe Coelho “exorta” o provedor a “reconsiderar o seu comportamento” e a “agir como um filtro na busca pela verdade e imparcialidade, em vez de censurar o conteúdo editorial com base em suas próprias ideologias pessoais”.

As objecções deste leitor põem o dedo na ferida de uma das armadilhas colocadas por este debate: até que ponto é que as preocupações jornalísticas em não dar (demasiado) palco à extrema-direita se podem confundir com censura, ou se podem confundir com falta de imparcialidade motivada pelas “ideologias pessoais”.

A questão da “censura” não é difícil de refutar: nas reacções às entrevistas citadas ninguém defendeu que elas não deveriam ser publicadas pura e simplesmente; o que se

**“
Não é por acaso que a defesa da democracia surge antes da obrigação de imparcialidade jornalística – é porque só a primeira é garante da segunda**

defendeu – incluindo nos artigos do provedor – foi que, a serem publicadas, deveriam ter tido outro enquadramento e outras cautelas jornalísticas, como se pode confirmar pela leitura dos textos.

Já quanto à falta de imparcialidade motivada por “ideologias pessoais”, é necessário invocar o contexto político e os exemplos internacionais mais conhecidos – Hungria, Polónia, Turquia, Estados Unidos ou Brasil – para explicar os perigos de, em nome da democracia, contribuir para dar relevo aos que a querem pôr em xeque, amplificando a sua mensagem de intolerância em nome da tolerância democrática. Cito o Livro de Estilo do PÚBLICO: “O jornalista do PÚBLICO defende a democracia, condição de base para o exercício normal da sua actividade, cujos pressupostos essenciais são a liberdade de expressão e o direito à informação.” Este é o ponto número um dos “Princípios Gerais” do jornal, cujo ponto número dois diz o seguinte: “O jornalista do PÚBLICO deve elaborar as notícias da forma o mais imparcial possível, independentemente das suas convicções pessoais, tratando os leitores, as fontes e as pessoas individuais e colectivas que são objecto de notícia de forma correcta, leal, aberta e franca.”

Ou seja, a imparcialidade independente das convicções pessoais deve ser exercitada, sim, mas num quadro que tem como pressupostos a liberdade de expressão e o direito à informação garantidos pela democracia. Não é por acaso que a defesa da democracia surge antes da obrigação de imparcialidade jornalística, porque só a primeira é garante da segunda. Por isso, a defesa desses pressupostos – liberdade de expressão e direito à informação – não deve ser considerada “ideologia pessoal”, mas princípio basilar para qualquer jornalista do PÚBLICO. E, por maioria de razão, do provedor.

Foi isso que motivou as críticas às entrevistas mencionadas. O facto de o Conselho de Redacção e os jornalistas do PÚBLICO terem lançado um debate interno revela a consciência da delicadeza da questão nos tempos que correm. O jornalismo, enquanto incessante “busca pela verdade”, como bem anota o leitor, exerce-se hoje num quadro de armadilhas constantes colocadas habilmente pelos movimentos populistas de ultradireita. E, apesar de pender sobre ele um historial de acusações de agente manipulador, é hoje mais objecto do que sujeito, é hoje mais manipulado do que manipulador, como ainda neste 25 de Abril se viu na arruaça montada no Parlamento.

“Minta, minta sempre, alguma coisa ficará.” Esta, sim, é mesmo uma citação de Voltaire e é o lema, não confessado, dos populistas de ultradireita. Contrariar e desmontar essa lógica é a obrigação do jornalismo em nome da busca da verdade e da própria... imparcialidade. Pode não alterar substancialmente os acontecimentos, mas cada um assume a responsabilidade que a sua consciência profissional lhe dita. O PÚBLICO está no bom caminho.

Partilha de conteúdos íntimos não-consensual dará prisão até cinco anos

Prestadores intermediários de serviços em rede terão de informar o Ministério Público da partilha não-consentida de nudez e bloquear os *sites* em 48 horas

Ana Bacelar Begonha

O Parlamento aprovou ontem uma proposta conjunta do PS e PSD para reforçar a protecção das vítimas da disseminação não-consensual de conteúdos íntimos.

O projecto dos socialistas e dos sociais-democratas actualiza as penas previstas para o crime da devassa privada, criando diferentes molduras penais em função da gravidade dos actos, incluindo uma pena de prisão de até cinco anos para a partilha não-consensual de imagens íntimas *online*.

Os projectos do BE e PAN que pretendiam enquadrar este crime enquanto um crime público contra a liberdade e autodeterminação sexual, permitindo o arquivamento ou suspensão provisória do processo a pedido da vítima – o BE propunha criar o crime de pornografia não-consentida –, bem como a iniciativa do Chega que enquadrava o crime como sendo da devassa da vida privada, autonomizando-o, foram chumbados.

De acordo com o texto final do projecto que foi ontem a votação final global no plenário, a lei passará a prever uma pena de até cinco anos de prisão para quem “disseminar ou contribuir para a disseminação” não-consentida de imagens, fotografias e gravações que devam a vida privada, “designadamente a intimidade da vida familiar ou sexual”, através dos meios de comunicação social, da Internet ou de outros meios de difusão pública generalizada.

O projecto do PS e PSD atribui ainda uma natureza semipública a este crime, permitindo que não seja

necessária queixa se “resultar em suicídio ou morte da vítima ou quando o interesse da vítima o aconselhe”.

Prevê também que o Ministério Público seja informado pelos prestadores intermediários de serviços em rede, caso detectem conteúdos que possam constituir um crime de “devassa da intimidade sexual ou corporal”, isto é, se existirem divulgações não-consentidas de nudez, bloqueando os *sites* em 48 horas.

O código penal manterá a punição para quem intercepte, grave, registre, utilize, transmita ou divulgue conversas, telefonemas, *emails* e facturas ou observe e escute pessoas num lugar privado com pena de prisão de um ano ou multa até 240 dias. Mas, no caso de se captarem, fotografarem, filmarem, registarem ou divulgarem imagens de pessoas, objectos ou espaços íntimos ou de se partilharem factos sobre a sua vida privada ou doença grave, a pena vai subir para três anos de prisão ou multa.

Embora outros partidos tivessem propostas diferentes, o projecto foi votado em sede de especialidade com os votos favoráveis de todas as forças políticas, à excepção da IL e do BE nalguns pontos. No plenário também teve a aprovação de todos os partidos, excepto dos liberais, que se abstiveram.

O projecto do Chega contou com os votos contra do PS, PSD, PCP, BE e Livre e a abstenção do PAN. A proposta do Bloco com os votos a favor do PAN e da IL, contra do PS e PSD e a abstenção do PCP, Chega e Livre. Já a iniciativa do PAN teve a aprovação de BE e Livre, votos contra do PS e PSD e a abstenção do Chega, IL e PCP.



O Parlamento actualizou as penas do crime de devassa da vida privada

Mais prevenção e combate à violência doméstica nos mais velhos

O tema da violência doméstica voltou ontem a debate na Assembleia da Republica, com 16 iniciativas, tendo apenas sido aprovado um projecto de resolução do PSD pelo reforço de medidas de prevenção e combate nas pessoas mais velhas.

O projecto recomenda ao Governo o reforço de medidas

no âmbito da prevenção e do combate à violência doméstica contra pessoas idosas e teve os votos favoráveis de todos os partidos, à excepção do PS, que se absteve, o que permitiu que fosse aprovado e vá agora ser discutido na especialidade. As restantes iniciativas foram rejeitadas, sobretudo graças aos votos contra do PS.

A deputada do PSD Emília

Cerqueira defendeu que, se o país tem políticas em matéria de violência doméstica ao nível dos países mais desenvolvidos, falta um governo que aplique a lei.

Salientou também que continuam a faltar os novos planos de acção que integram a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não-Discriminação e para a Prevenção e Combate ao Tráfico de Seres Humanos. **Lusa**

Apesar da “consciência tranquila”, Álvaro Amaro renuncia a Bruxelas

Henrique Pinto de Mesquita

Condenado a três anos e meio de prisão com pena suspensa por prevaricação, eurodeputado renuncia. Carlos Coelho substitui-o

Álvaro Amaro, eurodeputado pelo PSD, vai renunciar a esse cargo de forma a preservar e não perturbar o “normal funcionamento e trabalho político” do Parlamento Europeu e do PSD. A decisão surge na sequência da condenação – da qual irá recorrer – a três anos e meio de prisão com pena suspensa (e não três meses e meio como inicialmente noticiado), pelo Tribunal da Guarda, por prevaricação de titular de cargo político.

“Se bem que o tribunal tenha entendido não me aplicar a sanção acessória de inibição do mandato como deputado do Parlamento Europeu, tomei eu próprio a decisão de renunciar a esse mandato, preservando a instituição e o partido pelo qual fui eleito, e não perturbando o normal funcionamento e o trabalho político de ambos”, escreveu Álvaro Amaro numa nota de imprensa.

Na mesma missiva, o eurodeputado e antigo presidente da Câmara da Guarda social-democrata observa poder vir a ter “prejuízos pessoais e políticos com esta decisão”, refor-

çando tomá-la por não querer “prejudicar” o seu partido e “alimentar especulações que degradem a imagem da política e dos políticos”.

“Estou de consciência totalmente tranquila, sei que não cometi qualquer crime e que sempre exerci as minhas funções no estrito respeito pela lei e pelos superiores interesses dos cidadãos que me elegeram”, acrescenta, alegando a sua inocência. Por fim, nota ainda que a decisão judicial é “profundamente injusta”, uma vez que, no seu entender, constitui “um grave erro de julgamento” e não tem “a menor adesão à realidade dos factos”.

Carlos Coelho, reitor da Universi-

dade de Verão do PSD e antigo eurodeputado, deverá ser o substituto de Álvaro Amaro na bancada do PPE. Coelho foi deputado ao Parlamento Europeu pela primeira vez em 1994 e desempenhou o cargo de vice-presidente da Comissão de Política Regional, Ordenamento do Território e Relações com o Poder Local.

Regressou a Bruxelas em 1998, na altura em substituição de António Capucho, tendo voltado a ser eleito no ano seguinte e exercido o mandato de eurodeputado até 2019.

Foi também deputado eleito pelo círculo de Lisboa nas III, IV e V legislaturas e por Santarém nas duas seguintes. Integrou o último Gover-

no de Cavaco Silva, como subsecretário de Estado da então ministra da Educação, Manuela Ferreira Leite.

Na quinta-feira, o eurodeputado Álvaro Amaro e o autarca Luís Tadeu, ex-presidente e actual presidente da Câmara de Gouveia, respectivamente, foram condenados a penas de prisão suspensas pelo Tribunal da Guarda.

Álvaro Amaro e Luís Tadeu foram ainda absolvidos da pena acessória da perda de mandato político, atendendo a que, entretanto, cumpriram “sucessivos mandatos”.

No âmbito do processo das parcerias público-privadas (PPP) realizadas pelos municípios de Trancoso, Gouveia (Guarda) e Alcobaça (Leiria), entre 2007 e 2011, o actual eurodeputado e ex-autarca de Gouveia e da Guarda, Álvaro Amaro, e o actual presidente do município de Gouveia, Luís Tadeu (na altura vice-presidente), foram condenados, por prevaricação de titular de cargo político, a três anos e meio de prisão, com pena suspensa, condicionada ao pagamento de 25 mil euros, no prazo de um ano.

O tribunal também condenou Júlio Sarmento, ex-presidente da Câmara Municipal de Trancoso, a uma pena única de prisão efectiva de sete anos, pelos crimes de prevaricação de titular de cargo político, corrupção e branqueamento de capitais. **com Lusa**



Apesar de não ter perdido o mandato, o eurodeputado renunciou

PS rejeita propostas para consagrar limites ao endividamento na Constituição

Sofia Rodrigues

PSD pretendia inscrever limites à dívida pública por causa dos desequilíbrios nas contas públicas; IL queria tectos de despesa

O PS rejeitou as propostas do PSD e da IL para consagrar na Constituição limites ao endividamento no Orçamento do Estado, bem como as alterações ao artigo relativo ao imposto de rendimento pessoal (o IRS), apresentadas pela IL e pelo Chega. A posição assumida ontem à tarde na comissão de revisão constitucional inviabiliza a sua aprovação, já que as alterações exigem os votos favoráveis do PS e do PSD.

Na exposição das propostas do PSD, o líder da bancada, Joaquim Miranda Sarmento, argumentou a necessidade de inscrever um “limite plurianual ao endividamento público”, depois de “49 anos marcados por desequilíbrios estruturais das contas públicas”, o que implicou o crescimento da dívida pública. É uma antiga bandeira do PSD que o PS mostrou não pretender aceitar.

“Nós sempre tivemos a mesma posição – este tipo de limitações, que já decorre do direito da União Europeia e já nos vincula, não deve de forma alguma estar na Constituição”, afirmou a deputada do PS Isabel Moreira. Considerou ainda que “são um pouco de cosmética” e “também uma prisão ao que são as opções do legislador em matéria

orçamental”. PCP e BE partilharam a mesma posição.

Os sociais-democratas propunham a definição de um “limite plurianual ao endividamento público no respeito pela solidariedade entre gerações”, enquanto os liberais apontavam que o Orçamento “não poderá prever a existência de défice orçamental, nem um volume de despesa pública que exceda 35% do produto interno bruto”. Miranda Sarmento discordava desta proposta por espe-



Joaquim Sarmento defendia um limite ao endividamento público após “49 anos de desequilíbrios”

cificar um número.

Isabel Moreira também afastou as propostas da IL e do Chega para alterar os princípios do imposto sobre o rendimento pessoal. “Estamos confortáveis com a estrutura sedimentada na Constituição sobre o sistema fiscal. Não acompanhamos nem as iniciativas sobre impostos ou como o Orçamento passaria a ter de ser elaborado”, disse.

Os liberais propunham estipular um “imposto único e progressivo”, enquanto o Chega optou pela definição de “único e proporcional combinado com um nível de isenção tributária a definir em lei especial”. À esquerda do PS, também BE e PCP sustentaram a necessidade de manter o sistema da proporcionalidade e de não abrir a porta à *flat tax*.

PCP propõe integração na CP do pessoal dos bares

Ana Bacelar Begonha

O PCP deu ontem entrada a um projecto de resolução para integrar os trabalhadores dos bares da Comboios de Portugal (CP) na empresa. Os cerca de 130 trabalhadores do serviço de cafetaria e bar dos comboios Intercidades e Alfa Pendular estão desde Março a protestar para que a CP assegure os seus contratos e salários, em atraso por parte da concessionária privada desde o início do ano.

Na proposta, a que o PÚBLICO teve acesso, os comunistas recomendam ao Governo que “dê orientações imediatas à administração da CP para que assegure directamente a exploração e o funcionamento do serviço de bar e restaurante” dos comboios e integre os “trabalhadores que vêm prestando esse serviço por intermédio de empresas privadas”.

Os comunistas defendem que esta situação expõe o “falhanço do processo de liberalização dos bares da CP”, que acabou por criar uma “sistemática instabilidade” e “graves consequências para os trabalhadores”. “É altura de assumir o pagamento imediato dos salários em atraso e reiniciar a laboração”, pondo na gestão directa da CP os serviços de refeições dos comboios, argumentam.

O PCP lembra a mobilização destes trabalhadores pelos seus direitos, que, diz, “mantiveram sempre presente o testemunho de persistência e de solidariedade de classe” e condena a “ausência de resposta dos responsáveis do Governo e da CP”, cujas “diligências esbarraram na indiferença” tanto da administração da CP, como do Ministério das Infra-Estruturas ou da Autoridade para as Condições do Trabalho.

Sinaliza também que os trabalhadores prestam serviço “há largos anos para a CP”, embora através de empresas privadas, e que “sempre assumiram com competência, zelo, diligência e brio as suas funções profissionais, apesar de, em diversos momentos, terem recebido o salário fora dos prazos legais”.

A empresa Apeadeiro 2020, que explora o serviço dos bares dos comboios de longo curso da CP, anunciou que vai pedir insolvência, após ter tido as suas contas arrestadas devido a dívidas às Finanças e à Segurança Social, e ter deixado de pagar salários aos trabalhadores em Janeiro.

Os trabalhadores estão desde Março em protesto, com vigílias em várias estações pelo país.

Política

Jogo de sombras entre Marcelo e Costa degrada a democracia

A semana política



São José Almeida

Num crescendo de tom e de argumentação, prosseguiu o debate entre Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa sobre os limites da legitimidade democrática de um governo de maioria absoluta. Esta semana, além de ter ele próprio argumentado em defesa do Governo, António Costa foi apoiado pelo presidente da Assembleia da República, Augusto Santos Silva, e pelo ministro do Ambiente e da Acção Climática e presidente da Federação da Área Urbana de Lisboa do PS, Duarte Cordeiro.

Olhando para os argumentos de cada lado da contenda, é fácil concluir que, do ponto de vista formal e constitucional, ambos os campos em confronto têm razão, ou melhor, têm a sua razão. Senão vejamos. Desde o final de Dezembro, antes de embarcar no avião para ir assistir à posse do Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, que Marcelo Rebelo de Sousa insiste em que não irá dissolver o Parlamento, repetindo-o de diversas formas e com argumentação vária, que vai da guerra na Ucrânia à crise inflacionária, passando pela necessidade de execução do Plano de Recuperação e Resiliência. Mas o facto é que, ao insistir em explicar os contornos constitucionais dos poderes do Presidente da República, mantém o assunto em cima da mesa, pressiona o Governo e cria um clima de que a dissolução pode mesmo ocorrer num prazo que o próprio Marcelo Rebelo de Sousa irá decidir, como constitucionalmente lhe compete. Até porque podia limitar-se a responder aos jornalistas que não comentava o assunto.

Assim, acaba por dar uma imagem pública de que se está a deixar condicionar pelos constantes pedidos de demissão do Governo, a propósito de tudo e de nada, que o Chega e a Iniciativa Liberal fazem. Ou então que quer surfar a onda do populismo de direita e de extrema-direita radicais, para surgir no topo da corrida pela liderança do centro-direita em Portugal, dando espaço e tempo para que ganhe folgo como líder da oposição e como protagonista de um projecto alternativo de governação Luís

Montenegro, o novo presidente do PSD, partido a que Marcelo Rebelo de Sousa já presidiu.

Por seu lado, depois de dias sem reagir ao tema “dissolução”, António Costa decidiu, no domingo, ao discursar na festa dos 50 anos do PS, no Pavilhão Rosa Mota, no Porto, responder ao Presidente da República e puxar dos galões de primeiro-ministro que governa assente numa maioria absoluta. “Em democracia, temos o dever de honrar os nossos mandatos e de cumprir os compromissos para com os cidadãos. Quando não honramos os mandatos, enfraquecemos a democracia”, defendeu António Costa, para acrescentar: “Quando se põe em causa os mandatos conferidos pelo povo, está a pôr-se em causa a democracia. Quem quer democracia forte respeita os mandatos.” Argumentos que são válidos dentro dos princípios dos sistemas políticos democráticos e dos princípios da Constituição portuguesa. Tanto mais que as eleições foram em 30 de Janeiro de 2022. Mas é também verdade que já houve governos de maioria absoluta que caíram pela dissolução da Assembleia da República.

Na terça-feira, na sessão solene de comemoração dos 49.º aniversário do 25 de Abril, foi a vez de o presidente da Assembleia da República, Augusto Santos Silva, que é também deputado do PS, abordar o assunto fazendo a “defesa convicta do tempo democrático que

é o ciclo da conjuntura e não da fugacidade dos eventos”, pedindo que seja respeitado “o tempo de cada instituição, sem atropelos nem precipitações” e aconselhando: “Devemos preferir a respiração pausada própria de uma democracia madura à respiração ofegante típica das excitações populistas.”

Santos Silva defendeu também as “vantagens da estabilidade política, da previsibilidade dos comportamentos institucionais, da resiliência face à volubilidade das opiniões, da maturação das medidas em resultados, do sentido de responsabilidade”, para fazer questão de sublinhar a necessidade de distinguir entre “erros localizados, ainda que graves, e crises prolongadas e sistémicas”. E concluir que “a vida de um Parlamento ou a de um Governo” não são determinadas nem dependem do nível do “protesto deste ou daquele sector, do favor da opinião publicada, da percepção dos *media*, do ruído nas redes sociais ou da evolução das sondagens.”

Logo de seguida e na mesma sessão de comemoração dos 49 anos do 25 de Abril, o Presidente da República voltou ao tema da dissolução, ainda que sem dizer a palavra, mas abordando as regras do funcionamento do sistema político português, pela explanação de um dos princípios seminais da democracia: o poder

supremo do voto dos eleitores.

Frisando que o “pluralismo é crucial, faz parte da democracia”, Marcelo Rebelo de Sousa lembrou: “Em ditadura nunca haveria. Essa é a razão da nossa esperança. É o sabermos que o supremo senhor do 25 Abril, da liberdade e da democracia, efectivo garante da estabilidade, se chama, há 50 anos, povo. E o povo vai escolhendo com sentido de Estado, com bom senso, moderação e com boa educação, ao longo do tempo, o 25 de Abril que quer. E mudando quando entende mudar, e mantendo o que deve manter, nem que seja para se arrepende por quanto inovou ou manteve algum tempo volvido.” É verdade a soberania do voto

sublinhada pelo Presidente da República, mas também é verdade que, em democracia, a consulta às urnas está prévia e regularmente estabelecida e só em situações-limite é antecipada.

Em entrevista ao PÚBLICO, na sexta-feira, Duarte Cordeiro subiu o patamar do tom do debate, ainda que insistindo na argumentação do cumprimento integral do mandato. Comentado de forma explícita as posições e o comportamento de Marcelo Rebelo de Sousa, Duarte Cordeiro defendeu: “O Presidente da República deveria ser, no meu entender, talvez das entidades da nossa democracia que deviam estar mais comprometidas com o princípio de que os mandatos devem ser cumpridos até ao fim e com a ideia estrutural de estabilidade.”

Para, de seguida, ser ainda mais concreto na crítica a Marcelo Rebelo de Sousa. “O Presidente da República estar a falar todos os dias, a propósito de episódios ou a teorizar sobre uma potencial dissolução, naturalmente contribui, muitas vezes, para alimentar o desejo de quem quer uma crise política, mesmo sendo artificial”, apontou Duarte Cordeiro, concluindo: “Entendo que o Presidente da República perspectiva a ideia de que deve ser exigente com o Governo. Há formas de ser exigente com o Governo sem estar a agendar o tema da dissolução diariamente.”

O problema não é tanto o de reconhecer a solidez e a verdade da argumentação de cada um dos campos em confronto. O problema é que, ao querer afirmar a sua razão, os protagonistas deste confronto estão a dar um triste espectáculo do que é a defesa do interesse dos cidadãos e da sociedade. Estão a pôr em palco um triste jogo de sombras em que se digladiam numa estratégia que indicia tentativas de afirmação própria do campo político-ideológico em que se movem. Mas que pode revelar também um braço-de-ferro sobre quem manda e quem tem direito a ser o principal actor político-institucional em Portugal. E denuncia ainda uma insensata fome de protagonismo que envolve o país em discussões e debates que cansam quem os ouve, desgastam as instituições políticas e corroem e degradam a democracia.



É fácil concluir que, do ponto de vista formal e constitucional, ambos os campos em confronto têm razão, ou melhor, têm a sua razão

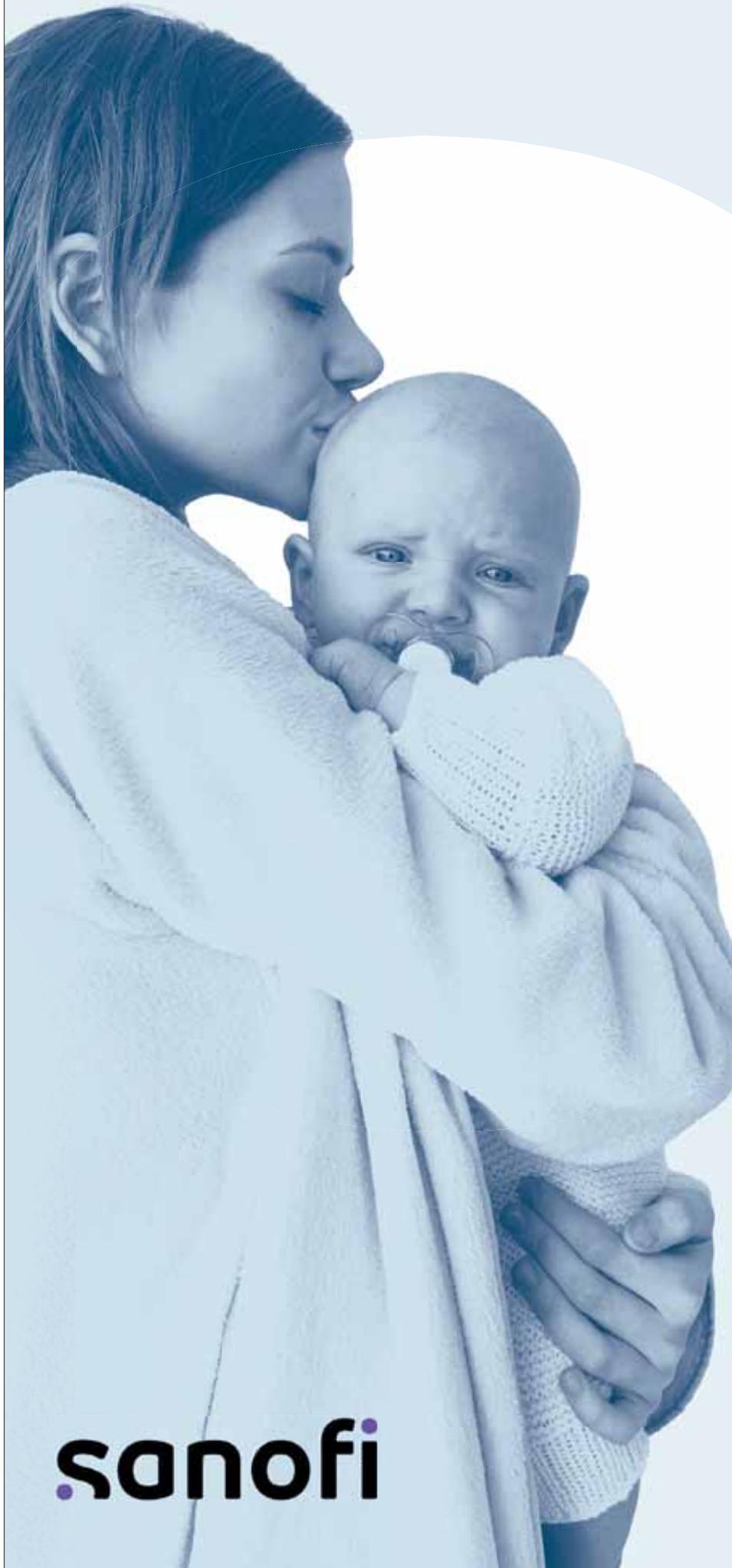
NUNO FERREIRA SANTOS



[estúdio]P
CONTEÚDO COMERCIAL

ESPECIAL

Vírus Sincicial Respiratório



Uma ameaça à saúde dos mais novos

É um vírus comum e causador de infecções respiratórias frequentes, como a bronquiolite, mas que podem ser graves, sobretudo em crianças muito pequenas. Saiba quem está em maior risco e como prevenir.

Já todos teremos contactado com ele de alguma forma, ao longo da vida, uma vez que o vírus sincicial respiratório (VSR ou RSV, na sigla em inglês) é muito comum, sendo responsável por infecções respiratórias em pessoas de todas as idades, mas com manifestações clínicas mais exuberantes em crianças pequenas e idosos. Na maior parte dos casos, estas manifestações clínicas não são graves, podendo mesmo confundir-se com uma simples constipação. Mas algumas vezes os sintomas são mais acentuados e é por isso que devemos olhar com atenção para o VSR nesta Semana Europeia da Imunização,

que se assinala entre os dias 23 e 29 de Abril.

Como explica o médico Luís Varandas, pediatra no Hospital de Dona Estefânia – Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central, “os mais afectados por este vírus em termos de complicações situam-se nas faixas extremas da idade”, sendo de destacar as crianças mais pequenas, com meses de idade, que ao serem infectadas por este vírus podem desenvolver bronquiolite, isto é, “uma infecção das vias respiratórias inferiores, caracterizada por dificuldade em respirar e pieira, e que todas as épocas motiva inúmeras idas aos serviços de urgência”. Com efeito, a infecção por VSR é a principal causa de hospitalização em crianças com menos de 12 meses de idade¹, e estima-se que 90% das crianças até aos 2 anos sejam, nalgum momento, infectadas por este vírus.²

Ainda de acordo com o especialista, “o VSR tem a particularidade, comum a outros vírus, de as primeiras infecções serem quase sempre as mais graves, sobretudo se se registarem nos extremos

1 Leader, S. e Kimmie Kohlhasse (2002), “Respiratory syncytial virus-coded pediatric hospitalizations, 1997 to 1999”, *Pediatr Infect Dis J*, 21(7): 629–632.

2 Simoes, EAF (1999), “Respiratory syncytial virus infection”, *Lancet*, 354: 847–852.

sanofi

das idades”. Como tal, “um bebé que é infectado por VSR com um mês de idade tem um risco mais elevado de ter uma bronquiolite mais grave do que um bebé já com 13 ou 14 meses”, explica. A probabilidade de infecção grave provocada pelo VSR é, pois, maior em crianças em idades muito precoces, mas também em bebés prematuros, com doenças congénitas cardíacas ou pulmonares, ou ainda com o sistema imunitário mais vulnerável.

VSR em Portugal e no mundo

O estudo BARI (*Burden of Acute Respiratory Infections*)³ permitiu avaliar que a carga de hospitalizações potencialmente relacionadas com o VSR em hospitais públicos portugueses, em crianças com menos de cinco anos de idade, entre 2015-2018, durante a época de VSR, habitualmente definida como o período

entre os meses de Novembro e Março, foi de um total de 15.214 casos, dos quais 7243 com identificação de VSR. Ou seja, mais de 70% dos casos associados a VSR aconteceram em época sazonal com uma enorme sobrecarga nos serviços de saúde. Foi excepção a temporada 2020/2021 devido à pandemia covid-19, parecendo existir, na actualidade, uma retoma do padrão anterior de sazonalidade atribuível a VSR, como é demonstrado na Rede de Vigilância de Vírus Sincicial Respiratório (VigiRSV).

A nível global, as infecções por VSR são um assunto igualmente relevante, estimando-se que, todos os anos, se registem cerca de 33 milhões de infecções das vias aéreas inferiores causadas por este vírus, em crianças com menos de cinco anos, sendo que 3,6 milhões destas acabam por necessitar de internamento hospitalar. Uma vez que as situações po-



O VSR tem a particularidade, comum a outros vírus, de as primeiras infecções serem quase sempre as mais graves, sobretudo se se registarem nos extremos das idades.



Luís Varandas

Pediatra no Hospital de Dona Estefânia – Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central

Quando será a próxima época de VSR?

“Essa é a pergunta de um milhão de dólares”, responde a médica Isabel Esteves, segundo a qual “não sabemos o que se vai passar, é uma grande incógnita”. De acordo com a pediatra, “poderá haver uma maior aproximação às épocas mais habituais, ou seja, não haver um aumento tão grande do pico de incidências e numa época tão precoce, mas a verdade é que não se sabe”. Por isso mesmo, defende a importância da vigilância epidemiológica, agora conseguida com a rede VigiRSV, que considera mesmo “fundamental”.

Também Luís Varandas acredita que “este ano, em que já não há praticamente restrições [impostas pela pandemia, nomeadamente, o uso de máscara], o vírus poderá ter o comportamento habitual e que chegue em Dezembro/Janeiro em força”. “Ainda que possa chegar um pouco mais cedo, acredito que o pico seja novamente no final do ano, início do próximo, à semelhança dos anos anteriores”, vaticina o especialista.

dem revestir-se de grande complexidade, cerca de 26 mil destas crianças hospitalizadas acabam por perder a vida devido a complicações.³

Epidemia tripla: o VSR fora de época

Durante décadas, foi sendo possível prever o ciclo de algumas doenças infecciosas respiratórias, com base na observação da sazonalidade de circulação de alguns vírus, tal como o VSR. Porém, nos últimos tempos, o que se viu foi uma importante alteração do padrão habitual, como refere a médica Isabel Esteves, pediatra na Unidade de Infeciologia e Imunodeficiências do Hospital de Santa Maria – Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Norte (HSM-CHULN). Nas suas palavras, “o que se passou em Portugal foi aquilo que os americanos e muitos europeus designam por epidemia tripla, ou seja, um grande aumento da frequência da incidência de algumas infecções respiratórias virais, sendo que uma das mais preponderantes é a infecção por VSR, com números bastante mais elevados do que é habitual”. Além disso, a especialista destaca ainda que “a época passada iniciou bastante mais cedo do que é comum, pois tivemos logo

casos de internamento e de admissão hospitalar durante o Verão, mantendo-se as incidências bastante elevadas nas fases inicial e média do Outono, para decrescer no início do Inverno”. Esta situação contraria a sazonalidade normal do VSR, segundo a qual, “os casos começam a aumentar em Novembro/Dezembro, com picos em Janeiro/Fevereiro, e depois vão decrescendo”.

Quanto à gravidade das infecções registadas, esta manteve-se nos níveis habituais: “A gravidade esteve sempre presente, a infecção por VSR é sempre muito significativa, em especial abaixo de um ano de vida”, constata a especialista, reforçando que esta “é uma das principais causas de admissão hospitalar naquela faixa etária, em especial por quadros de infecção respiratória”.

VigiRSV – vigiar o VSR em Portugal

Precisamente porque é cada vez mais relevante prever como e quando circulam em maior número vírus como o VSR, torna-se muito importante estabelecer uma rotina de vigilância apertada, para que os cuidados de saúde possam ser adequadamente planeados e prestados. Isto mesmo passou a ser possível em 2021, graças à VigiRSV, a Rede de Vigilância de Vírus Sincicial Respiratório, que integra 19 hospitais públicos e um hospital privado, distri-

³ Bandeira, Teresa et al. (2022), “Burden and severity of children’s hospitalizations by respiratory syncytial virus in Portugal, 2015-2018”, *Influenza and Other Respiratory Viruses*, 17(1):e13066



ESPECIAL VÍRUS SINCIAL RESPIRATÓRIO

buidos por todas as regiões de saúde de Portugal Continental e região autónoma da Madeira. Estes hospitais reportam de forma periódica casos de infecção respiratória aguda em crianças internadas com menos de dois anos de idade, e os resultados são divulgados no Boletim de Vigilância Epidemiológica da Gripe e outros Vírus Respiratórios, publicado periodicamente pelo Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA).

A médica Teresa Bandeira, coordenadora da Unidade de Pneumologia Pediátrica e responsável pelo Laboratório Pediátrico de Fisiopatologia Respiratória do HSM-CHULN, integrou o grupo que esteve na origem da rede VigiRSV e sublinha a importância deste instrumento de monitorização, tendo em conta que vem “acrescentar informação face a outros estudos de que dispomos”. E isto porque, como realça, a rede VigiRSV “permite conhecer as características não só dos vírus mas também das crianças infectadas, nomeadamente o sexo, idade, factores de risco e motivo

de internamento, bem como a gravidade. Adicionalmente permite conhecer o VSR em circulação, ou seja, qual é a sua caracterização genética, para depois se poder contribuir para a formulação de fármacos para tratar e prevenir a doença”, justifica a também professora auxiliar convidada da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Actualmente, está ainda em implementação o estudo RHEDI (*RSV in Hospital Emergency Departments in Iberia*), com vista a caracterizar a gravidade clínica e as consequências das infecções respiratórias agudas por VSR, em crianças com menos de dois anos de idade que se apresentam nas urgências pediátricas. Em Portugal existem três centros envolvidos: Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Norte, Centro Hospitalar Universitário de Coimbra e Hospital CUF Descobertas, em Lisboa. De acordo com Teresa Bandeira, que é responsável pela participação do CHULN, esta investigação permite o conhecimento decorrente da história clínica, das características



95% destas crianças são saudáveis, ou seja, a maior parte não tem doenças de base conhecidas



Teresa Bandeira

Coordenadora da Unidade de Pneumologia Pediátrica e responsável pelo Laboratório Pediátrico de Fisiopatologia Respiratória do HSM-CHULN, integrou o grupo que esteve na origem da rede VigiRSV.



O que se passou em Portugal foi aquilo que os americanos e muitos europeus designam por epidemia tripla, ou seja, um grande aumento da frequência da incidência de algumas infecções respiratórias virais, sendo que uma das mais preponderantes é a infecção por VSR, com números bastante mais elevados do que é habitual.



Isabel Esteves

Pediatra na Unidade de Infeciologia e Imunodeficiências do Hospital de Santa Maria – Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Norte (HSM-CHULN)

do vírus, além da identificação de factores inflamatórios. “Isto permite-nos abrir um campo enorme de conhecimento para a utilização de fármacos ou atitudes profiláticas nestas crianças”, esclarece, frisando a importância desta pesquisa.

Doença com elevado impacto social e económico

Além da informação que resulta da rede VigiRSV, Portugal dispõe de outros dados que permitem caracterizar a situação do país, e que resultam do já referido estudo BARI, desenvolvido com apoio da Sanofi. Teresa Bandeira, primeira autora desta pesquisa, salienta algumas conclusões. Desde logo, aponta o facto de “a maior parte das crianças internadas com identificação de RSV ter pelo menos um critério de gravidade, e encontrarem-se no primeiro ano de vida, em particular nos primeiros seis meses”. Por outro lado, “95% destas crianças são saudáveis, ou seja, a maior parte não tem doenças de base conhecidas”.

Para além da concentração sazonal referida, de acordo com os resultados do estudo BARI, o Serviço Nacional de Saúde gastou, entre 2015 e 2018, 2,4 milhões de euros em hospitalizações causadas pelo VSR. E se a este número somarmos as restantes hospitalizações por bronquiolites e outras infecções respiratórias sem causa específica, bem como os

gastos em urgências e tratamento ambulatório destas infecções, facilmente se percebe que o fardo resultante em termos económicos é muito grande em Portugal.

Eduardo Costa, presidente da Associação Portuguesa de Economia da Saúde (APES), confirma que “o impacto das infecções respiratórias, incluindo pelo VSR, no sistema de saúde é substancial em várias dimensões”. “Por um lado, existem custos directos que afectam o sistema de saúde, associado às hospitalizações. Por outro lado, estas hospitalizações ocorrem tipicamente em alturas de pressão sobre o sistema de saúde, contribuindo para acentuar a mesma”, constata. Além disso, o investigador lembra ainda que “existe um impacto financeiro directo nos próprios doentes e nos seus cuidadores”, que “advém do facto de o tratamento médico implicar despesas pagas pelas famílias”. E “existe também um impacto indirecto, através do efeito na produtividade da economia, associada aos períodos de ausência do trabalho devido à doença, quer da própria pessoa doente ou dos seus cuidadores”, sintetiza.

RSV Think Tank - Medidas para diminuir o impacto do VSR

Tendo em conta que o impacto do VSR no sistema de saúde português é substancial, mas o conhecimento em relação



O conhecimento da carga real das infecções por VSR é essencial para permitir uma avaliação e desenvolvimento da melhor estratégia preventiva, adequada ao contexto português.



Eduardo Costa

Presidente da Associação Portuguesa de Economia da Saúde (APES)

ao tema é diminuto, um grupo de peritos reuniu-se, no âmbito da iniciativa RSV Think Tank - Inspirar à mudança, para debater o assunto e propor medidas. Entre as conclusões a que chegaram, Eduardo Costa, que participou na iniciativa, salienta que “o conhecimento da carga real das infecções por VSR é essencial para permitir uma avaliação e desenvolvimento da melhor estratégia preventiva, adequada ao contexto português”. Isto porque “neste momento, o conhecimento da carga real das infecções é limitado”, e “o conhecimento sobre os impactos nas famílias é também muito reduzido”, afirma.

Quanto às medidas propostas para colmatar os problemas identificados, o presidente da APES realça que “deverão passar pelo aumento da literacia dos cuidadores, educadores e sociedade em geral nesta temática”. Mas também “é necessário garantir que são desenvolvidos mecanismos de decisão técnico-científica com vista a contribuir para resolver o problema das infecções por VSR”, sendo que “estes mecanismos deverão avaliar a potencial implementação de um método preventivo farmacológico contra o VSR”.

O RSV Think Tank é uma iniciativa Sanofi dinamizada pela MOAI Consulting, conduzida em parceria com a APES e a

XXS - Associação Portuguesa de Apoio ao Bebé Prematuro. O painel de especialistas contou com a participação de pediatras e neonatologistas, médicos de Saúde Pública, enfermeiros, economistas, associações de pais, autoridades de saúde e decisores.

Prevenção: esperança na imunização

Quanto à forma de prevenir as infecções por VSR, actualmente estas centram-se sobretudo nas chamadas medidas preventivas não farmacológicas (ver CAIXA), em tudo idênticas às defendidas para evitar o contágio por outros vírus respiratórios, pois o VSR também é transmitido através das secreções do nariz ou da boca, por contacto directo ou por gotículas expelidas, podendo permanecer em diversas superfícies (mesas ou brinquedos) durante algumas horas, o que torna o contágio entre crianças muito fácil.

Mas, graças à evolução da ciência, é possível que nos cheguem boas notícias em breve, nomeadamente em termos de soluções para prevenir a doença. Segundo Luís Varandas, “há um novo anticorpo monoclonal, já autorizado pela Agência Europeia de Medicamentos, de administração única, a recém-nascidos e lactentes, no início da estação do VSR, e prosseguem estudos com vacinas para grávidas, com o objectivo de transmitir anticorpos ao bebé através da placenta, à semelhança do que já acontece com as vacinas contra a tosse convulsa, gripe e a Covid-19”. Como tal, “há algumas opções, que deverão estar brevemente disponíveis no mercado, e que poderão mudar o paradigma da infecção por VSR, pois os dados disponíveis dos vários ensaios clínicos são muito animadores”, considera o também professor auxiliar convidado da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

Como prevenir a infecção por VSR?

Há algumas medidas que ajudam a diminuir o contágio por VSR, as quais devem ser tidas em conta, sobretudo no caso de contacto com crianças muito pequenas ou com factores de risco.



Lavagem/
desinfecção
frequente das
mãos.



Protecção do
nariz e da boca
com lenço
descartável ou
antebraço para
espirrar ou tossir.



Limpeza
frequente das
superfícies de
maior contacto,
tais como
maçanetas,
corrimões, etc.



Uso de máscara
por quem
apresenta sintomas
de infecção
respiratória, ou
(preferencialmente)
evitar o contacto
próximo com
crianças e idosos.



Não frequentar
espaços
fechados.

O conteúdo foi produzido pelo Estúdio P, com base em estudos científicos e nas citações dos médicos contactados. Com o patrocínio da Sanofi.

Novo curso de Medicina chumbado. Universidade recorre ao tribunal

CESPU decidiu contestar na justiça decisão da Agência de Acreditação. Instituição queria abrir um mestrado de quatro anos para estudantes já licenciados com 60 vagas anuais

Samuel Silva

O novo curso de Medicina que a Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário (CESPU) pretendia criar na região norte foi chumbado pela Agência de Acreditação e Avaliação do Ensino Superior (A3ES). A instituição, que é a que há mais tempo tenta abrir formação médica no sector privado, decidiu recorrer aos tribunais.

No processo, que o PÚBLICO consultou esta semana no Tribunal Administrativo e Fiscal de Penafiel, o advogado da CESPU, Bolota Belchior, apresenta dois tipos de argumentos: contesta o cumprimento dos preceitos administrativos por parte da agência pública e também a argumentação utilizada pela comissão de avaliação para recusar a abertura do novo curso de medicina.

A proposta de curso de Medicina da CESPU é diferente da maioria das existentes em Portugal. Trata-se de um mestrado de quatro anos, só aberto a estudantes que tenham “uma boa formação básica adquirida em licenciaturas anteriores”. Ou seja, a formação inicial de um médico por esta via duraria sete anos no total, mais um do que aquilo que actualmente acontece nas faculdades existentes.

A CESPU já faz algo semelhante, fruto de parcerias com cinco universidades espanholas, para onde segue a maioria dos seus licenciados em Ciências Biomédicas, que acabam por concluir uma formação em Medicina em Espanha. A intenção é agora fazer o mesmo processo, mas exclusivamente em Portugal.

Na proposta chumbada pela A3ES exige-se que os alunos tenham uma licenciatura em Ciências Biomédicas “ou equiparada” para serem admitidos no novo curso. Para a agência, “suscita reserva a circunstância de, nos critérios de admissão, ser particularmente valorizada a conclusão da licenciatura em Ciências Biomédicas na própria” instituição, considerando que “existe um claro elemento favorável da instituição em si mesma e de quem já é estudante nela”.

A A3ES também considera que os objectivos gerais do ciclo de estudos só “estão em parte claramente definidos”. A utilização do termo “em parte” é contestada pela CESPU por, no entender da instituição privada, nunca ser explicado claramente a que se refere. No processo, o advogado



JOSE FERNANDES

Só a Universidade Católica, entre os privados, tem a funcionar um curso de Medicina

Universidade Lusófona também quer ter um curso de Medicina

Depois da Universidade Católica e da Universidade Fernando Pessoa, há mais uma privada na corrida por um curso de Medicina.

A Universidade Lusófona, com sede em Lisboa, apresentou recentemente a candidatura para criar um novo mestrado integrado nesta área junto da A3ES. Este organismo público tem em mãos mais duas candidaturas à formação médica, submetidos por instituições públicas: Universidade de Aveiro e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

São poucos os pormenores sobre a proposta apresentada pela Lusófona. Ao PÚBLICO, fonte da instituição confirma apenas ter submetido “uma proposta de novo ciclo de estudos à A3ES para um novo

mestrado integrado em Medicina”. Uma vez que o processo está sob avaliação, não querem adiantar mais.

A candidatura da Lusófona entrou no último ciclo de avaliação de novas propostas de cursos, iniciado no final do ano passado pela A3ES. A agência tem agora de verificar se a instituição cumpre os requisitos necessários, nomeadamente ao nível das infra-estruturas, das qualificações do corpo docente e das parcerias para o ensino prático. Legalmente, tem nove meses para se pronunciar, mas este prazo é ultrapassado com regularidade.

Em 2021, a Católica abriu o primeiro curso privado de Medicina do país, ao qual se deve juntar em Setembro a Universidade Fernando Pessoa.

S.S.

da universidade escreve que “existe uma total omissão de factos e argumentos que alicerçam a conclusão” da agência e considera a decisão baseada em “meras abstrações de divagações oníricas”. Também acusa a A3ES de não ter cumprido o dever de audiência prévia, por não ter respondido à argumentação da CESPU depois do primeiro relatório da Comissão de Avaliação Externa que fez a primeira análise da proposta do curso.

14 meses à espera

O pedido de acreditação do curso de Medicina da CESPU foi entregue à A3ES a 15 de Outubro de 2021. A decisão de indeferimento por parte do conselho de administração da agência foi tomada a 7 de Dezembro de 2022, quase 14 meses volvidos. O advogado da universidade alega que a decisão devia ser tomada no prazo de nove meses, pelo que, não tendo acontecido, houve “deferimento tácito”, considerando que o curso está formalmente aprovado. A CESPU, soube o PÚBLICO, pediu, entretanto, o registo do novo curso de Medicina junto da Direcção-Geral do Ensino Superior, o que ainda não tinha acon-

tecido quando a A3ES respondeu ao processo no TAF de Penafiel, a 14 de Abril.

Depois do chumbo do conselho de administração, a instituição de ensino recorreu da decisão, no início deste ano, junto do Conselho de Revisão da A3ES, que “julgou improcedente em toda a linha o recurso apresentado”. A CESPU decidiu, por isso, recorrer aos tribunais. São raros os casos em que uma decisão da A3ES é contestada em tribunal.

“Não sendo frequente, o caso da CESPU não é, contudo, único”, esclarece ao PÚBLICO o presidente do conselho de administração da A3ES, João Guerreiro. Os responsáveis da CESPU não quiseram fazer declarações sobre este processo.

A CESPU não é uma estreante nestas andanças. A instituição, sediada em Gandra, cidade do concelho de Paredes, é mesmo aquela que mais insistentemente tem tentado abrir um curso de Medicina. Apresentou seis propostas à A3ES nos últimos anos, incluindo uma em 2009, que foi desenvolvida em parceria com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Antes disso, já o havia tentado por mais três vezes, no anterior sistema de regulação do ensino superior. Nunca recebeu luz verde para avançar.

A proposta enviada à A3ES prevê receber 60 alunos por ano e funcionar em articulação com o Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, em Penafiel, da rede pública, e também com a rede privada Trofa Saúde, com quem a instituição de ensino superior constituiu a Associação Ensinar Saúde Norte, particularmente o Hospital Central do grupo, em Vila do Conde, uma das maiores unidades de saúde privada do Norte.

O corpo docente identificado inclui 85 doutorados e 200 médicos afectos às unidades de saúde com as quais existem protocolos assinados. Entre eles, há 24 aposentados da prática no serviço público, mas continuam a ter actividade privada. Esse é um dos motivos que levam a A3ES a alegar que o projecto do curso apresentado tinha um corpo docente “envelhecido”. Também se considera que a instituição faz “investigação clínica insuficiente” e que a bibliografia apresentada para sustentar os planos de estudos tem “múltiplas insuficiências, designadamente referências desactualizadas”.

Sociedade

Ministério levanta de novo castigos a professores para que possam voltar às aulas

Clara Viana

Medida destina-se a aumentar o número de candidatos. Mais de metade dos lugares do concurso de ontem ficou por ocupar

À semelhança do que sucedeu no ano lectivo passado, o Ministério da Educação (ME) levantou agora as penalizações previstas na lei para os professores que recusem as colocações atribuídas em concursos e que implicam a impossibilidade de voltarem a concorrer e leccionar no ano lectivo em que se dá a recusa.

Em resposta ao PÚBLICO, o ME confirmou que a Direcção-Geral da Administração Escolar (DGAE) enviou aos directores um ofício onde dá conta que “se consideram levantadas” as penalizações previstas nos artigos 18.º e 44.º do regime de recrutamento de docentes em vigor. Tal medida tem como objectivo alargar o número de potenciais candidatos aos concursos de contratação de escola”, justificou o ME.

O levantamento das penalizações foi uma das medidas de “urgência” adoptadas pelo ministro João Costa no ano lectivo passado também com o objectivo de minorar a escassez de docentes nas escolas. Esta medi-

da foi aprovada também no 3.º período de 2021/2022, devendo estar apenas em vigor durante esse tempo.

Na altura, os professores que tinham sido afastados foram autorizados a regressar também às reservas de recrutamento, o concurso nacional que se prolonga por todo o ano. Este ano, segundo se depreende da informação enviada pela DGAE, terá efeitos apenas na contratação de escola.

Ou seja, os professores que recusaram colocações obtidas nas reservas de recrutamento ou não se apresentaram nas escolas onde lhes foi atribuído lugar podem agora voltar ao activo e concorrer às ofertas disponibilizadas na contratação de escola, que geralmente são mais “apetecíveis” porque os docentes podem escolher a região, a escola e o horário a que concorrerem. Já nas reservas de recrutamento, as colocações são feitas em obediência a uma lista ordenada em função da graduação profissional (calculada com base no tempo de serviço e na nota da formação inicial).

Devido ao levantamento das penalizações previstas na lei foram recuperados, no ano lectivo passado, cerca de cinco mil professores, mas não se sabe quantos destes aceitaram voltar aos concursos.



MARIA JOÃO GALA

Já no ano passado o ministério optou por esta solução

O terceiro período começou, este ano, com 18 mil alunos sem um professor, segundo informação dada ao PÚBLICO pelo ME. No ano lectivo passado, eram 20 mil nesta mesma altura.

Lugares por ocupar

Ontem foram conhecidos os resultados de mais uma reserva de recrutamento: foram contratados 187 docentes. Como as escolas tinham pedido 410 horários, isto significa que mais de metade dos lugares ficou por ocupar. Isto no caso de os

docentes contratados terem aceite as colocações que lhes foram atribuídas.

Segundo contas avançadas pelo blogue de Arlindo Ferreira, especialista em estatísticas da educação, das 187 contratações registadas apenas 27 tiveram lugar na região Sul do país, o que confirma a crescente falta de candidatos nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve.

Ainda esta semana, o presidente do Conselho das Escolas, António Castel Branco, alertou para a situa-

ção de penúria de docentes nestas zonas. “Até podem conseguir começar as aulas com todo o corpo docente, mas não encontram depois professores para substituir” os que entram em baixa médica, descreveu durante uma audição no Parlamento. Onde alertou, de novo, que “o grande contra para o plano de recuperação das aprendizagens e para o trabalho das escolas é a falta de professores”, que se tem vindo a agravar nos últimos anos.

Na reserva de recrutamento desta sexta-feira os grupos com mais contratações foram de novo o 1.º ciclo (68), Educação Pré-Escolar (32) e Educação Física (17).

Durante o 2.º período, foram colocados 3811 professores contratados nas 12 reservas de recrutamento ocorridas entre Janeiro e o final de Março. Este valor corresponde apenas a 48% dos horários que foram pedidos pelas escolas nestes concursos, que, segundo o ME, somaram 7970. Ou, dito de outra forma, 52% dos horários pedidos nas reservas de recrutamento ficaram por ocupar nestes concursos.

No mesmo período, foram ocupados 1436 horários por via da contratação de escola. O ME não especificou quantos foram pedidos neste concurso.

Taxa de mortalidade infantil com aumento ligeiro no ano passado: morreram 217 bebés

Sónia Trigueirão

A taxa de mortalidade infantil aumentou ligeiramente em 2022: no ano passado, morreram 217 crianças com menos de um ano, mais 26 do que em 2021, segundo os dados das *Estatísticas Vitais* do Instituto Nacional de Estatística (INE) publicadas ontem.

Estes números reflectem-se num aumento da taxa de mortalidade infantil de 2,4 óbitos por mil nascidos vivos em 2021 para 2,6 em 2022, segundo a nota explicativa do INE. Ainda assim, um valor inferior ao registado antes da pandemia: em 2019 a taxa foi de 2,9 e em 2018 de 3,3. Foi nos anos da pandemia, em 2020 e 2021 que a taxa registou 2,4 mortes por mil nascidos vivos com menos de um ano.

Os dados revelam que nasceram

83.671 crianças de mães residentes em Portugal, representando um acréscimo de 5,1% (mais 4089 nascidos-vivos) relativamente ao ano anterior. Do total de nascidos-vivos, 60,2% nasceram fora do casamento.

Os dados revelam ainda que 42.925 das crianças eram do sexo masculino e 40.746 do sexo feminino, “representando uma relação de masculinidade de 105 (por cada 100 crianças do sexo feminino nasceram cerca de 105 do sexo masculino)” – esta proporção é considerada normal.

Segundo o INE, à semelhança de anos anteriores, Setembro voltou a ser o mês com mais nascimentos. A variação homóloga, com excepção do mês de Abril (-1,3%), foi sempre positiva, tendo-se verificado a maior subida em Novembro (+11,2%).

Estes dados revelam também que a natalidade aumentou em todas as

regiões do país, com excepção do Algarve (-1,3%). Nas regiões Norte (+6,2%), Centro (+5,5%) e Área Metropolitana de Lisboa (+6,0%), a subida foi superior ao valor nacional (+5,1%). A Região Autónoma da Madeira registou o menor acréscimo (+0,8%).

No mesmo ano, registaram-se 124.311 óbitos de pessoas residentes em território nacional, menos 0,4% (menos 491) do que em 2021. Do total de óbitos, 62.615 foram de pessoas do sexo feminino e 61.696 do sexo masculino. Em Janeiro e Fevereiro de 2022, houve um decréscimo da mor-



O saldo natural, a diferença entre nascimentos e mortes, registou uma melhoria, mas continua em terreno negativo

talidade em relação aos meses homólogos de 2021 (-40,4% e -16,6% óbitos, respectivamente), ainda marcados pela pandemia de covid-19. Entre Março e Dezembro de 2022, e com excepção do mês de Novembro, em todos os meses o número de óbitos foi superior ao observado em 2021. O mês de Dezembro foi o que registou maior mortalidade (12.269 óbitos).

A maioria dos óbitos ocorreu em idades avançadas: 86,6% corresponderam a pessoas com 65 e mais anos e mais de metade (60,7%) a óbitos de pessoas com 80 e mais anos.

“O aumento do número de nascidos-vivos e o decréscimo do número de óbitos determinaram o desagravamento do saldo natural, de -45.220 em 2021 para -40.640 em 2022”, lê-se na nota do INE, que revela ainda que, em 2022, “foram celebrados 36.952

casamentos em Portugal (mais 27,2% do que em 2021)”. A idade média do casamento foi de 39,9 anos para os homens e 37,4 anos para as mulheres; a idade média ao primeiro casamento foi de 35,1 anos para os homens e 33,7 anos para as mulheres.

Da análise dos dados ficamos ainda a saber que, dos casamentos celebrados, 36.151 realizaram-se entre pessoas de sexo oposto (28.508 em 2021) e 801 entre pessoas do mesmo sexo (549 em 2021), dos quais 413 casamentos entre homens e 388 casamentos entre mulheres.

Do total de casamentos entre pessoas de sexo oposto, 73,0% (27.175) foram realizados apenas na forma civil, 26,7% (9662) foram celebrados pelo rito católico e 0,3% (115) segundo outras formas religiosas. Sublinha o INE que, em 68,5% dos casos, os noivos já moravam juntos.

Miguel Dantas e Ana Henriques

Leitura da sentença do processo *Football Leaks* foi reagendada para Julho devido a alterações não substanciais da acusação

Ao contrário do que constava na acusação, Rui Pinto não conseguiu espiar Bruno de Carvalho nem Jorge Jesus, respectivamente ex-presidente e ex-treinador do Sporting. Esta é uma das alterações não substanciais dos factos do processo, mudanças que motivaram o reagendamento da leitura da sentença para o dia 13 de Julho.

No despacho, a que o PÚBLICO teve acesso, foram corrigidos alguns dos muitos acessos ilegítimos imputados a Rui Pinto entre 20 de Julho e 30 de Setembro de 2015. Ambos dados como “concretizados” pela acusação, foram agora revertidos, numa das principais alterações não substanciais dos factos descritos que resulta do depoimento das testemunhas ao longo do julgamento. Também foram confirmados outros acessos informáticos bem sucedidos que o Ministério Público tinha dado como falhados.

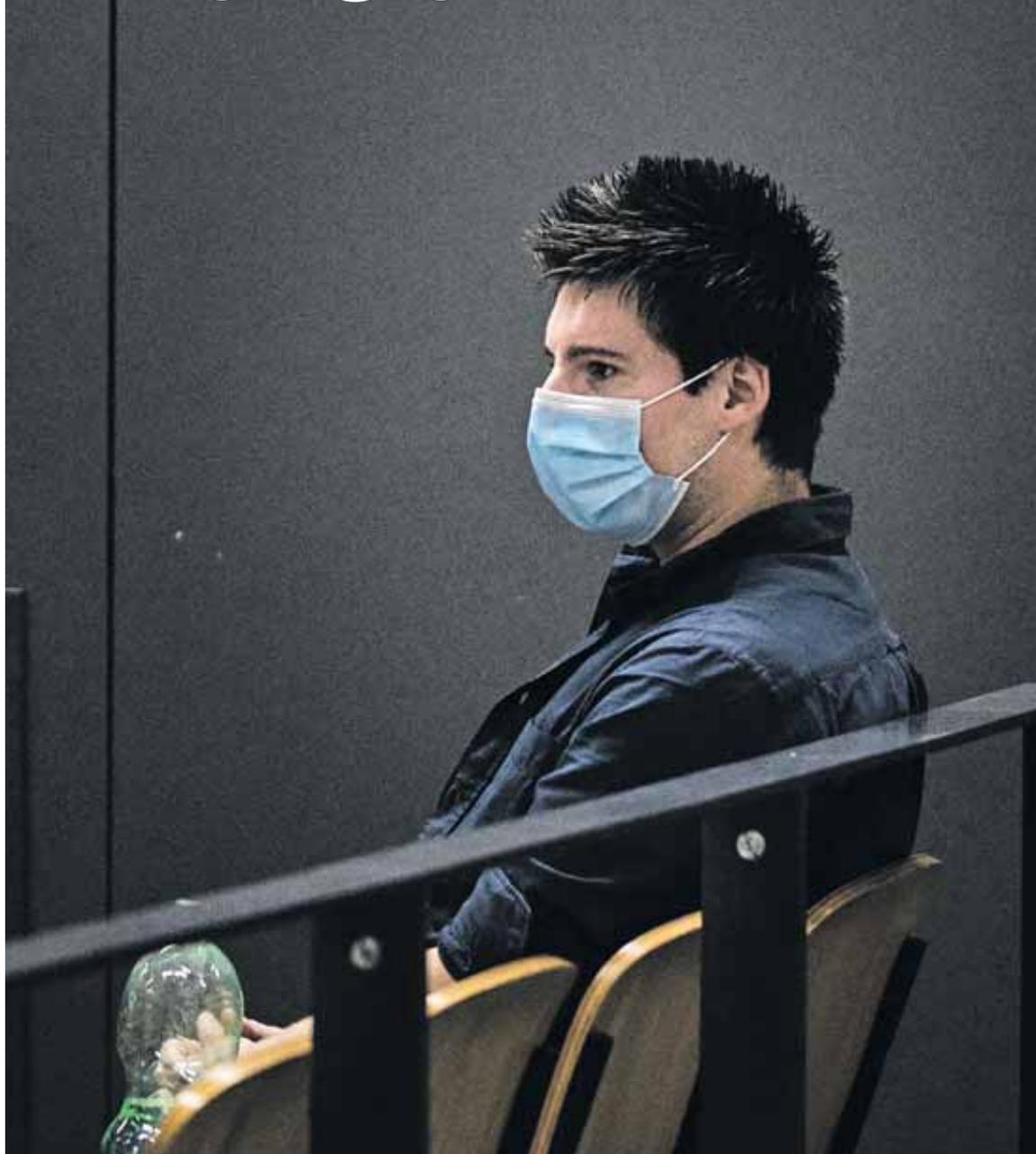
Por outro lado, concluíram os juízes, quando o então advogado do hacker, Aníbal Pinto, se reuniu, em Outubro de 2015, com representantes do fundo de investimento Doyen numa área de serviço de Oeiras, supostamente para extorquir entre meio milhão a um milhão de euros a esta organização ligada ao mundo do futebol, já estava ciente de que as autoridades andavam na peugada do seu cliente Rui Pinto.

“Antes do encontro, Aníbal Pinto havia tido conhecimento do envolvimento da Polícia Judiciária nesta questão, nomeadamente por captura de um ofício da polícia interceptado por Rui Pinto” através do motor de busca russo Yandex, pode ler-se no despacho proferido ontem pelo tribunal.

Diz a acusação que o advogado chegou a comentar com os representantes da Doyen o envolvimento das autoridades - tendo, ainda assim, tentado negociar pagamentos ao pirata informático e honorários para si próprio. Em troca, Rui Pinto deixaria de publicar *online* informações confidenciais sobre os negócios do fundo de investimento com os clubes de futebol e os jogadores.

O encontro foi vigiado por inspetores da Judiciária. Nesta altura a identidade do jovem era ainda desconhecida, e Aníbal Pinto também não a terá revelado aos seus interlocutores. Só duas semanas mais tarde o advogado havia de informar a Doyen que afinal desistia da transacção, refere também o despacho de acusação, por um lado por recear cair nas teias da lei, mas também por ter percebido que o fundo de inves-

Rui Pinto (afinal) não conseguiu espiar Bruno de Carvalho nem Jorge Jesus



No dia 13 de Julho, Rui Pinto irá conhecer a decisão do tribunal

timento nunca tivera intenção de lhe pagar, a si e ao seu cliente.

Não é claro se a referência ao conhecimento prévio que o advogado tinha de que Rui Pinto estava debaixo de olho das autoridades que agora consta do despacho de alteração não substancial dos factos indicará que os juízes se inclinam para absolver os dois arguidos do crime de tentativa de extorsão. Embora a tentativa já seja punível, diz também

a lei que deixa de o ser quando se verifica uma desistência do delito - a não ser que essa desistência tenha motivos alheios à vontade do criminoso. Para os magistrados ilibarem Aníbal Pinto e o seu cliente da tentativa de chantagem a Doyen, será preciso terem ficado convencidos de que a desistência de receberem dinheiro do fundo de investimento se deu por vontade própria, e não por medo de serem apanhados pela Judiciária.

O hacker, que tem colaborado com a Polícia Judiciária, está actualmente acusado da autoria de 90 crimes

Rui Pinto está actualmente acusado da autoria de 90 crimes, respondendo por um crime de tentativa de extorsão, seis de acesso ilegítimo, 68 de acesso indevido, 14 de violação de correspondência e um de sabotagem informática. O segundo arguido neste processo, o advogado Aníbal Pinto, é acusado de um crime de extorsão na forma tentada.

É ainda dito no despacho que o pirata informático “bem sabia que lhe era vedado o acesso ao sistema informático partilhado pela Doyen” e a consciência de que as comunicações a que acedeu “continham dados pessoais de terceiros” e “eram reservadas a um conjunto limitado de pessoas”.

À saída do tribunal o actual advogado de Rui Pinto, Teixeira da Mota, disse ser previsível que o pirata venha a ser condenado - embora sem especificar se a uma pena efectiva de cadeia ou apenas a uma pena suspensa. “Vamos ler calmamente o despacho do tribunal, temos dez dias para nos pronunciarmos”, acrescentou.

Depois do reagendamento da sentença, foi ainda marcada uma sessão no dia 26 de Maio, para dar possibilidade de apresentação de prova adicional.

Dois anos de julgamento

O julgamento arrasta-se já há dois anos e meio, com Rui Pinto a ter na negociação com a Polícia Judiciária o seu maior “trunfo”. Após estar em prisão preventiva entre Março de 2019 e Abril de 2020, cedeu o acesso aos ficheiros que estavam nos discos encriptados apreendidos na Hungria. O denunciante encontra-se agora em localização não revelada, auxiliando esta polícia nas investigações.

Antes do julgamento, Rui Pinto repetiu veementemente que as mensagens de correio electrónico em que pedia dinheiro à Doyen serviam apenas para perceber se a informação na sua posse era efectivamente valiosa para o fundo de investimento, tendo assegurado que nunca tentou receber um centímo do fundo de investimento sediado em Malta.

Após o aparecimento de *emails* trocados com o advogado Aníbal Pinto, em que equacionava a melhor forma de pagar o mínimo de impostos possível sobre a quantia que a Doyen lhe ia pagar, o jovem admitiu em tribunal que, a certa altura, equacionou receber o resgate. Reconheceu também que as suas acções - ainda que sem intencionalidade - podiam constituir crime de extorsão.

Apesar de admitir pertencer à equipa que criou o *site Football Leaks*, Rui Pinto continua a negar ter sido o autor do blogue Mercado de Benfica, que revelou muita informação confidencial sobre o clube dos encarnados. Disse que quem o fez foi um colega do *Football Leaks*, cuja identidade se escusou a revelar.

Local Espectáculo *Ilha Elefante* é apresentado hoje em Famalicão

Artistas com deficiência desafiam o circo: há lugar para eles nesta arte?

Durante dois anos, projecto Panorama trabalha as artes circenses ao lado de pessoas com deficiência. Um desafio à estética que quer abrir o debate sobre políticas culturais inclusivas

Reportagem

Mariana Correia Pinto Texto
Paulo Pimenta Fotografia

As pernas de Rui Areal tiritam como varas verdes, quando escalam a estrutura de ferro coberta com enchimento branco, qual glaciário na Antártica. “Homem das artes”, com “experiência” na vida dos palcos e já dominador da “fera”, admite a fraqueza perante as alturas: “O meu coração explode, o medo sai.”

É sexta-feira, dia de ensaio no Instituto Nacional de Artes de Circo (INAC), em Vila Nova de Famalicão. Tempo para trabalhar, de novo, o sentimento de Rui: no topo do glaciário, na pele de um pinguim a brincar com um peixe, tenta fingir as vertigens não olhando para o mar imaginário. “O medo mora cá”, admite, a bater com a mão no peito, mas desistir já não é uma opção: “Tenho este compromisso.” Hoje (21h30), Rui Areal cumpre-o no palco do Teatro Narciso Ferreira, em Riba de Ave, Famalicão. O espectáculo *Ilha Elefante*, primeira apresentação do projecto Panorama – Protagonizar Novos Riscos no Circo Contemporâneo, junta profissionais do circo a

jovens amadores e com deficiência. E isso importa? Claro que sim.

Todos os corpos são diferentes. Todos os corpos comunicam de forma distinta. E o INAC quis romper a norma, pondo debaixo das luzes quem raramente as sente. “Este projecto quer provocar questões. Pode ser uma porta para discutirmos políticas culturais inclusivas que promovam trabalho para este público”, acredita Juliana Moura, co-fundadora do INAC e responsável pela direcção-geral e artística do Panorama, financiado pelo programa Partis & Art for Change, iniciativa Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação La Caixa, e apoiado pelo município de Vila Nova de Famalicão.

As sementes foram lançadas em 2017 com o projecto Circo por Todos. Ao identificar a “marginalidade” à qual estavam sujeitas pessoas com deficiência, o INAC ensaiou protagonismo para esse público: quais eram, afinal, os seus sonhos e medos? Durante três anos, jovens de instituições do concelho foram à escola ter aulas de circo. E isso foi criando uma rede entre as partes. E uma vontade de fazer mais.

O “trabalho de actividade física do circo” era, em si mesmo,

interessante. Mas Juliana Moura, brasileira de 37 anos, notava uma lacuna: “Não havia espaço para aprofundar a pesquisa artística.” Os jovens com “potencialidade criativa” estavam reduzidos a um projecto limitado no tempo e sem ambições futuras.

O sonho de uma companhia

O Panorama quis mudar esse ponto. Com financiamento para dois anos, o projecto é desenvolvido com uma estrutura de companhia profissional – dos figurinos à cenografia, da encenação à luz – e prepara terreno para os dias por vir. “Porque não dar-lhes oportunidade de desenvolverem as suas potencialidades e criar uma companhia de circo que continue daqui a dois anos?”

Seria a primeira no país. E, para Pedro Freitas, desenharia uma janela nova para o mundo. Estreante nas artes circenses, o jovem de 21 anos tem usado as tardes de ensaio para praticar uma paixão antiga: a dança. “Gosto muito de estar aqui”, avalia, um pouco envergonhado perante as câmaras. A irmã Andreia Freitas, com quem vive, nem precisaria da avaliação: “Vê-se na cara dele que aquilo o faz feliz...”

O obstáculo maior da vida de Pedro não é a trissomia 21. É a forma como os outros encaram a trissomia 21: “Muitas pessoas olham para ele como um deficiente sem capacidades. E isso não é verdade. Ele tem muitas capacidades. Aprende muito bem, é muito activo, gosta de se sentir útil e de fazer coisas novas.”

O globo, bola azul grande e pesada, é a ferramenta de circo com a qual mais trabalha em palco. E o utente do Centro Social e Paroquial de Ribeirão já a exercita com mestria. As mãos a fazer a roda rodar, o corpo a girar em cima da bola, os pés fora do chão. Concentração, equilíbrio. É como uma dança, também.

Durante três meses, as artistas profissionais Ariana Sebastião e Sofia Encarnação vestiram a pele de professoras dos cinco utentes de três instituições da cidade (AFPAD, APPACDM e Centro Social e Paroquial de Ribeirão). Para ali estarem, os cinco venceram uma concorrida audição – mas, mesmo com algumas aptidões garantidas, o caminho a fazer era longo. “Nós temos formações diárias durante anos para a chegar a determinado ponto. Eles tiveram três meses”, sublinha Ariana. A “consciência corporal”, ferramenta essencial no circo, não é um problema para pessoas com deficiência, é para todos os que não a têm – e muitos não a têm, graceja Sofia.

Para as formadoras, que em

palco assumem o papel de intérpretes e guias, ao lado dos utentes, a ambição é também retirar alegria do momento. “O desafio é sobretudo interior. Quero que eles tenham uma experiência boa”, resume Ariana Sebastião, elogiando o grupo: “Eles têm uma honestidade crua. Se estão aborrecidos, dizem logo...”

Quando Carolina Vasconcelos conheceu a expedição de Ernest Shackleton à Antárctica, pôs-se a magiar forma de levar aquela história ao palco. Fascinada por programas de sobrevivência e lugares não-habitados, a encenadora de *Ilha Elefante* criou um espectáculo onde sete exploradores presos numa ilha de gelo procuram sobreviver, numa viagem interna e também colectiva.

Numa das salas de ensaio do INAC, Rui e Pedro atiram malabares (pequenas bolas) um para o outro. Daniel Barbosa, Joaquim Lemos e Nuno Mendes também. “Concentrem-se”, pede Carolina Vasconcelos: “Não se esqueçam de olhar nos olhos uns dos outros.”

Orientar um grupo sem

experiência é uma luta. Trabalho de corpo e mente, de confiança, controlo dos riscos, domínio de uma ferramenta de circo – no espectáculo usam-se os malabares, o globo e a roda alemã. “Pôr alguém que não tem experiência a fazer isto, tenha ou não uma deficiência, é um desafio.”

Joaquim Freitas, *T-shirt* do INAC vestida, gosta de ali estar com os amigos. Já aprendeu “muita coisa”, sobretudo com os malabares, e faz uma auto-avaliação positiva: “Acho que sou bom e espero evoluir. Estar aqui ajuda-me a melhorar o meu currículo.”

Integrar não é incluir

Patrícia Miranda não hesita em definir o que ali está em causa: “É a verdadeira inclusão.” Para a directora técnica da Casa de Santa Maria, do Centro Social e Paroquial de Ribeirão, o benefício maior do projecto do INAC é o contacto promovido com o exterior. Numa instituição, diz, a ambição maior é a integração. E isso é pouco.

Um projecto como o Panorama – que tem prevista a criação de mais uma produção inédita,



Programa Panorama, com a duração de dois anos, vai criar dois espectáculos e reflectir sobre a inclusão nas artes

Programa quer criar as bases para a criação de uma companhia de circo para pessoas com deficiência

também a estrear em Famalicão – pode igualmente abrir portas para um mercado de trabalho. E Patrícia Miranda sabe como é difícil esse passo. “Já batemos à porta de muitas empresas que nos dizem que não”, confidencia.

É uma narrativa familiar a Andreia Freitas, irmã de Pedro. “Sabemos bem que uma pessoa com deficiência dificilmente encontra trabalho. Ainda falta isso no nosso país”, lamenta. Quando a pandemia virou o quotidiano do avesso, Pedro estava a fazer um

estágio num cabeleireiro. Com sucesso. “Ele quer ser independente. Diz que gostava de trabalhar e ter uma casa dele.”

Quando os artistas subirem ao palco do Narciso Ferreira, estarão a desafiar o próprio circo contemporâneo, habituado a uma história onde aqueles corpos não entram. Novos rostos, riscos e risos entram em cena – e o embate, espera-se, é também para quem vê o espectáculo: ainda guardam preconceitos?

Garantir este “lugar de fala” é urgente, aponta Carolina Vasconcelos, apontando conquistas feitas e por fazer: “Até há muito pouco tempo, por exemplo, as mulheres não podiam estar em cena. Até agora não vemos muitas pessoas com deficiência em cena. E a artes e o espaço cénico devem ser para qualquer corpo.”

No fundo, resume Juliana Moura, é proporcionar um espaço a todos. De igual forma. “Fico um pouco cansada de sermos nós a falar deles. Com a arte, expondo-os em palco, espero que a sociedade e o território pensem sobre isto. Sobre novas ferramentas e novas políticas.”

PUBLICIDADE

CONFERÊNCIA RECICLE MAIS PAGUE MENOS

RUMO A 2030

4 DE MAIO | AUDITÓRIO TECMAIA

PROGRAMA

08H45 Receção dos Participantes

09H00 SESSÃO DE ABERTURA

António Silva Tiago, Presidente da Câmara Municipal da Maia
Duarte Cordeiro*, Ministro do Ambiente e Ação Climática

09H20 CONFERÊNCIA:
A RECOLHA SELETIVA PORTA A PORTA – ECOPONTO EM CASA
Mónica Ferreira, Maiambiente

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – A TECNOLOGIA E A RELAÇÃO COM O CLIENTE
Sérgio Esteves/Cristina Monteiro, Maiambiente

O NOVO MODELO TARIFÁRIO – RECICLE MAIS PAGUE MENOS
Helena Lopes, Maiambiente

Sessão Perguntas e Respostas

10H20 Coffee-break

10H40 O PAYT NA EUROPA
Jean Benoit, ACR+

11H00 SESSÃO I – O PRINCÍPIO DO POLUIDOR PAGADOR

Moderação: Fernando Leite, LIPOR
Carlos Mendes, Maiambiente
Dalila Sepúlveda, Câmara Municipal de Guimarães
Constantino Poças, Serviços Municipalizados de Viana do Castelo
Helena Bigares, Município de Condeixa-a-Nova

Debate

13H00 Almoço volante

14H00 A GESTÃO DE RESÍDUOS NA CATALUNHA
Josep Maria Tost, Advisor in circular economy and Former Director of ARC (Agència de Residus de Catalunya)

14H20 SESSÃO II – O FUTURO DO SETOR

Moderação: Ana Isabel Trigo Morais, Sociedade Ponto Verde
João Quinhones Levy, ECOSERVIÇOS
Ana Cristina Carrola, APA
Vera Eiró, ERSAR
Célia Ramos, CCCRn
Fernando Leite, LIPOR

Debate

16H10 Sessão de Encerramento
Marta Peneda, Presidente do Conselho de Administração da Maiambiente



MEDIA PARTNERS



MAIN SPONSOR



SPONSORS



Mais informação em
<https://reciclemaispaguemenos.pt>



*a confirmar

Guerra na Ucrânia



Traidores na Rússia podem ser condenados a prisão perpétua

Putin promulgou legislação que prevê a deportação dos territórios ocupados na Ucrânia. A reconquista ucraniana poderá ser em breve, “assim que Deus quiser”

António Rodrigues

Com os ucranianos a afirmarem que a sua aguardada contra-ofensiva para recuperar parte do território nas mãos das forças russas está prestes a começar, a Rússia tenta calar possíveis vozes críticas agravando penas de prisão, ameaçando com deportação aqueles que não quiserem a cidadania russa, ao mesmo tempo que se prepara para enviar a energia produzida pela central nuclear de Zaporíjia para as regiões ucranianas actualmente em seu poder.

O Presidente russo, Vladimir Putin, assinou ontem o decreto-lei aprovado pelo Parlamento que aumenta as sentenças por traição de 20 anos para prisão perpétua, por “acto terrorista” de 15 para 20 anos de cadeia, tal como por sabotagem. Sendo que traição e terrorismo podem incluir delitos de opinião ou ofensas que ponham em causa a linha oficial do Governo em relação à sua “operação militar especial” na Ucrânia. Também promulgada foi a lei que retira a nacionalidade russa a estrangeiro naturalizado que “ameace a segurança nacional”.

O decreto assinado por Putin abre a possibilidade aos ucranianos (ou residentes) em território ocupado pelos russos de poder pedir a cidadania russa a partir de 1 de Julho de 2024. Ao mesmo tempo, a legislação destinada às regiões que Moscovo anexou ilegalmente (Donetsk, Lugansk, Kherison e Zaporíjia) prevê que quem não o fizer fique sujeito à possibilidade de deportação. Para a vice-ministra da Defesa ucraniana, Hanna Malyar, citada pela Reuters, a Rússia está a preparar-se para realizar uma “maquilhagem étnica” nos territórios ocupados, expulsando ucranianos que não queiram ser russos e instalando russos vindos de zonas remotas do seu país.

A partir da entrada em vigor da

nova legislação, todos aqueles que sejam vistos como ameaças à segurança nacional russa ou participem em reuniões ou manifestações não autorizadas nas zonas ocupadas podem ser facilmente deportados.

Depois de uma relativa calma no teatro de guerra nas últimas semanas, a barragem de mísseis e *drones* que a Rússia disparou na madrugada de ontem contra território ucraniano (os primeiros desde o início de Março) deixa antever novas movimentações militares, nomeadamente a tão referida contra-ofensiva ucraniana.

O Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, escreveu no Telegram, com imagens dos danos causados pelos mísseis, que “este terrorismo russo tem de enfrentar uma resposta adequada da Ucrânia e do mundo”.

E o ministro ucraniano da Defesa, Oleskii Reznikov, falando numa conferência de imprensa virtual, adiantou que a contra-ofensiva está para breve. “Assim que Deus quiser, o clima permitir e haja uma decisão dos comandantes, iremos fazê-lo.” Segundo o governante, citado pela Reuters, as suas forças estão num “grau elevado de prontidão” e o novo armamento recebido dos aliados será o “punho de ferro” que atingirá o inimigo.

O secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, garantiu esta semana que os aliados de Kiev já entregaram quase todos os veículos de combate prometidos. Ao mesmo tempo, milhares de soldados treinados em bases ocidentais estão preparados para o esforço de guerra.

Mas, Dmitro Kuleba, ministro de Negócios Estrangeiros ucranianos, tentou baixar as expectativas em relação à nova ofensiva, sublinhando que a única “batalha decisiva” para o resultado da guerra será a que levar “à libertação total dos territórios ucranianos”.



CARLOS BARRIA/REUTERS



CARLOS BARRIA/REUTERS

Mísseis russos atingem edifício de apartamentos no centro da Ucrânia

Pelo menos 21 pessoas morreram ontem no ataque russo com mais de 20 mísseis de cruzeiro que atingiram um edifício residencial no centro da Ucrânia, segundo um balanço feito pelas autoridades ucranianas ontem ao final da tarde.

O ataque com mísseis de ontem é o primeiro a ter também como alvo Kiev, em quase dois meses. No entanto, não há relatos de que qualquer alvo tenha sido atingido na capital

ucraniana. De acordo com a câmara da cidade, a Força Aérea da Ucrânia interceptou 11 mísseis de cruzeiro e dois veículos aéreos não-tripulados sobre Kiev.

O bombardeamento ao edifício de apartamentos de nove andares ocorreu em Uman, uma cidade situada a cerca de 215 quilómetros a sul de Kiev. Dezoito pessoas foram mortas nesse ataque, entre as quais três menores – duas crianças de dez anos e um bebé –, de acordo com informações avançadas

pelo governador da região, Ihor Taburets.

Outra vítima mortal foi uma mulher de 75 anos que vivia num prédio vizinho e morreu de hemorragia interna causada pela onda de choque da explosão, segundo as equipas de emergência no local.

Noutro ataque, na cidade oriental de Dnipro, foram mortas uma mulher de 31 anos e a sua filha de dois anos, indicou o governador regional, Serhii Lysak. **PÚBLICO/Lusa**

Três republicanas e um conservador de 80 anos travam leis antiaborto nos EUA

Alexandre Martins

Na Carolina do Sul foi impedida a proibição quase total do aborto; no Nebraska, a proibição até às seis semanas

Duas propostas de lei antiaborto, uma delas com uma proibição quase total, foram derrotadas nas assembleias legislativas da Carolina do Sul e do Nebraska, dois estados norte-americanos de maioria conservadora. O bloqueio teve como protagonistas as únicas três mulheres republicanas no Senado da Carolina do Sul e um congressista republicano do Nebraska, de 80 anos.

Na Carolina do Sul, o Senado estadual voltou a travar uma proposta de lei – aprovada pela Câmara dos Representantes em Fevereiro – que ilegaliza a quase totalidade dos abortos, com exceções para casos de violação, incesto e malformação fatal do feto.

No Nebraska, estava em causa a votação de uma proposta, na única câmara legislativa do estado, que proíbe o aborto a partir das seis semanas de gravidez – antes de muitas mulheres saberem que estão grávidas.

Por decisão dos tribunais, e por algum receio de que as restrições ao aborto prejudiquem o Partido Republicano nas próximas eleições, os dois estados têm ainda em vigor leis antigas, que permitem o aborto até às 22 semanas nos casos de violação, incesto, malformação do feto e risco de vida para as grávidas.

Por causa disso, a Carolina do Sul é hoje o estado mais procurado, no Sul do país, por milhares de mulheres que residem em estados vizinhos onde os republicanos já conseguiram impor a proibição quase total. Segundo números provisórios do Departamento de Saúde e Controlo Ambiental dos EUA, 48% das 1969 mulheres que fizeram abortos na Carolina do Sul entre Janeiro e meados de Março viviam noutros estados.

Na Carolina do Sul está em discussão uma outra proposta – neste caso já aprovada pelo Senado, mas não pela Câmara dos Representantes – que proíbe o aborto depois das seis semanas, à semelhança da que foi rejeitada no Nebraska na quinta-feira.

Estas propostas fazem parte de um movimento mais abrangente no sentido da restrição do acesso ao aborto nos estados norte-americanos de maioria republicana, depois de o Supremo Tribunal dos Estados Unidos ter posto fim ao aborto como um

direito constitucional em todo o país, no Verão de 2022.

Desde então, o aborto passou a ser ilegal em 14 estados e é proibido na Geórgia depois das seis semanas de gravidez; outros oito estados de maioria republicana aprovaram leis restritivas, que foram postas em suspenso até à decisão final dos tribunais.

Ao mesmo tempo, as organizações antiaborto têm tentado, em alguns estados, que os tribunais proibam a venda de mifepristona, fármaco essencial no aborto medicamentoso. Um desses processos, iniciado no Texas – que exige a revogação judicial da venda do medicamento, autorizada pela FDA há duas décadas –, está a ser analisado pelo Supremo Tribunal dos EUA.

Futuro distópico

A proposta em discussão na Carolina do Sul foi aprovada pela Câmara dos Representantes do estado em Fevereiro, mas só podia ser promulgada pelo governador – Henry McMaster, do Partido Republicano – se também fosse aprovada pelo Senado.

A pressão dos republicanos para que a lei na Carolina do Sul passe a ser uma das mais restritivas em todo o país tem esbarrado no Supremo Tribunal do estado e na oposição das únicas cinco mulheres eleitas para o Senado local – três do Partido Republicano, uma do Partido Democrata e uma independente progressista.

Já depois de o Supremo dos EUA ter posto fim ao aborto como um direito constitucional em todo o país – na prática, deixando a cada estado a decisão de legislar da forma que entender –, o Supremo da Carolina do Sul manteve o seu entendimento (numa votação de 3-2) de que a Constituição do próprio estado protege o direito ao aborto.

Entretanto, a única mulher entre os cinco juizes do Supremo da Caro-

A única mulher entre os cinco juizes do Supremo da Carolina do Sul, cujo voto foi essencial para bloquear a proibição do aborto, chegou à idade da reforma e foi substituída por um homem



SAM WOLFE/REUTERS

lina do Sul, Kaye Hearn – cujo voto foi essencial para bloquear a proibição do aborto –, chegou à idade da reforma e foi substituída, em Fevereiro, por um homem, David Garrison Hill, escolhido pela maioria republicana.

No estado, os juizes do Supremo são escolhidos pela assembleia legislativa e têm mandatos de dez anos, renováveis até aos 72 anos de idade.

Ou seja, se o Partido Republicano conseguir aprovar uma proibição quase total do aborto em próximas ocasiões, a decisão do Supremo do estado sobre a constitucionalidade dessa lei já não contará com a influência de Hearn; ao reunir o apoio dos republicanos para ser escolhido como substituto da juíza, é altamente provável que Hill transforme uma maioria de 3-2 contra a proibição do aborto numa minoria de 2-3.

Ainda assim, e como ficou patente na votação de quinta-feira, não há unanimidade na maioria republicana no Senado da Carolina do Sul para a aprovação de uma lei muito restritiva. A proposta foi derrotada ainda antes de ter chegado à votação final, com as cinco senadoras a impedirem com os seus votos que o documento saísse da fase de debate (um procedimento conhecido como *filibuster*).

“As leis do aborto foram sempre, todas e cada uma delas, sobre controlo”, disse a senadora republicana Sandy Senn, que comparou a proposta de proibição quase total do aborto ao romance distópico *The Handmaid’s Tale/A História de Uma Serva*, de Margaret Atwood. “E, neste Senado, os homens têm todo o controlo.”

Mudança de opinião

No Nebraska, a surpresa com o bloqueio da proposta de proibição do aborto depois das seis semanas foi ainda maior, com um congressista do Partido Republicano, Merv Riepe, de

80 anos, a mudar de opinião à última hora.

Tal como na Carolina do Sul, foi a posição de Riepe durante a votação para pôr fim à fase do debate – neste caso recusando-se a votar, mesmo estando presente – que impediu o Partido Republicano de ter os votos necessários para levar a proposta a uma votação final, onde a aprovação estava garantida à partida devido ao desequilíbrio de forças entre republicanos e democratas (32-17).

Riepe, um antigo administrador hospitalar, propôs aos seus colegas que a proibição passasse das seis para as 12 semanas – uma proposta que não agradava aos republicanos, por ser demasiado permissiva; nem aos democratas, por não prever exceções para casos de violação, incesto ou malformação do feto.

“No fim do dia, eu preciso de olhar para o espelho e perguntar: ‘Tomaste a melhor decisão?’”, disse o congressista republicano ao jornal *Flatwater Free Press*. “Não sou mulher e não quero falar por elas, mas uma proibição até às seis semanas não dá tempo suficiente. Em muitos casos, as mulheres não sabem exactamente o seu ciclo menstrual.”

A senadora estadual Sandy Senn foi uma das que travaram a lei na Carolina do Sul

PUBLICIDADE

Assembleia Municipal de Oeiras

MUNICÍPIO DE OEIRAS
ASSEMBLEIA MUNICIPAL

EDITAL N.º 21/2023

ELISABETE MARIA DE OLIVEIRA MOTA RODRIGUES DE OLIVEIRA, Presidente da Assembleia Municipal, faz saber que tem lugar no próximo dia 2 de maio, 3.ª feira, às 15 horas, no Auditório Municipal, sito no Edifício da Biblioteca Municipal de Oeiras, a SESSÃO EXTRAORDINÁRIA N.º 10/2023, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Apreciação e Votação da Proposta C.M.O. N.º 203/2023 – SIMAS – relativa ao Orçamento e Grandes Opções do Plano para o ano de 2023. Proposta de Deliberação N.º 48 - SIMAS/2023;
2. Apreciação e Votação da Proposta C.M.O. N.º 204/2023 – SIMAS – relativa à 1.ª Alteração Orçamental Modificativa 2023 - Modificações ao Orçamento da Receita, da Despesa e PPI. Proposta de Deliberação N.º 49 - SIMAS/2023;
3. Apreciação e Votação da Proposta CMO N.º 261/2023 – DLEU – relativa à Redução de 50% do valor da compensação urbanística por impossibilidade de garantia física de um lugar de estacionamento - Rua José Duarte Pedroso, n.º 14, em Algés;
4. Apreciação e Votação da Proposta CMO N.º 262/2023 – DLEU – relativa à Redução de 50% do valor da compensação urbanística por impossibilidade de garantia física de um lugar de estacionamento - Rua Cândido dos Reis, n.º 47, na Travessa de Santo António, n.º 1, 3 e 5 e no Largo 5 de Outubro, n.º 19, em Oeiras;
5. Apreciação e Votação da Proposta CMO N.º 263/2023 – DLEU – relativa à Redução de 50% do valor da compensação urbanística por impossibilidade de garantia física de dois lugares de estacionamento - Rua José Duarte Pedroso, n.º 12, em Algés;
6. Apreciação e Votação da Proposta CMO N.º 264/2023 – DLEU – relativa à Redução de 50% do valor da compensação urbanística por impossibilidade de garantia física de quatro lugares de estacionamento - Rua Costa Pinto, n.º 43, 45 e 47, e na Travessa do Salva Vidas, n.º 5, 5A e 5B, em Paço de Arcos..

Findo o Período da Ordem de Trabalhos haverá lugar à Intervenção do Público.

Para constar se publica este Edital e outros de igual teor, que vai ser afixado nos lugares de estilo.

Oeiras e Assembleia Municipal, aos 24 dias do mês de abril do ano 2023

A PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL
Elisabete Maria de Oliveira Mota Rodrigues de Oliveira

Mundo



Papa Francisco
conversa com a
Presidente da
Hungria, Katalin
Novák

Rússia tem de pagar 130 milhões à Geórgia

É improvável que Moscovo aceite decisão do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos. Esta não é a primeira condenação

O Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (TEDH) condenou, ontem, a Rússia a indemnizar a Geórgia em 130 milhões de euros pelos actos cometidos durante o conflito na região da Ossétia do Sul em 2008. O Tribunal de Estrasburgo declarou-se competente no caso, apesar de a Rússia ter sido expulsa do Conselho da Europa em Março de 2022, após a invasão da Ucrânia, e pediu ao Comité de Ministros da organização que continue a vigiar o cumprimento das sentenças proferidas contra Moscovo.

Os juízes europeus consideraram provado que a Rússia tolerou actos contrários à Convenção Europeia dos Direitos Humanos, como o assassinio de civis, incêndios, saques de cidades, tratamentos desumanos e degradantes, detenções arbitrárias e tortura durante o conflito.

A maior parte da indemnização, 115 milhões de euros, deve ir para os 23.000 georgianos que foram impedidos de regressar às suas casas na Ossétia do Sul e na Abkházia. Além disso, Moscovo deve pagar 8,2 milhões de euros pelos obstáculos impostos à investigação pelos familiares ao que aconteceu realmente aos 412 mortos durante o conflito.

Não é a primeira vez que Estrasburgo condena a Rússia por crimes cometidos no conflito de 2008 na Ossétia do Sul, mas Moscovo não está a cumprir estas sentenças. Em Dezembro, o Comité de Ministros instou os russos a acatar as determinações e lembrou-os de que os tratados obrigam o país a cumpri-las, apesar de ter sido excluído do Conselho de Europa.

O Kremlin reconheceu a independência de duas regiões separatistas da Geórgia – Ossétia do Sul e Abkházia – em 26 de Agosto de 2008, após a assinatura de um acordo que pôs termo a um breve, mas sangrento, conflito com a Geórgia.

A Geórgia não reconhece a independência das duas regiões e apelou ao Kremlin para revogar a aceitação, sendo apoiada por Estados Unidos e União Europeia, e considera as tropas russas uma força de ocupação.

O Presidente russo, Vladimir Putin, recebeu em Março o líder da Ossétia do Sul, Alan Glagoyev, que continua a manifestar a intenção de integrar o território na Federação da Rússia.

Na Hungria de Orbán, Papa contra nacionalismos que “voltam a rugir”

João Pedro Pincha

Francisco diz que o multilateralismo parece “coisa do passado” e que “é essencial redescobrir a alma europeia”

O Papa Francisco iniciou ontem uma visita à Hungria com um discurso em que deixou alertas sobre o ressurgimento do populismo e dos nacionalismos, apelou ao acolhimento dos migrantes e refugiados e defendeu a necessidade de “esforços criativos para a paz”, na Ucrânia e não só.

Algumas das mensagens, que Francisco incluiu numa intervenção baseada na história, nas pontes e nos santos de Budapeste, chocam de frente com posições do primeiro-ministro Viktor Orbán, que estava na plateia juntamente com outros membros do seu Governo e com a Presidente húngara, Katalin Novák.

Assinalando os 150 anos da fundação de Budapeste, que resultou da fusão de três povoações nas margens do Danúbio, o Papa relacionou a criação e crescimento da capital da Hungria com o processo de construção europeia. “No período pós-

guerra, a Europa representou, juntamente com as Nações Unidas, a grande esperança no objectivo comum de que uma ligação mais estreita entre as nações evitaria novos conflitos”, disse Francisco, para depois lamentar que hoje “a paixão pela política comunitária e pelo multilateralismo pareça uma linda coisa do passado”.

Por um lado, “parece que estamos a assistir ao triste declínio do sonho coral da paz, enquanto os solistas da guerra ganham espaço”. Por outro, acrescentou, “o entusiasmo pela construção de uma comunidade pacífica e estável de nações parece ter-se desintegrado, ao mesmo tempo que se demarcam zonas, se assinalam diferenças, em que os nacionalismos voltam a rugir e se exasperam os juízos e tons em relação aos outros”.

Assim, defendeu, “é essencial redescobrir a alma europeia: o entusiasmo e o sonho dos pais fundadores, estadistas que souberam olhar para além do seu tempo, para além das fronteiras nacionais e das necessidades imediatas.”

Sob a liderança de Viktor Orbán, que saiu com uma maioria reforçada das eleições legislativas do ano passado, a Hungria está a tornar-se aquilo

que o primeiro-ministro definiu como “democracia iliberal” – e que a oposição interna e o Parlamento Europeu dizem ser uma “autocracia eleitoral” que “já não é uma democracia plena”. No seu discurso de vitória eleitoral, há um ano, Orbán demarcou claramente as fronteiras face a Bruxelas: “O mundo inteiro pode ver que a nossa política democrata cristã, conservadora, patriótica, venceu. Estamos a mandar uma mensagem à Europa de que isto não é o passado – isto é o futuro.”

Às aparentes críticas dirigidas ao executivo húngaro, Francisco acrescentou aparentes remoques à União Europeia. “Penso numa Europa que não seja refém das partes, presa de populismos auto-referenciais, mas que também não se transforme numa realidade fluida, gasosa, uma espécie de supranacionalismo abstracto, alheio à vida dos povos”, disse.

E aproximou-se de alguns tópicos caros a Orbán, ao declarar-se contra “a via nefasta das ‘colonizações ideológicas’, que eliminam diferenças, como no caso da chamada cultura de género, ou coloca conceitos redutores de liberdade à frente da realidade da vida, ao celebrar como conquista um insensato ‘direito ao aborto’, que

é sempre uma trágica derrota.”

Sobre o acolhimento a migrantes, o Papa voltou a divergir do Governo húngaro, que tem políticas anti-imigração com o argumento de que está a defender a civilização cristã.

Recorrendo a citações de Santo Estêvão, rei da Hungria e considerado o primeiro mártir do cristianismo, Francisco disse: “Os que professam ser cristãos, acompanhados pelas testemunhas da fé, são chamados a testemunhar e a caminhar com todos, cultivando um humanismo inspirado no Evangelho e enraizado em duas pistas fundamentais: reconhecer-se como filhos amados do Pai e amar cada um como irmão.”

“Para quem é cristão, a atitude fundamental não pode ser diferente daquela que Santo Estêvão transmitiu, aprendida de Jesus, que se identificou como estrangeiro a acolher.”

Perante “tantos desesperados que fogem dos conflitos, da pobreza e das alterações climáticas”, finalizou, “é urgente que nós, enquanto Europa, trabalheemos em vias seguras e legais, em mecanismos partilhados face a um desafio que não pode ser travado pela rejeição, mas que deve ser abraçado para preparar um futuro que, se não for em conjunto, não o será.”

P | ASA

Os piratas chegaram para o prender. Da primeira à última página.

COLEÇÃO "BLACK CROW"

A BD MAIS DESTEMIDA DOS 7 MARES.
DE JEAN-YVES DELITTE

VOL. 3 - A ÁRVORE DOS HOLANDESES

Todos a bordo de mais uma aventura pelos 7 mares. Black Crow continua na África Negra, ao lado de Van Steenvoorde, numa busca insaciável pelo misterioso e hipotético tesouro. Em jogo está a libertação de Jack, o irmão da sua falecida amada. Não perca este magnífico retrato do universo pirata, com o Público.

COLEÇÃO EM CAPA DURA

+10,90 €

QUARTA, 3 MAI

COM O PÚBLICO

P



COMPRA AQUI



Mundo

Líder da BBC demite-se após omitir “potenciais conflitos de interesses”

António Saraiva Lima

Richard Sharp apresentou empresário que foi fiador de um empréstimo ao ex-primeiro-ministro Boris Johnson

O presidente da BBC, Richard Sharp, apresentou ontem a sua demissão do cargo, na sequência de uma investigação independente ter concluído que violou as regras do processo de nomeações públicas quando apresentou ao Governo um empresário que viria a ser fiador do ex-primeiro-ministro Boris Johnson, numa altura em que era candidato à liderança da emissora britânica.

Segundo o relatório final da investigação requisitada pelo comissário das Nomeações Públicas e elaborada pelo advogado Adam Heppinstall, divulgado ontem, Sharp “não revelou potenciais conflitos de interesses ao painel que entrevistou os candidatos” à presidência da BBC e que “aconselhou os ministros sobre quem nomear” para o cargo.

Em causa está uma conversa entre Sharp e o *cabinet secretary* Simon Case – antigo responsável por dar apoio a Johnson e ao seu gabinete –, em Dezembro de 2020, na qual o primeiro passou ao segundo o contacto do empresário Sam Blyth, que poderia ajudar o chefe do Governo com um assunto financeiro de natureza pessoal.

Uma notícia publicada pelo *Sunday Times* no início deste ano revelou que Blyth acabou por ser fiador num empréstimo que foi concedido a Johnson, quando este ainda liderava o Governo, no valor de 800 mil libras (907 mil euros).

A candidatura do antigo banqueiro, que é um conhecido financiador do Partido Conservador, mereceu o aval do primeiro-ministro, do ministro da Cultura e da comissão parlamentar do Digital, Cultura, Media e Desporto da Câmara dos Comuns, e Sharp foi nomeado presidente da BBC em Fevereiro de 2021.

“O sr. Sharp informou o antigo primeiro-ministro que desejava candidatar-se a presidente da direcção da

BBC, antes de ter formalizado a sua candidatura em Novembro de 2020. O sr. Sharp também informou o antigo primeiro-ministro, antes de ser entrevistado [pelo painel], que iria encontrar-se com o *cabinet secretary*, numa tentativa de lhe apresentar uma pessoa que ele sugeria que podia ajudar o antigo primeiro-ministro com as suas finanças pessoais”, lê-se no relatório de Heppinstall.

“Estas questões deram origem a uma potencial aparência de conflito de interesses. Existe um risco de percepção de que o sr. Sharp tenha sido recomendado para a nomeação porque ajudou (...) o antigo primeiro-ministro num assunto financeiro privado e/ou que tenha influenciado o

antigo primeiro-ministro a recomendá-lo, ao tê-lo informado sobre a sua candidatura antes de a ter apresentado”, conclui.

Em comunicado, Sharp repetiu os argumentos que já tinha apresentado numa sessão parlamentar de inquérito, segundo os quais a possível violação das regras para as nomeações públicas foi “inadvertida”.

“Sempre disse que a violação [das regras] tinha sido inadvertida e não material, algo que os factos que ele [Heppinstall] apresenta sustentam”, sublinhou.

“Não obstante, decidi que o melhor é dar prioridade aos interesses da BBC”, justificou. “Sinto que este assunto pode muito bem ser uma distração do bom trabalho da companhia se eu me mantiver no cargo até ao fim do meu mandato.”

A oposição reagiu à demissão criticando o Governo conservador e o primeiro-ministro, Rishi Sunak, por não terem actuado mais cedo, acrescentando que o caso provoca enormes danos reputacionais à BBC e ao Partido Conservador.

“Esta violação [das regras] causou danos incalculáveis à reputação da BBC e pôs verdadeiramente em causa a sua independência”, criticou Lucy Powell, “ministra-sombra” trabalhista da Cultura, apontando o dedo ao “clientelismo” do partido no Governo. “Isto acontece após 13 anos em que os *tories* têm feito tudo o que podem para se defender a si próprios e aos seus amigos.”



Richard Sharp foi nomeado presidente da BBC em Fevereiro de 2021

Brasil volta a entregar terras aos povos indígenas cinco anos depois

João Ruela Ribeiro

Cinco anos depois, o Brasil vai entregar novas terras aos povos indígenas. O Presidente Lula da Silva anunciou a homologação de seis novas terras indígenas, que concluem longos processos de demarcação que estavam paralisados há vários anos.

“A luta por demarcação dos povos indígenas é uma luta por respeito, direitos e protecção da nossa natureza e país”, afirmou Lula, através do Twitter, ao anunciar a decisão.

Apesar de ser uma obrigação prevista pela Constituição, os processos de demarcação de novas terras indígenas estavam parados desde 2018, desde o mandato de Michel Temer.

Com a chegada ao poder de Jair Bolsonaro, em 2019, as hipóteses de que estas acções avançassem tornaram-se ainda mais remotas. O ex-Presidente foi eleito com a promessa de não conceder mais nenhuma parte do território brasileiro aos povos indígenas, e cumpriu.

Durante o mandato de Bolsonaro, a entidade pública responsável pelos processos de demarcação de terras indígenas, a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), foi praticamente extinta, com a saída de grande parte dos seus funcionários e com uma actuação fortemente oposta à sua própria missão.

Nos últimos anos, multiplicaram-se os casos de invasões de terras indíge-

nas, que o Estado é obrigado a proteger, e de perseguições a líderes comunitários. O caso mais gritante foi o da invasão da terra dos yanomamis, um vasto território na Amazônia, que chegou a albergar mais de 20 mil garimpeiros envolvidos na extracção e venda ilegal de materiais preciosos, levando a uma grave crise humanitária e sanitária.

No início do ano, o Governo federal



A pressão do garimpo ilegal provocou uma grave crise humanitária e de saúde na terra dos yanomamis

levou a cabo uma operação para forçar a saída dos garimpeiros.

Com a eleição de Lula, que criou pela primeira vez um Ministério dos Povos Indígenas, gerou-se a expectativa de que as demarcações de terras indígenas voltassem a ocorrer. As seis agora homologadas – nos estados do Acre, Amazonas, Alagoas, Ceará, Goiás e Rio Grande do Sul – fazem parte de um grupo de 14 processos de demarcação que já cumpriram todos os trâmites necessários, faltando apenas a assinatura presidencial.

Para além das demarcações, o Governo federal também anunciou medidas para fortalecer a acção das entidades responsáveis pela gestão e protecção dos territórios indígenas.

Mike Pence ouvido sobre invasão do Capitólio

Alexandre Martins

O ex-vice-Presidente dos EUA foi alvo, enquanto líder do Senado, de pressões de Trump para não confirmar a vitória de Biden

O antigo vice-presidente dos Estados Unidos Mike Pence testemunhou sob juramento, na quinta-feira, perante um grande júri que vai decidir se Donald Trump deve ser acusado de crimes pelo seu papel na invasão do Capitólio. O depoimento de Pence não foi divulgado publicamente, mas a audição perante um grande júri é um passo significativo na evolução das investigações do Departamento de Justiça dos EUA.

Pence, de 63 anos, foi intimado a depor por ordem do procurador especial Jack Smith, nomeado em 2022 pelo procurador-geral dos EUA, Merrick Garland, para liderar duas investigações criminais que têm Trump no centro: uma sobre a invasão do Capitólio e outra sobre os milhares de documentos da Casa Branca – incluindo centenas com informações secretas – que o ex-Presidente levou para as sua mansão na Florida após o fim do mandato.

Na sequência da intimação, anunciada em Fevereiro, Pence – que já deu sinais de querer candidatar-se à eleição presidencial de 2024 – disse que ia lutar nos tribunais para não ter de prestar depoimento, por violar uma cláusula da Constituição sobre a separação de poderes, já que o seu papel no dia 6 de Janeiro de 2021 não foi desempenhado na qualidade de vice-presidente dos EUA (poder executivo), mas sim de presidente do Senado (poder legislativo).

O caso foi resolvido depois de Pence ter obtido a garantia de que não teria de responder a questões sobre as suas actividades parlamentares a 6 de Janeiro de 2021.

Em causa está a pressão que Trump exerceu sobre Pence – e que Pence sempre criticou em público, incluindo no seu livro de memórias *So Help Me God*, de 2022. “Ficará para a história como um covarde. Cometi um grande erro há cinco anos”, disse Trump a Pence num telefonema na manhã de 6 de Janeiro, segundo o então vice-presidente dos EUA. Nas horas seguintes, Pence foi acusado de traição e perseguido no Capitólio por apoiantes de Trump, que levaram até às imediações do edifício uma força onde se podia ler “Enforquem o Mike Pence”.

Economia da zona euro terá crescido 0,1% em cadeia **Economia**

PIB pode crescer mais de 2% este ano mesmo com estagnação até ao final

Crescimento de 1,6% no primeiro trimestre faz com que, mesmo com PIB estagnado nos três trimestres seguintes, a variação anual do PIB em 2023 possa ser de 2,1%, acima dos 1,8% previstos pelo Governo

Sérgio Aníbal

Tal como já tinha acontecido no ano passado, a economia portuguesa conseguiu, nos primeiros meses de 2023, surpreender todos aqueles que fazem previsões de crescimento com uma variação do Produto Interno Bruto (PIB) bem mais forte do que aquilo que era esperado. As portas parecem abertas, mesmo numa conjuntura de inflação e taxas de juro altas, para um resultado no total do ano que fique acima daquilo que eram as expectativas.

De acordo com a estimativa rápida das contas nacionais ontem publicada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), a economia portuguesa cresceu 1,6% durante o primeiro trimestre deste ano.

É uma variação em cadeia (face ao trimestre imediatamente anterior) que não só é a mais alta entre os dez países da União Europeia que já divulgaram resultados, como representa uma aceleração face ao que aconteceu durante os trimestres anteriores.

Depois de um crescimento de 2,3% no primeiro trimestre de 2022, interrompeu-se o ritmo forte de retoma e Portugal, mesmo continuando a crescer, registou, entre o segundo e o quarto trimestres de 2022, sempre variações trimestrais em cadeia do PIB inferiores a 0,3%, um ritmo lento que, com a inflação ainda a pesar na capacidade de consumo dos portugueses e a subida das taxas de juro a penalizar as famílias e as empresas que recorreram no passado a empréstimos, parecia difícil de evitar.

É por isso que, até agora, todas as previsões para o crescimento económico em 2023 apontavam para valores modestos. O Fundo Monetário Internacional (FMI), já durante este mês, apontou para uma variação anual do PIB em 2023 de 1%, enquanto o Banco de Portugal e o Governo, no seu recente Programa de Estabilidade, prevêem 1,8%.

A aceleração agora verificada no arranque de 2023 constitui, no entanto, uma surpresa, já que parece pôr a economia nacional a um ritmo que a lança para uma taxa de crescimento anual em 2023 acima dos valores previstos por todas estas entidades.

De facto, no caso do Banco de Portugal, a sua projecção de cresci-



MATILDE FIESCHI

económica se deveu, principalmente, à evolução positiva das exportações, num cenário em que a procura interna se encontra limitada.

Na nota publicada ontem, a entidade nacional de estatística afirma que a variação de 1,6% se deve ao “contributo positivo expressivo da procura externa líquida, em larga medida resultante do dinamismo das exportações, enquanto o contributo da procura interna passou a negativo”.

Europa escapa a recessão

Para já, aquilo que se está a ver no resto da Europa é uma economia que está a conseguir escapar a um cenário de recessão técnica (definida como pelo menos dois trimestres consecutivos de variação negativa em cadeia do PIB), mas que pouco mais vai além disso.

A economia da zona euro terá, de acordo com a primeira estimativa do Eurostat, registado um crescimento em cadeia de 0,1% depois da estagnação que se tinha verificado no quarto trimestre de 2022. Na UE, a economia cresceu agora 0,3%, após no último trimestre do ano passado se ter retraído 0,1%.

Na Alemanha, onde muitos analistas estavam a apostar na confirmação de uma recessão técnica depois da contracção de 0,5% (uma revisão em baixa face à estimativa inicial) do quarto trimestre de 2022, o resultado acabou por ficar um pouco acima, com o PIB a apresentar uma variação nula que, pelo menos para já, evita, à tangente, a entrada oficial em recessão da maior economia europeia.

Neste cenário, o desempenho da economia portuguesa no arranque de 2023 destaca-se a nível europeu. Os números também publicados ontem pelo Eurostat mostram que, entre os dez países da União Europeia (nove da zona euro, um fora da zona euro) que já publicaram dados para o primeiro trimestre, Portugal foi aquele que apresentou uma variação do PIB em cadeia mais elevada.

O crescimento de 1,6% registado em Portugal é seguido pelos 0,5% conseguidos pela Espanha, Itália e Letónia. Já no que diz respeito à variação homóloga do PIB, Espanha e Irlanda, com 3,8% e 2,6% respectivamente, superam neste momento Portugal.

Exportações, incluindo turismo, contribuíram para a aceleração da economia

Metas orçamentais do Programa de Estabilidade assentam num crescimento anual de 1,8% em 2023

mento anual de 1,8% em 2023 parte do princípio de que a economia portuguesa crescerá 0,4% no primeiro trimestre do ano, um valor bastante abaixo do agora registado, acelerando depois ligeiramente para taxas de crescimento de 0,5% e 0,6% nos trimestres seguintes.

Contas feitas pelo PÚBLICO mostram ainda que, com um crescimento de 1,6% logo no primeiro trimestre, que colocou a taxa de variação homóloga (face ao mesmo trimestre do ano anterior) em 2,5%, a economia portuguesa pode registar uma

taxa de crescimento acima de 2%, mesmo se a partir de agora se mantiver estagnada.

De facto, variações nulas em cadeia do PIB durante o segundo, terceiro e quarto trimestres do ano resultariam ainda assim num crescimento anual em 2023 de 2,1%, acima dos 1,8% projectados pelo Governo e que serviram de base para a definição das metas orçamentais feitas para este ano no Programa de Estabilidade.

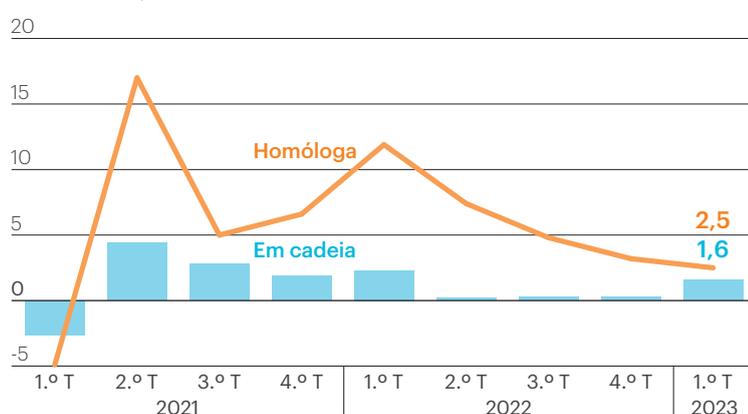
Nem tudo são favas contadas, contudo, no que diz respeito a assegurar um crescimento de 1,8%.

Com a taxa de inflação ainda elevada e as taxas de juro altas a penalizarem o nível de consumo das famílias e de investimento das empresas, qualquer deterioração da conjuntura pode ser suficiente para inverter a tendência de aceleração registada durante o primeiro trimestre. E o que acontece no exterior conta bastante, porque para já aquilo que está a fazer subir o ritmo da economia são as exportações do país.

O INE não dá ainda, nesta estimativa rápida, pormenores sobre a evolução das componentes do PIB no primeiro trimestre deste ano. Ainda assim, explica que a variação em cadeia registada na actividade

Variação do PIB

Por trimestre, em %



Fonte: INE

PÚBLICO

Economia

Empréstimo de 200 mil euros com taxa a 12 meses fica 4800 euros mais caro num ano

Rosa Soares

Médias das taxas Euribor voltaram a subir em Abril. Impacto nos contratos à habitação que serão revistos em Maio é significativo

A queda das taxas Euribor para valores negativos, o que aconteceu a partir de 2015 (a três e seis meses) e 2016 (a 12 meses) até à primeira metade de 2022, foi uma verdadeira armadilha para muitas famílias que compraram habitação com recurso a crédito. O baixo custo dos empréstimos e o elevado preço das casas permitiu a um grande número de famílias de rendimentos médios assumir empréstimos próximos ou mesmo acima de 200 mil euros, que têm agora, com a acelerada subida das taxas, prestações a superar os 1000 euros.

Uma simulação realizada pelo PÚBLICO para um empréstimo de 200 mil euros de Abril de 2022, com uma Euribor a 12 meses, quando esta atingiu o primeiro valor positivo nos 0,013%, e com um *spread* de 1%, a 30 anos, correspondia a uma prestação de 644,47 euros, ou seja, um custo comportável para muitas famílias, tendo em conta que o valor das rendas seria, com forte probabilidade, mais significativo.

Mas, passados apenas 12 meses, este mesmo empréstimo, com a actualização a ocorrer em Maio (com a média de Abril de 3,757%), vê a prestação disparar para 1044,14 euros, cerca de 400 euros a mais. A forte subida, a um ritmo sem paralelo na história das Euribor, corresponderá a um acréscimo de 4800 euros nos próximos 12 meses, ou seja, até à próxima revisão, a ocorrer em Maio de 2024.

E se o mesmo empréstimo tivesse sido contratado há dois anos, com a Euribor a 12 meses ainda em valor negativo (-0,484%, em Abril de 2021), a prestação inicial era ainda mais baixa – 601,01 euros –, pelo que o acréscimo para a nova prestação seria de 443,13 euros (5317 euros nos próximos 12 meses).

Já nas simulações do mesmo empréstimo com as médias de Abril da Euribor a três e a seis meses, os aumentos, embora significativos, são mais suaves, o que se explica pelo facto de as últimas revisões terem ocorrido há três e seis meses. Um empréstimo associado à taxa a três meses aumenta 94,91 euros, para 975,58 euros, e à taxa a seis meses sobe 172,29 euros, para 1015,27 euros.

A média dos empréstimos mais recentes ronda os 130 mil euros, mas o número dos que estão no patamar dos 200 mil euros ou mais não deixa de ser significativo, sofrendo um for-

te impacto com as recentes subidas do indexante.

As médias de Abril – que servirão de referência para os novos empréstimos a taxa variável a contratar em Maio e para as revisões a ocorrer nesse mês – voltam, assim, a trazer más notícias: a Euribor a três meses fixou-se em 3,179%, mais 0,268 pontos percentuais face a Março; a de seis meses em 3,516%, mais 0,249 pontos percentuais; e a de 12 meses em 3,757%, mais 0,110 pontos percentuais.

Estes valores correspondem a máximos desde 2008, acumulados em apenas cerca de um ano, uma vez que

a inversão da curva de valores negativos se iniciou no início de 2022.

E a tendência deixada na recta final de Abril indicia a continuação de novas subidas em Maio, em todos os prazos, mas especialmente nas taxas a três e a seis meses. Contudo, no prazo a 12 meses, a correcção que se seguiu ao máximo de mais 14 anos, nos 3,978% (a 9 de Março), está praticamente anulada, voltando este indicador a aproximar-se dos 4%.

O ritmo das novas subidas está nas mãos do Banco Central Europeu (BCE), que volta a reunir-se na próxima semana, a 4 de Maio, de onde

deverá sair um novo aumento das taxas directoras, provavelmente mais reduzido, em 0,25%.

As taxas Euribor, fixadas diariamente no mercado interbancário, a partir das taxas a que um conjunto de 57 bancos da zona euro está disposto a emprestar dinheiro entre si, começaram a subir no início de 2022, e de forma mais acentuada a partir de Fevereiro, quando o BCE sinalizou uma subida das taxas directoras, de forma a travar a escalada da inflação, que se acentuou com a guerra na Ucrânia. De Julho de 2022 a Março último, a taxa de juro de depósito do banco central, actualmente a principal referência para os custos de financiamento na zona euro, atingiu os 3%, um valor comparável com -0,5% em que se encontrava em Julho.

A subida do custo do dinheiro tem contribuído para a redução da taxa de inflação, embora a rimos diferentes dentro da zona euro, mas tem tido impacto negativo no desempenho das economias. Os números ontem publicados pelo Eurostat mostram que o cenário de recessão técnica na economia europeia, o que preocuparia particularmente o BCE, parece estar afastado. Na Alemanha, o resultado acabou por superar as expectativas, com uma variação nula do PIB, evitando a entrada oficial em recessão da maior economia europeia.



Preço das casas e subida dos juros dificultam acesso ao crédito

Preços continuam a subir mas inflação dá sinais de abrandamento em Abril

Sérgio Aníbal

Preços subiram mais 0,6% entre Março e Abril. Nos bens energéticos e alimentares já houve, no entanto, recuos

Os preços suportados pelos portugueses continuaram, em média, a agravar-se durante o mês de Abril, com uma subida de 0,6%. Ainda assim, há sinais de abrandamento das pressões inflacionistas, principalmente na energia e nos alimentos, com a variação homóloga a recuar para o valor mais baixo desde Março do ano passado.

Tal como já era largamente esperado, a taxa de inflação homóloga durante o mês de Abril registou um recuo significativo em Portugal. Este

indicador, que compara o nível dos preços dos bens e serviços no presente mês com o do mesmo mês do ano anterior, passou de 7,4% em Março para 5,7% em Abril, de acordo com a primeira estimativa para a inflação ontem publicada.

A razão principal para este recuo, contudo, está não tanto na forma como estão a evoluir os preços agora, mas no facto de, em Abril do ano passado, se ter registado, principalmente nos bens energéticos, uma forte subida de preços. É o chamado efeito-base, que faz com que, no cálculo da taxa de inflação homóloga, a comparação se faça agora com níveis de preços já mais elevados, o que conduz a um recuo na taxa de variação.

Como assinala o INE na nota publicada ontem, “esta desaceleração [da taxa de inflação homóloga] é, em parte, explicada pelo efeito de base

resultante do aumento de preços da electricidade, do gás e dos produtos alimentares verificado em Abril de 2022”.

Na verdade, os preços continuaram, neste mês de Abril, a subir em média, como revela o facto de a taxa de inflação mensal (que compara os preços de Abril com os preços de Março) ter sido de 0,6%. Há, no entanto, na forma como evoluíram os preços neste mês de Abril, alguns sinais de que as pressões inflacionistas se acalmaram ligeiramente.

Em primeiro lugar, em Abril, os

preços cresceram menos do que tinham crescido em Março. A inflação mensal de 0,6% representa um abrandamento face à variação de 1,7% que se tinha registado em Março.

Depois, nos bens onde as pressões inflacionistas têm sido mais notórias, assistiu-se mesmo a uma redução ligeira dos preços. Os preços dos bens dos produtos energéticos, que já vinham numa trajectória descendente nos meses anteriores, diminuíram mais 3,1% em Abril, sendo a variação face ao mesmo mês do ano passado de -12,7%.

Nos bens alimentares não transformados interrompeu-se finalmente a sequência de mais de um ano e meio de subidas mensais de preços, com uma variação entre Março e Abril de -0,3%. É de notar que, como assinala o INE, este recuo ainda não está relacionado com a descida do IVA imple-

mentada num conjunto de bens alimentares essenciais. “A grande maioria dos preços considerados no apuramento do Índice de Preços no Consumidor (IPC) de Abril foi recolhida antes da entrada em vigor da isenção de IVA num conjunto de bens alimentares essenciais, pelo que os eventuais efeitos desta medida só terão efectivamente impacto no IPC em Maio”, explica o INE.

Em comparação com o mesmo mês do ano anterior, os preços dos alimentos não transformados continuaram, contudo, a ser 14,1% mais caros.

No total dos produtos excluindo os bens alimentares e energéticos, a evolução mensal dos preços foi positiva, de 1,1%, colocando a variação face ao mesmo mês do ano passado (a taxa de inflação homóloga subjacente), nos 6,6%, menos 0,4 pontos percentuais do que os 7% de Março.



Em Abril, a inflação homóloga, por causa dos efeitos-base, caiu de 7,4% para 5,7%

ワンフオーオール オールフオーワン*

POR ENTRE COMPLÔS E MISSÕES PERIGOSAS,
D'ARTAGNAN E OS TRÊS MOSQUETEIROS VÃO
UNIR-SE EM TORNO DE UM LEMA QUE SELA
A SUA ALIANÇA E AMIZADE:

***UM POR TODOS... TODOS POR UM!**

MANGÁ OFICIAL DO FILME
**OS TRÊS
MOSQUETEIROS**

DE NÉJIB E CÉDRIC TCHAO BASEADO
NO ROMANCE DE ALEXANDRE DUMAS

OBRA EM DOIS VOLUMES
1. D'ARTAGNAN
STOCK LIMITADO



+9,99€
TER, 9 MAIO
COM O PÚBLICO

P

LEVOIR

Economia

Subida dos juros aumenta lucros do Novo Banco

Sérgio Aníbal

Resultados com contributo decisivo do reforço da margem entre os juros recebidos dos empréstimos e os pagos nos depósitos

Beneficiando da subida dos juros cobrados nos empréstimos concedidos, o Novo Banco registou, no primeiro trimestre deste ano, um lucro de 148,4 milhões de euros, um valor que é 4% superior ao registado em igual período do ano passado e representa uma subida de 12% face ao trimestre imediatamente anterior.

De acordo com o comunicado ontem publicado pela instituição financeira, o aumento dos resultados líquidos registado no arranque deste ano evidencia “um crescimento sustentável do negócio, aumento da receita e geração de capital”.

Os números apresentados revelam o impacto positivo que a conjuntura de subida das taxas de juro na zona euro está a ter nas contas do Novo Banco, à semelhança, aliás, do que acontece com outras instituições financeiras nacionais.

A margem financeira do banco – que representa, na prática, a diferença entre os juros que obteve nos seus activos (incluindo os empréstimos) e os juros pagos, por exemplo, nos depósitos – aumentou de 133,5 milhões de euros no primeiro trimestre de 2022 para 246,3 milhões



DANIEL ROCHA

Novo Banco teve lucro de 148,4 milhões no primeiro trimestre

de euros agora, uma variação superior a 80%.

É, diz o Novo Banco, um “reflexo da melhoria da taxa de juro média dos activos que superou o aumento do custo de financiamento” e uma consequência de “uma carteira de crédito maioritariamente indexada à taxa de juro variável” num “ambiente favorável da evolução das taxas de juro”.

Na prática, aquilo que aconteceu foi que, ao mesmo tempo que viu os seus clientes pagarem mais juros pelos seus empréstimos, em conse-

quência nomeadamente da subida das taxas Euribor que servem de indexante na maioria dos créditos em Portugal, o Novo Banco não sentiu um agravamento de taxas tão significativo no seu próprio financiamento, como, por exemplo, nos juros que oferece aos clientes que têm depósitos nas instituições.

Esta é uma realidade generalizada entre os bancos portugueses, que têm vindo a ser alertados, por exemplo pelo Banco de Portugal, para a lentidão com que estão a fazer reflectir nos depósitos a subida geral

das taxas de juro a que se assiste na zona euro desde que o Banco Central Europeu (BCE) começou a enderecer a sua política monetária para contrariar a inflação.

No entanto, nem tudo são consequências positivas para o banco na actual conjuntura de inflação e juros mais altos. Os custos operacionais do banco, que incluem, por exemplo, os salários e as despesas com bens e serviços, registaram uma subida, excluindo custos de natureza excepcional, de 5,9% face ao primeiro trimestre do ano passado.

E o montante total de depósitos registou uma tendência de descida, provocada precisamente pelo facto de não se estar a registar uma subida significativa dos juros pagos aos clientes. Entre Dezembro de 2022 e Março deste ano, o volume de depósitos no Novo Banco caiu 886 milhões de euros, para 27.526 milhões. É uma diminuição de 3,1% que o banco diz ser “essencialmente justificada por transferências para os Certificados de Aforro”.

Os portugueses, perante a reduzida atractividade dos juros pagos pelos bancos nos depósitos, têm vindo, nos últimos meses, a encontrar nos Certificados de Aforro, cuja remuneração subiu em linha com a Euribor, uma alternativa para colocar as suas poupanças.

Ainda assim, o Novo Banco diz que a tendência de redução dos depósitos parou em Abril e assinala que a sua quota de mercado em Portugal continua a subir.

Lucros trimestrais do Montepio mais que triplicam

Rosa Soares

O Banco Montepio registou lucros de 35,3 milhões de euros no primeiro trimestre de 2023, mais do triplo face aos 11,4 milhões de euros do mesmo período de 2022, revelou ontem a instituição. Esta subida de resultados fica a dever-se, em grande parte, à subida da taxa Euribor na carteira de crédito à habitação.

“Num contexto de maior eficiência operacional”, referiu o banco em comunicado ao mercado, o rácio *cost-to-income* (relação dos custos sobre os proveitos) fixou-se em 50,2%, verificando-se ainda “uma melhoria significativa do risco de balanço com o rácio de crédito *non-performing* (NPE), ou exposições não produtivas, a quebrar a barreira dos 5%, fixando-se em 4,8%”.

“A evolução favorável foi determinada pelo aumento do produto bancário, com destaque para a margem financeira e para as comissões, e pela maior reversão do custo com imparidades e provisões, em particular as relacionadas com o risco de crédito – não obstante o peso das contribuições regulatórias para o sector bancário que ascenderam a 11,3 milhões de euros”, lê-se no comunicado.

A margem financeira (diferença entre juros pagos nos depósitos e cobrados no crédito) cresceu 70,4%, para 90,2 milhões de euros, beneficiando do aumento das taxas de juro. E as comissões subiram 8,7%, para 32,7 milhões de euros.

Menos positiva foi a evolução dos depósitos de clientes, que totalizaram 12.678 milhões de euros no final de Março, menos 437 milhões de euros face ao valor apurado no final de 2022. Para esta evolução contribuiu a variação dos depósitos dos clientes particulares (-378 milhões de euros), a que não será alheia o aumento de subscrições de Certificados de Aforro, embora essa razão não seja referida, e a dos clientes empresariais (-59 milhões de euros).

Os custos operacionais totalizaram 65,9 milhões de euros nos primeiros três meses de 2023, mais 13,7% do que em igual período do ano passado. Para este aumento contribuíram os custos com pessoal, que subiram 17,6%, para 41,8 milhões de euros, devido, essencialmente, aos custos do programa de redução do número de trabalhadores. Sem este factor, os custos com pessoal teriam aumentado apenas 6,6%, refere o banco. No final de Março, o grupo Banco Montepio tinha 3409 trabalhadores, mais três do que em Dezembro passado.

DIREITO DE RESPOSTA

“Ligar do móvel para o 112 ainda ‘é uma preocupação’ na ilha de São Jorge”, publicado a 18 de Abril de 2023

1. O artigo publicado contém referências que não são totalmente verídicas ou corretas e que afetam a reputação e boa fama da MEO, pelo que não podem manter-se como incontestadas na esfera pública.

2. Cumpre, assim, informar e esclarecer que a Região Autónoma dos Açores tem índices de cobertura da MEO perfeitamente adequados e em linha com os índices de cobertura da MEO a nível nacional, ascendendo, no que

respeita aos serviços de voz na tecnologia 2G, a 99% da população, a mais de 96% da população na tecnologia 4G e a 75% da população na tecnologia 5G.

3. A totalidade das estações base da MEO, instaladas na Região Autónoma dos Açores, estão equipadas com a tecnologia 4G (e não apenas 2G e 3G, conforme é referido no artigo pela Anacom) – facto que é do conhecimento da Anacom, já que cada estação e respetiva utilização de espectro é licenciada junto desta entidade.

4. Acresce que em todas as ilhas e concelhos da Região Autónoma dos Açores existem estações base com tecnologia 5G.

5. Ora, só com elevados investimentos é possível assegurar tais níveis de cobertura.

6. Assim, não só não é verdade que a MEO disponibilize “tecnologia antiga”, como também que tem menor cobertura ou pior desempenho e que invista menos.

7. A MEO é o operador que mais tem investido na Região Autónoma dos Açores, facto esse que está espelhado, tanto na qualidade de serviço, como na escolha dos clientes, materializando-se numa quota de mercado de 64%.

8. Para além disso, a MEO mantém o seu compromisso de apoiar a competitividade da economia regional para criar as condições de atrair mais investimento e assim melhorar a qualidade de vida dos açorianos, tendo previsto, ainda para 2023, um reforço significativo do investimento na rede móvel.

9. Face ao exposto, a MEO não pode também deixar de lamentar não ter sido contactada previamente à publicação do artigo e, portanto, não ter tido a oportunidade de prestar todos os esclarecimentos que se impunham à luz do direito ao contraditório.

Alexandre Filipe Teixeira da Fonseca, presidente do conselho de administração da MEO – Serviços de Comunicações e Multimédia, S.A.

Nota da Direcção: Os factos citados na notícia encontram-se em estudos da Anacom. A signatária deste direito de resposta devia contestá-los junto da reguladora, em vez de o fazer junto de quem tem o dever de os levar ao conhecimento público.

loja P

CONHEÇA AS NOSSAS COLEÇÕES DE LITERATURA

loja.publico.pt
INFO: 210 111 010

COFRE DE PREVIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS E AGENTES DO ESTADO

DEMONSTRAÇÃO INDIVIDUAL DOS RESULTADOS POR NATUREZAS

Unidade Monetária Euros

| RENDIMENTOS E GASTOS | 31-12-2022 | 31-12-2021 |
|--|---------------|---------------|
| Vendas e serviços prestados | 5.962.540,73 | 5.612.147,32 |
| Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas | -37.370,46 | -47.074,33 |
| Fornecimentos e serviços externos | 1.756.194,20 | -1.831.273,80 |
| Gastos com o pessoal | -2.431.633,54 | -2.423.943,76 |
| Imparidade de dívidas a receber (perdas/reversões) | 175.608,88 | 202.552,41 |
| Provisões específicas (aumentos/reduções) | 903.636,08 | -1.361.877,82 |
| Outras imparidades (perdas/reversões) | 4.674,28 | 5.245,30 |
| Outros rendimentos | 606.655,22 | 579.912,75 |
| Outros gastos | -1.409.133,71 | -1.563.971,94 |
| Resultado antes de depreciações, gastos financ. e impostos | 211.511,12 | -828.278,87 |
| Gastos/reversões de depreciação e de amortização | -867.726,00 | -1.050.825,06 |
| Resultado operacional (antes de gastos financ. e impostos) | 456.215,48 | -1.879.103,93 |
| Juros e rendimentos similares obtidos | 1.253.490,14 | 1.334.229,76 |
| Juros e gastos similares suportados | -1.070,47 | -1.975,88 |
| Resultados antes de impostos | 596.204,15 | -546.850,05 |
| Imposto sobre os rendimentos do período | -596.204,15 | -546.850,05 |
| Resultado líquido do período | 596.204,15 | -546.850,05 |

O Contabilista Certificado: João Paulo M. Santos, CC n.º 13.443

O Conselho de Administração: António Joaquim Marques, Jorge Manuel Ferraz Silva, Olga Jesus Sousa Hilário, Luísa Maria Soares Xavier, António Manuel Rodrigues Dinis

COFRE DE PREVIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS E AGENTES DO ESTADO

BALANÇO INDIVIDUAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 2022

Unidade Monetária Euros

| RUBRICAS | 31-12-2022 | 31-12-2021 |
|--|---------------|---------------|
| ATIVO | | |
| ATIVO NÃO CORRENTE | | |
| Ativos Fixos Tangíveis | 22.507.607,37 | 22.815.536,17 |
| Propriedades de Investimento | 9.920.471,98 | 8.629.796,95 |
| Ativos Intangíveis | 14.145,00 | 0,00 |
| Investimentos Financeiros | 386.731,56 | 382.057,28 |
| Associados | 22.557.897,35 | 21.001.007,23 |
| | 55.447.153,26 | 52.828.397,63 |
| ATIVO CORRENTE | | |
| Inventários | 28.005,83 | 8.110,05 |
| Créditos a Receber | 81.137,48 | 298.698,39 |
| Estado e Outros Entes Públicos | 88,35 | 0,00 |
| Associados | 3.188.278,46 | 3.517.394,49 |
| Diferimentos | 78.708,46 | 50.895,63 |
| Outros Ativos Correntes | 398.444,58 | 361.529,10 |
| Caixa e Depósitos Bancários | 18.383.372,52 | 21.384.830,79 |
| | 20.158.036,68 | 20.630.450,02 |
| | 75.605.189,92 | 73.458.847,65 |
| FUNDOS PATRIMONIAIS E PASSIVO | | |
| FUNDOS PATRIMONIAIS | | |
| Fundos | 40.278.838,17 | 41.325.686,22 |
| Ajuntamentos/Outras Variações no Fundos patrimoniais | 3.422.226,75 | 3.422.226,75 |
| | 44.201.064,92 | 44.747.912,97 |
| Resultado Líquido do Período | 596.204,15 | -546.850,05 |
| | 44.797.269,11 | 44.201.064,92 |
| PASSIVO | | |
| PASSIVO NÃO CORRENTE | | |
| Provisões | 300.000,00 | 300.000,00 |
| Provisões Específicas | 27.252.875,44 | 26.349.239,36 |
| | 27.552.875,44 | 26.649.239,36 |
| PASSIVO CORRENTE | | |
| Fornecedores | 203.870,31 | 130.721,72 |
| Estado e Outros Entes Públicos | 1.393.257,98 | 94.353,47 |
| Associados | 1.041.766,09 | 868.193,63 |
| Diferimentos | 223.736,72 | 272.930,94 |
| Outros Passivos Correntes | 1.646.328,77 | 1.242.346,40 |
| | 3.255.653,87 | 2.608.545,06 |
| | 30.807.928,81 | 29.257.785,32 |
| | 75.605.189,92 | 73.458.847,65 |

O Contabilista Certificado: João Paulo M. Santos, CC n.º 13.443

O Conselho de Administração: António Joaquim Marques, Jorge Manuel Ferraz Silva, Olga Jesus Sousa Hilário, Luísa Maria Soares Xavier, António Manuel Rodrigues Dinis

IPOL GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

AVISO

O Instituto Português de Oncologia de Lisboa, Francisco Gentil, E.P.E. torna público que se encontra aberto procedimento concursal comum para preenchimento de 1 (uma) vaga de Assessor Sénior, na área de exercício de Farmácia Hospitalar, nos termos do **Aviso n.º 8453/2023**, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 81, de 26 de abril de 2023.

Para mais informações, consulte a página da internet do IPOLFG em <http://www.ipolisboa.min-saude.pt>

Lisboa, 27 de abril de 2023

loja P

OFEREÇA FILMES & SÉRIES

MAIS INFORMAÇÕES: loja.publico.pt | 210 111 010

Cartório Notarial em Ourique
Sérgio Relvas
Notário
EXTRACTO PARA PUBLICAÇÃO

Nos termos do artigo 100.º, n.ºs. 1 e 2, do Código do Notariado, **CERTIFICO**:

- Que, no dia **vinte e sete de Abril de dois mil e vinte e três**, as folhas 37 e seguintes, do Livro de notas para escrituras diversas 14-F, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de justificação, na qual: **ELIEZER DA SILVA MARTINS**, NIF 151.423.334 e mulher **MARIA OTÍLIA MATEUS SOARES MARTINS**, NIF 144.737.272, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, ambos naturais da freguesia da Guia, concelho de Albufeira, residentes em Montes Juntos, Guia, Albufeira, **declararam**:
- Que, são donos e legítimos possuidores, por terem adquirido por usucapião o **prédio** ainda descrito **rústico** composto por terra de semear com árvores, sito em Montes Juntos, na freguesia da Guia, concelho de Albufeira, descrito na Conservatória do Registo Predial de **Albufeira** sob o número **mil quatrocentos e vinte sete**, da freguesia de Guia, outrora inscrito na matriz 24 da secção X, actualmente inscrito (oficiosamente) como urbano sob o artigo **2.105**, com o valor patrimonial tributário de **EUR 89.736,15**, valor igual ao atribuído, doravante designado abreviadamente por "Prédio" e/ou "Imóvel".
- Que, o referido prédio encontra-se registado a favor de **MARK THOMAS CHARLES GADD**, conforme Apresentação dezanove do dia dezanove de Março de mil novecentos e oitenta e sete, tendo este Cartório procedido à sua notificação mediante respectivo processo prévio, que se arquiva.
- Que, o mencionado prédio foi adquirido por compra verbal nunca reduzida a escrito feita a **MARK THOMAS CHARLES GADD**, em data imprecisa do primeiro trimestre do ano de mil novecentos e noventa e dois, efectuada pelo pai do ora justificante (Manuel Fernandes Martins, casado que foi sob o regime da comunhão geral de bens com Felisbela da Silva, ambos naturais da freguesia de Guia, concelho de Albufeira, residentes que foram em Montes Juntos, Guia, Albufeira, actualmente já falecidos).
- Que, os pais do ora justificante varão (Manuel Fernandes Martins e Felisbela da Silva), lhes doaram verbalmente o referido imóvel, no último trimestre desse ano mil novecentos e noventa e dois, em dia que não sabem precisar, não tendo a referida doação sido reduzida a escrito.
- Que, no ano de dois mil e treze, o Serviço de Finanças de Albufeira, inscreveu oficiosamente o aludido prédio como **urbano** (conforme se verifica pela modelo 1 de IMI, documento que se arquiva), tendo-lhe sido atribuído o supra referido artigo urbano, porém, não obstante a natureza que lhe foi atribuída oficiosamente, os primeiros outorgantes continuaram a dar-lhe o mesmo uso, limpando-o e cuidando-o, e, também servindo-se do mesmo para estacionamento de caravanas, inclusive de terceiros.
- Que, actualmente, têm uma caravana sua estacionada no terreno, a qual utilizam como arrecadação e arrumos.
- Que, ademais, têm sido eles (primeiros outorgantes), que têm pago os respectivos impostos (inicialmente a contribuição autárquica e nos últimos anos o IMI), motivo pelo qual o ainda titular inscrito não é devedor de qualquer tributo à Fazenda Nacional – conforme certidão que arquiva, pelo que, embora incida registada uma penhora a favor da Fazenda Nacional, conforme Apresentação mil quinhentos e trinta e cinco do dia dez de Julho de dois mil e catorze, a mesma teve cariz de provisoriamente por dívidas e entretanto não foram lançadas novas penhoras atendendo aos pagamentos dos impostos feitos pelos ora justificantes.
- Que, assim, os primeiros outorgantes possuem o dito prédio há mais de vinte anos de forma pública, pacífica, contínua e de boa-fé, ou seja, com o conhecimento de toda a gente, sem violência nem oposição de ninguém, reiterada e ininterruptamente, na convicção de não lesarem quaisquer direitos de outrem e ainda convencidos de serem titulares do respectivo direito de propriedade e assim o julgando as demais pessoas tem possuído aquele prédio - amanhando a terra, tratando das árvores e colhendo os seus frutos, designadamente figos e amêndoas e cultivando favas, bem como utilizando-o para estacionamento de caravanas - pelo que, tendo em consideração as referidas características da posse, o adquiriram por **usucapião**, estando impossibilitados de comprovar a referida aquisição pelos meios extrajudiciais normais.
- Está conforme o original.

Cartório Notarial em Ourique a cargo do Notário Sérgio Manuel dos Santos Relvas, 27 de Abril de 2023.
O Notário, **Sérgio Relvas**

Conta registada sob o n.º 398/3/207

alzheimer PORTUGAL

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão
- Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org



EDITAL

EN 344 – km 67+800 a km 75+520
Pampilhosa da Serra.

EXPROPRIAÇÕES

Infraestruturas de Portugal, S.A., empresa pública sob a forma de sociedade anónima, com sede na Praça da Portagem, 2809-013 Almada, torna público, nos termos do disposto no artigo 17.º, n.º 2 do Código das Expropriações, que, por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado das Infraestruturas n.º 4240/2023, de 8 de março de 2023, publicado no Diário da República, 2ª Série, Parte C, n.º 68, de 5 de abril de 2023, foi declarada a utilidade pública urgente de expropriação e autorizada a posse administrativa das parcelas necessárias à execução da obra da “EN 344 – km 67+800 a km 75+520 – Pampilhosa da Serra”.

Os interessados poderão obter as informações sobre as expropriações a realizar, nomeadamente sobre as propostas de indemnização, tendo em vista a expropriação amigável das parcelas de terreno objeto de expropriação, apresentadas nos termos do artigo 35.º, n.º 1 do Código das Expropriações, contactando a entidade expropriante na seguinte morada, IP - Património; Departamento de Expropriações e Cadastro; Unidade de Expropriações, Estrada da Chapeleira, s/n, 3040-583 Antanhol, Coimbra, durante as horas normais de expediente.



OFEREÇA
VINHOS



MAIS INFORMAÇÕES: loja.publico.pt | 210 111 010



LEILÃO ELECTRÓNICO

FIM DO LEILÃO: 30 DE MAIO, 3ª FEIRA ÀS 11H00

Insolvência de Manuel da Estrela Frazão Pereira da Ponte e Nélia da Conceição Correia Benevides da Ponte
Trib. Judicial da Comarca dos Açores - Juízo Local da Ribeira Grande - Juiz 1 - Proc. nº 244/15.0T8RGR

TERRENO C/ 2540m²
(para construção urbana)
21.250,00€



SÃO MIGUEL • AÇORES
PICO DA PEDRA • RIBEIRÁ GRANDE
Rua Fernando Dias Martins Carreiro

CATÁLOGO ONLINE
Subscreva a nossa newsletter em www.cparaíso.pt

Leiloeira Paraíso • Rua Andrade 2 R/C, DTO. • 1170-015 LISBOA
Tel. 218 122 384 • Tlm. 916 855 363 • www.cparaíso.pt • inf@cparaíso.pt

LEILÃO ELETRÓNICO

Tribunal Judicial da Comarca dos Açores
Juízo Local Cível de Angra do Heroísmo - Juiz 1
Processo de Insolvência nº. 380/18.1 T8AGH
Insolvência de Ana Patrícia Rocha Silveira

INÍCIO 02/05/2023, ÀS 11H00 / FIM 22/05/2023, ÀS 16H00



VALOR MÍNIMO DE VENDA € 40.000,00
(Quarenta mil euros)

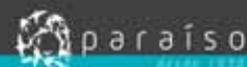
Prédio urbano composto por casa de rés-do-chão, destinado a habitação, com a área coberta de 100 M2 e descoberta de 387 M2, sito na Canada da Fonte, n.º 41, freguesia da Serreta, Concelho de Angra do Heroísmo, Açores, descrito na Conservatória do Registo Predial de Angra do Heroísmo sob o n.º 1484 da freguesia da Serreta, inscrito na matriz sob o artigo 50.

CONDIÇÕES DE VENDA:

1. O registo é obrigatório no nosso site www.aleiloeiraforense.pt
2. Ao valor de arrematação são acrescidos, a comissão de 5% para a agência e, sobre esta, 23% de I.V.A.
3. Com a arrematação será notificado o arrematante para proceder ao pagamento de 20% do preço e a comissão, no prazo de 08 dias.
4. O remanescente do preço será pago na data da escritura, a qual terá lugar no prazo máximo de 60 dias

Nota: Extrato das condições de venda, não dispensa a consulta das restantes condições no nosso site.

A LEILOEIRA FORENSE, LDA.
Rua Carlos Reis, n.º 20 - A
1600-033 Lisboa
Tel. 213477953 - T.M. 969097121
www.aleiloeiraforense.pt



LEILÃO ELECTRÓNICO

FIM DO LEILÃO: 30 DE MAIO, 3ª FEIRA ÀS 11H30

Insolvência de João Manuel da Costa Sebastião
Tribunal Judicial da Comarca dos Açores - Juízo Local Cível de Ponta Delgada - Juiz 4
Processo nº 735/14.0T8PDL

PONTA DELGADA
RELVA

OPORTUNIDADE
8 LOTES PARA CONSTRUÇÃO

Lote 127 (240m²) • 47.500€

Lote 128 (240m²) • 47.500€

Lote 144 (239,37m²) • 47.500€

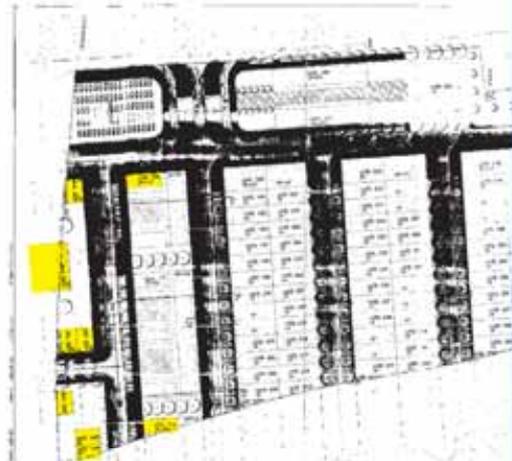
Lote 146 (379,12m²) • 52.000€

Lote 147 (390,99m²) • 53.500€

Lote 148 (239,98m²) • 48.000€

Lote 166 (1702m²) • 570.000€

Lote 178 (251m²) • 146.645,54€



Urbanização dos Valados

ARRIFES

LOTE P/CONSTRUÇÃO (880m²)
93.670,69€



R. António Resendes Tavares, Lote 12

CATÁLOGO ONLINE
Subscreva a nossa newsletter em www.cparaíso.pt

Leiloeira Paraíso • Rua Andrade 2 R/C, DTO. • 1170-015 LISBOA
Tel. 218 122 384 • Tlm. 916 855 363 • www.cparaíso.pt • inf@cparaíso.pt



Leilões Eletrónicos

Carregado

EN 1

Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.

Rua Manuel Conceição Graça, Casal do Chacão

Termina a **02 de mai. de 2023**, a partir das **15h00**

Oportunidade de negócio - Armazém

(15min dos maiores Centros de Distribuição e Logística do País)

c/ Licença de Utilização

5.400,00m² 4.341,00m² 2

2min N1 | 5min A10 | 5min A1 5min do Carregado | 25min de Lisboa | 2h30min do Porto e Espanha

Valor de venda: 1.217.411,77€

Insolvência de Pedro Lamy - Representação e Comércio de Veículos e Acessórios, S.A. - Processo nº 3314/22.5T8VFX

Equipamentos e acessórios p/ tratamento de água

Filtros | Cabos | Tanques | Contadores | Equip. elétrico | Tubagem | Racks | Ferragens | Empilhador

Ligeiros de Passageiros / Mercadorias

Renault Kangoo Express 1.5dCi 4x4 Peugeot Partner II 1.6 HDI Opel Corsa D Van 1.3 CDTI Renault Clio III Societé 1.5dCi Renault Megane II Van 1.5dCi Renault Scénic III 1.5dCi Renault Kangoo Express 1.5dCi Renault Kangoo Express 1.5dCi Renault Clio IV Grandtour Renault Kangoo Express 1.5dCi Renault Megane III Coupé Van 1.5dCi Renault Megane III Grandtour 1.5dCi Renault Clio III Societé 1.5dCi Renault Kangoo Express 1.5dCi Renault Kangoo Express 1.5dCi

Estói, Olhão

Termina a **03 de mai. de 2023**, a partir das **15h00**

Insolvência de Hubel Indústria da Água, Ambiente e Obras Públicas, S.A. - Processo nº 255/22.0T80LH

Loures

Rua General Humberto Delgado, Prior Velho

Termina a **26 de mai. de 2023**, a partir das **15h00**

Rústico - Quinta do Prior Velho

(Inserido no PDM do Prior Velho c/ plano de execução)

14.280,00m² 5min A1, A12 e A36 (Ponte Vasco da Gama) Proximidade a bens e serviços

10min Centro de Lisboa 2h30min Centro do Porto 2h de Espanha

Valor de venda: 5.172.573,00€

Liquidação no âmbito da Insolvência de Coordenação Societária SGPS S.A. - Processo nº 19373/16.7T8LSB

Alhos Vedros

Rua dos Tanoeiros, Lote 43

Termina a **16 de mai. de 2023**, a partir das **15h10**

Oportunidade de negócio - Armazém

(Zona Industrial da Moita)

c/ arrendamento: 6.000,00€/mês

3.550,00m² 6min A33 4min do Centro da Moita

Valor de venda: 977.500,00€

Insolvência de R.A.R.L. - Construções Metálicas, Engenharia, Projectos e Soluções Industriais, Lda. - Processo nº 122/22.7T8BRR

Alhos Vedros

Rua de Fábrica nº 8

Termina a **16 de mai. de 2023**, a partir das **15h15**

Oportunidade de negócio - Armazém

(Composto por 9 frações autónomas)

17.130,00m² 8min A33 6min do Centro da Moita

Valor de venda: 3.062.091,85€

Insolvência de R.A.R.L. - Construções Metálicas, Engenharia, Projectos e Soluções Industriais, Lda. - Processo nº 122/22.7T8BRR

Águeda

Termina a **11 de mai. de 2023**, a partir das **15h10**

Morada (12 Div.)

c/anexos, logradouro e piscina

393m² 2.760m² 4 6 1

Rua Joaquim Valente de Almeida, 160

5min IC2

1min do Centro de Águeda

Valor de venda: 384.200,00€

Insolvências de Joaquim Almeida e Executado: M. Luís Silva Processos nº 1515/20.0T8AVR e 554/20.5T8AGD

Rio de Mouro

Termina a **18 de mai. de 2023**, a partir das **15h00**

9x Parqueamentos

127,23m²

Estrada Marquês de Pombal 43, Rio de Mouro

5min IC19 e A16

Centro de Rinchoa

Valor de venda: 138.000,00€

Insolvência de Carul - Const., Adm., Represent. e Urb., S.A. Processo nº 17377/22.0T8SNT

Almeirim

Termina a **30 de mai. de 2023**, a partir das **15h00**

3x Lojas

Fração B 402,00m² Fração D 320,19m² Fração E 320,19m²

Rua Dionísio Saraiva nº45

5min A13

5min do Centro de Almeirim

Valor de venda: Sujeito Aprovação

Execução Raul Francisco da Cruz Rocha Processo nº 2440/17.7T8ENT

Amadora

Termina a **24 de mai. de 2023**, a partir das **15h05**

Loja

(c/arrecadação na cave + recheio)

49,49m² 2 2

Estrada das Águas Livres, nº 133, Mina de Água

6min A9

10min Centro da Amadora

Valor de venda: Sujeito a Aprovação

Desinvestimento

+100 Imóveis
+40 Veículos e Equipamentos

Terminar dia **08 de mai. de 2023** às **15h00**

Grande Leilão

Máquinas e Viaturas

+40

BONS NEGÓCIOS

em qualquer lugar

LEILOSOC[®]
MARKET PARTNERS

O SEU MOMENTO ONLINE!

OUR NEW SITE. COMING SOON.

88%

NÃO PROCURE, ENCONTRE! DON'T SEARCH. FIND!



LEILÃO ELETRÓNICO

LICITE ATÉ 08 MAI.



✓ Edifício com 3 pisos composto por 6 unidades de utilização independente, sendo R/C destinado a comércio e pisos superiores destinados a habitação.

✓ Rés-do-Chão:

- Loja 1: 40,00 m²
- Loja 2: 85,00 m²

1.º Andar:

- Apartamento: 68,70 m²
- Apartamento: 50,30 m²

2.º Andar:

- Apartamento: 43,40 m²
- Apartamento: 56,30 m²

📍 Rua do Possolo, 61, 61-A, 63 a 67 e 67-A · 1200-604 Estrela, Lisboa

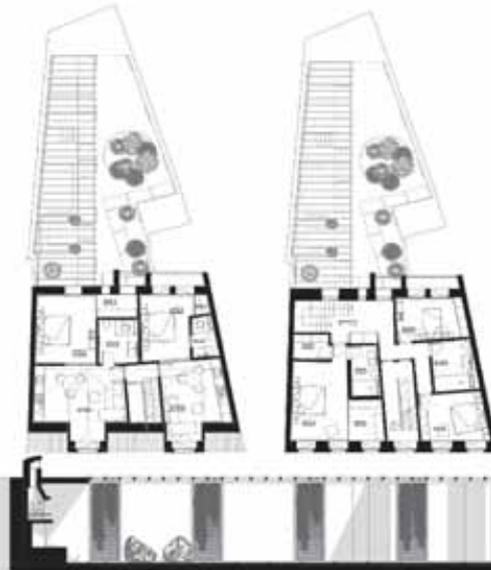
+INFO: GERAL@LEILOSOC.COM

Proc. n.º DMI-10/2023

ESTRELA, LISBOA



EDIFÍCIO (3 Pisos) COM LOGRADOURO



Imagens Ilustrativas.

LEILÃO ELETRÓNICO

LICITE ATÉ 23 MAI.



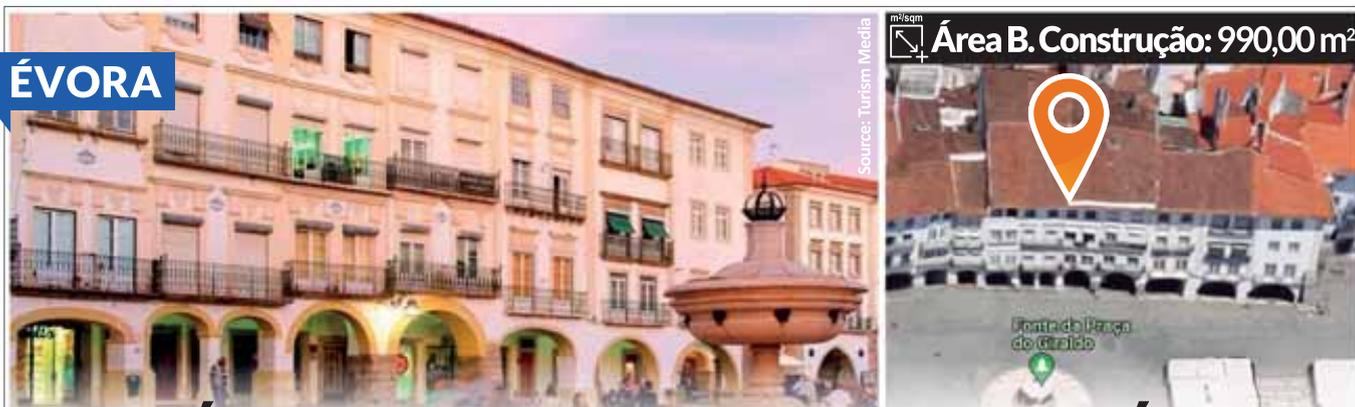
✓ Edifício composto por 9 unidades de utilização independente – comércio, serviços e habitação.

📍 Praça do Giraldo, 24, 25, 26 a 28 e Rua Alcárcova de Cima, 9

+INFO: GERAL@LEILOSOC.COM

Proc. n.º DMI-10/2023

ÉVORA



EDIFÍCIO (5 Pisos) NO CENTRO HISTÓRICO



NÃO PROCURE, ENCONTRE!
leilosoc.com



Serviços Centrais: Rua D. João IV, 340 · 4000-298 Porto | T. (+351) 228 346 550*
Centro Logístico: LEILOSOC Norte, 820 · 4585-610 Recarei | T. (+351) 225 193 200*
☎ 707 297 297* | geral@leilosoc.com | www.leilosoc.com

*Chamadas através da rede fixa: 0,11€/minuto · Chamadas através da rede móvel: 0,16€/minuto

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS



LEILOSOC[®]
MARKET PARTNERS

LEILÃO 
PRESENCIAL

NÃO PROCURE, ENCONTRE!

19/MAI. ⌚ 14h30

LEIRIA

ARMAZÉM INDUSTRIAL

- ✓ R/C composto por:
Receção • Escritórios
Sala de refeitório • WCs
Zona de arrumos
Área de produção/ armazém
- ✓ 1.º Andar composto por:
Salas amplas de reuniões e formação
Gabinets de escritório

**Este imóvel beneficia de isenção
de IMT e Imposto de Selo.**

- ✓ Máquinas CNC
- ✓ Máquina de Eletroerusão
- ✓ Pontes de Prensa
- ✓ Prensa p/ Ajustar Moldes
- ✓ Ferramentas, Maquinaria
e Mobiliário de Escritório
- ✓ Veículos

🕒 **VISITAS:** 11/05 das 14h00 às 17h00

📍 Zona Industrial • R. de França, Lt. 38
2430-028 Marinha Grande

+INFO: GERAL@LEILOSOC.COM

Zimmermann Portugal Lda
(Proc. Insolv. n.º 4300/22.0T8LRA)

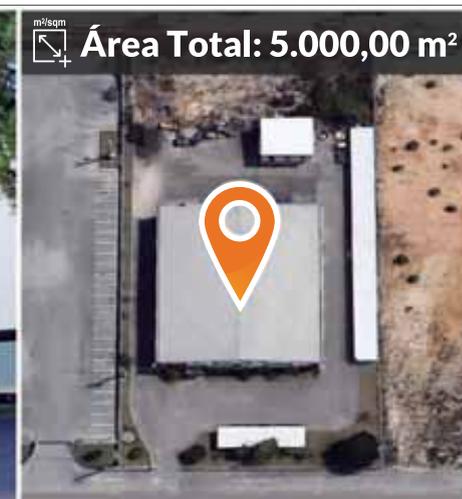
Lookipi Lda (Proc. Insolv. n.º 4307/22.8T8LRA)

NÃO PROCURE, ENCONTRE!
 **leilosoc.com**

INDÚSTRIAS DE MOLDES METÁLICOS E DE EMBALAMENTO DE PLÁSTICO

MARINHA GRANDE

 **Área Total: 5.000,00 m²**



**ARMAZÉM DE R/C E 1.º ANDAR
MÁQUINA DE ELETROERUSÃO • VEÍCULOS**



**MÁQUINAS CNC PARA MAQUINAÇÃO DE AÇO, COBRE
E ALUMÍNIO • MÁQUINA DE ELETROERUSÃO**



Máquina de Furar • Serrotes • Retificadoras • Fresadoras • Torno



Serviços Centrais: Rua D. João IV, 340 • 4000-298 Porto | T. (+351) 228 346 550*
Centro Logístico: LEILOSOC Norte, 820 • 4585-610 Recarei | T. (+351) 225 193 200*
☎ 707 297 297* | geral@leilosoc.com | www.leilosoc.com

*Chamadas através da rede fixa: 0,11€/minuto • Chamadas através da rede móvel: 0,16€/minuto

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS



LEILOSOC[®]
MARKET PARTNERS

LEILÃO
ELETRÓNICO
NÃO PROCURE, ENCONTRE!
LICITE ATÉ 07 JUN.



**EQUIPAMENTOS
INDUSTRIAIS:**

- ✓ Cabine de Pintura Dupla
- ✓ Robots · Empilhadores
- ✓ Aparelhos de Soldar
- ✓ Máquinas de Lavar Peças
- ✓ Equipamento de Escritório
- ✓ Material Informático

**PONTES ROLANTES
TOTEM BIFACE
VEÍCULOS**

🕒 **VISITAS:** 30/05 das 14h30 às 16h30

📍 Parque Empresarial do Casarão,
Lotes 13 A a 13 E
3750-041 Aguada de Cima, Águeda

+INFO: GERAL@LEILOSOC.COM

Solintellysys Lda
(Proc. n.º 888/22.4T8AVR)

UNIDADE INDUSTRIAL EM DESTAQUE! Tratamento e Pintura de Superfícies

ÁGUEDA

Área B. Const.: 73.212,00 m²



UNIDADE INDUSTRIAL · AGUADA DE CIMA



EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS



LEILÕES ELETRÓNICOS · VEÍCULOS

leiloes.pt

COMPRE QUANDO QUISER, COMO QUISER E SEMPRE AO SOM DE UM CLIQUE OU DOIS!

Registo Grátis!



18477/20

BMW X3

▶ Diesel · Caixa automática · GPS.
▶ Bluetooth · Xénon · Ano 2016.



17447/20

MERCEDES-BENZ C200

▶ Bluetec 1.6D · Diesel · Caixa manual · Sensores · Ano 2015.



17447/20

RENAULT Mégane 1.5 DCi

▶ GT Line · Led · Diesel · Caixa automática · GPS · Ano 2017.



17447/20

AUDI A4 2.0TDi

▶ Diesel · Caixa automática · A/C.
▶ Volante multif. · ABS · Ano 2013.



17447/20

CITROËN DS3 1.6 BlueHDi

▶ Diesel · Caixa manual · 3 portas.
▶ 5 lugares · A/C · ABS · Ano 2015.

NÃO PROCURE, ENCONTRE!
leilosoc.com



Serviços Centrais: Rua D. João IV, 340 · 4000-298 Porto | T. (+351) 228 346 550*
Centro Logístico: LEILOSOC Norte, 820 · 4585-610 Recarei | T. (+351) 225 193 200*
☎ 707 297 297* | geral@leilosoc.com | www.leilosoc.com

*Chamadas através da rede fixa: 0,11€/minuto · Chamadas através da rede móvel: 0,16€/minuto

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS



LEILOSOC[®]
MARKET PARTNERS

IMÓVEIS NO NORTE, CENTRO E ALENTEJO

Oportunidades de Investimento!



LEILÕES ELETRÓNICOS

| | | | |
|--|---|---|---|
| <p>PAÇOS de FERREIRA</p>  <p>LOJA (2 Pisos) • ESCRITÓRIOS • ARMAZÉM Rua D. José de Lencastre, 44; Blocos 1, 3 e 4</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Loja e escritórios com 2 WCs e boa exposição solar. ▶ Caracterizado maioritariamente por escritórios de contabilidade, solicitadoria e advocacia. ▶ Localizado no centro - Ótimos acessos: N207, N209, N319, A42 e A41. <p> ÁREA · LOJA: 293,40 ÁREAS · ESCRITÓRIOS: 50,00 · 50,60 · 68,80 ÁREA · ARMAZÉM: 189,20 </p> <p> VISITAS: 19/05 das 14h30 às 16h00 +Info: geral@leilosoc.com </p> <p>Proc. n.º 1091/18.3T8AMT · Herança Jacente de José Maria de Sousa Teixeira</p> | <p>VILA das AVES</p>  <p>APARTAMENTO T4 +GARAGEM Rua 25 de Abril, 81; 2.º Direito</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ 1 minuto da Estação de Comboios. ▶ Localizado no centro. <p> ÁREA TOTAL: 148,26 ACESSOS: N13 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 1637/20.7T8MAI · Sílvia Cristiana Neto Martins e Luís Paulo da Cruz de Sá</p> | <p>VILA NOVA de GAIA</p>  <p>APARTAMENTO T3 COM LOGRADOURO E JARDIM Rua do Eirado, 75; R/C – Arcozelo</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ 10 minutos da Praia da Granja. <p> VISITAS: 17/05 das 10h30 às 11h30 ÁREA TOTAL: 131,30 ACESSOS: N109 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 8303/19.4T8VNG Susana Isabel Jalles Monteiro Sousa</p> | <p>SINTRA</p>  <p>APARTAMENTO T2 Rua D. Maria II, 64; R/C Esquerdo Cacém e São Marcos</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ 3 minutos da estação de comboios. ▶ 13 minutos de Sintra · 20 min. de Lisboa. <p> ÁREA TOTAL: 70,00 ACESSOS: IC19 · A16 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 277/05.5TCSNT Maria da Luz Silva e Outros</p> |
|--|---|---|---|

| | | |
|---|--|--|
| <p>GONDOMAR</p>  <p>ARMAZÉM Rua de Vilar, 550</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Localizado na Avenida da Conduta junto ao parque urbano. ▶ 4 minutos do centro de Gondomar. <p> ÁREA TOTAL: 623,00 ACESSOS: N209 · A43 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 7561/22.1T8VNG Zenithslce Lda</p> | <p>CORUCHE</p>  <p>EDIFÍCIO COM LOGRADOURO Rua das Flores</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Restaurante: cozinha, WCs e sala de refeições com lareira. ▶ Morada V3+1: cozinha, sala, suite, 2 quartos, escritório/ quarto e WC de serviço ▶ 4 minutos da Zona industrial de Coruche · Próximo de comércio, serviços e escola. <p> ÁREA TOTAL: 971,00 ÁREA BRUTA PRIVATIVA: 303,40 ACESSOS: N251 · N114 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 42/22.5T8STR · Manuel José Vicente Mendes</p> | <p>VALENÇA</p>  <p>MORADIA V3 COM LOGRADOURO E JARDIM Caminho de Santiago, 1239 – Cerdal</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Cozinha · Sala de estar e jantar · 3 quartos (2 deles com roupeiro) · 2 WCs completos. ▶ Garagem ampla para 2 veículos · Zona de churrasqueira com alpendre. ▶ Localizada no centro da freguesia de Cerdal, junto a Escola Básica · 10 min. de Valença. <p> ÁREA TOTAL: 1.280,00 ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO: 102,00 ACESSOS: A3 · N13 </p> <p> VISITAS: 04/05 das 14h00 às 15h00 +Info: geral@leilosoc.com </p> <p>Proc. n.º 438/08.5TBVLN · Ana Paula Pereira Gonçalves e Outros</p> |
|---|--|--|

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| <p>PALMELA</p>  <p>TERRENO Lugar de Vale de Craveiras Quinta do Anjo</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Junto a A2 · 5 minutos de zonas industriais. ▶ 7 min. da estação de comboios de Penafiel. <p> ÁREA TOTAL: 14.250,00 ACESSOS: A2 · M510 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 1364/13.1TBSTB A Roldana – Sociedade Imobiliária SA e Outros</p> | <p>OLIVEIRA de AZEMÉIS</p>  <p>PAVILHÃO Rua do Carvalho – São Roque</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Zona habitacional, junto ao centro. ▶ Este imóvel beneficia de isenção de IMT e IS. <p> VISITAS: 09/05 das 10h00 às 11h00 ÁREA TOTAL: 700,00 ACESSOS: N545 N227 · N1 · IC2 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 2183/17.1T8OAZ Lourocoop – Cooperativa de Consumo CRL</p> | <p>GONDOMAR</p>  <p>APARTAMENTO T3 COM GARAGEM FECHADA Rua da Carvalheiras, 1; 2.º – Rio Tinto</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Cozinha · Sala com varanda · 3 quartos · Marquise · WC · Águas furtadas <p> ÁREA TOTAL: 82,00 ÁREA · GARAGEM: 13,00 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 5556/22.4T8VNG · João de Bastos e Almeida e Teresa de Jesus M. N. Bastos e Almeida</p> | <p>BAIÃO</p>  <p>MORADIA + TERRENOS Logcem · Casal da Vila · Tapadinha Gestaçô</p> <p>Bacelo – Vila Nova, Santa Marinha do Zêzere</p> <p> ÁREA TOTAL: 8.270,90 ACESSOS: M579 N304 · M587 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 524/10.1TBBAO Joaquim Pereira e Outros.</p> | <p>OLIVEIRA do HOSPITAL</p>  <p>TERRENO P/ CONSTRUÇÃO Travessa da Associação, Lote 5 Lagos da Beira e Lajeosa</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Vedado com frente para a estrada. ▶ Este imóvel beneficia de isenção de IMT e IS. <p> ÁREA TOTAL: 780,00 ÁREA B. CONST.: 600,00 </p> <p>+Info: geral@leilosoc.com</p> <p>Proc. n.º 1305/22.5T8CBR Construtora M V A Lda</p> |
|---|---|---|---|---|

NÃO PROCURE, ENCONTRE!
leilosoc.com



Serviços Centrais: Rua D. João IV, 340 · 4000-298 Porto | T. (+351) 228 346 550*
Centro Logístico: LEILOSOC Norte, 820 · 4585-610 Recarei | T. (+351) 225 193 200*
☎ 707 297 297* | geral@leilosoc.com | www.leilosoc.com

* Chamadas através da rede fixa: 0,11€/minuto · Chamadas através da rede móvel: 0,16€/minuto

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS



Cultura *En Agosto nos Vemos* será publicado nos dez anos da morte de Gabo

Um romance inédito de García Márquez para lermos na Primavera de 2024

Durante mais de uma década, Gabo trabalhou no manuscrito de *En Agosto nos Vemos*, mas nunca o concluiu. Os seus herdeiros decidiram agora publicá-lo nos dez anos da sua morte

Luís Miguel Queirós

Chama-se *En Agosto nos Vemos* o romance inacabado de Gabriel García Márquez, constituído por cinco histórias autónomas mas relacionadas entre si, e vai ser lançado na Primavera de 2024, assinalando os dez anos da morte do escritor colombiano, divulgou ontem o *El País*.

Sabia-se há muito que o escritor deixara inconclusa uma obra com este título, à qual ele próprio aludira mais do que uma vez. Em Março de 1999, lembra a jornalista Nora G. Fornés no *El País*, García Márquez leu mesmo um excerto numa sessão em Madrid (à qual assistiram um antigo e um futuro presidentes do Governo espanhol, Felipe González e Mariano Rajoy), apresentando-o como “fragmento e ponto de partida de um futuro romance”. E um mês mais tarde, em Abril, a revista *Cambio* publicou a primeira dessas narrativas.

O que não se sabia era quando, por quem, e como viria o romance a ver a luz do dia, ou mesmo se a família alguma vez autorizaria a sua publicação. Foram estas dúvidas que os filhos de García Márquez – Rodrigo e Gonzalo García Barcha – agora desfizeram ao anunciar que o livro irá ser publicado pela Penguin Random House, que o lançará em todos os países de língua espanhola, com excepção do México, na Primavera do próximo ano. A data exacta não foi divulgada, mas deverá ser próxima do dia 17 de Abril, quando se assinala o décimo aniversário da morte do autor de *Cem Anos de Solidão*, um dos mais lidos e traduzidos escritores do século XX, com mais de 40 milhões de livros vendidos em 36 línguas.

“*En Agosto nos Vemos* foi o fruto de um último esforço para continuar a criar contra ventos e marés”, observam os irmãos García Barcha, justificando a sua decisão de permitir a publicação do livro: “Lendo-o uma vez mais, descobrimos que o texto tinha muitíssimos e muito desfrutáveis méritos e nada que impeça a fruição do que mais sobressai na escrita de Gabo: a sua capacidade de invenção, a poesia da linguagem, a narrativa cativante, o entendimento do ser humano e o seu carinho pelas suas vivências e desventuras, e em particular no amor, possivelmente o tema principal de toda a sua obra.”

Pela cobertura que o *El País* fez em 1999 da já referida sessão em Madrid,



O escritor com a família (filhos Gonzalo e Rodrigo e a sua mulher, Mercedes) em Roma

En Agosto nos Vemos são cinco histórias autónomas mas relacionadas entre si

Os filhos dizem que foi “fruto de um último esforço para continuar a criar contra ventos e marés”

ficámos a saber que a protagonista deste conjunto de cinco narrativas, num total de cerca de centena e meia de páginas, é uma mulher de 52 anos, Ana Magdalena Bach (homónima da segunda mulher de Bach), que levava já então 23 anos de matrimónio “com um marido que a amava”, e com o qual se casou “ainda virgem e sem namoros anteriores”.

Todos os anos, no dia 16 de Agosto, Ana viajava até uma ilha caribenha onde estava enterrada a sua mãe, num cemitério de pobres, e levava-lhe um ramo de “gladiolos frescos” enquanto lhe contava as suas preocupações. No ano em que começa a narrativa, dois acontecimentos inesperados perturbam o ritual: Ana é informada de que o cemitério vai fechar e que terá de trasladar os restos da mãe, ao mesmo tempo que uma partilhada paixão à primeira vista por um desconhecido a levará a uma aventura extraconjugal.

Não há dúvida de que García Márquez tentou afincadamente concluir

En Agosto nos Vemos. O Harry Ransom Center da Universidade do Texas, a instituição que adquiriu em 2014 o arquivo de García Márquez, já fez saber que possui nada menos do que dez versões desta obra inacabada, que terá no total cerca de centena e meia de páginas. “Apesar de a ter reescrito pelo menos nove vezes durante um período de 14 anos, nunca se decidiu a publicá-la porque ainda havia aspectos da história que não o satisfiziam inteiramente”, diz o escritor e jornalista colombiano Joaquín Mattos Omar num artigo publicado em Outubro de 2016 na revista *Universo Centro*.

O próprio editor da então Random House Mondadori, Cristóbal Pera, anunciou no final de 2011, lembra Omar, que o escritor estava a trabalhar duramente no livro, batalhando para tornar mais a seu gosto uma personagem que ainda não o convencia, e que se esperava que o desse em breve por concluído. E quando tal acontecesse, os leitores iriam ter “uma

grande surpresa”, prometia.

Mas há já algum tempo que corriam rumores de que a saúde mental do escritor se estava a deteriorar, e em 2012 o seu irmão Jaime anunciou que lhe fora diagnosticada uma demência e que Gabo perdera a memória e não voltaria a escrever. Quando morreu, em 2014, os *media* retomaram o tópico do romance inédito e da sua eventual publicação, mas cerca de um mês e meio mais tarde, conta Omar, o director da Fundación Gabriel García Márquez para el Nuevo Periodismo Iberoamericano, Jaime Abello, revelou que, por decisão da viúva do escritor, Mercedes Barcha, *En Agosto nos Vemos* nunca seria publicado.

Elogiando a herdeira por respeitar a última vontade conhecida de García Márquez, Omar lança uma premonitória pergunta no seu artigo de 2016: “E o que se passará quando ela já cá não estiver? Não esqueçamos que a vida humana é breve e a literatura, pelo contrário, segue o seu curso vasto e perene.” Mercedes morreu, por sua vez, em 2020, no início da pandemia de covid-19, e os seus filhos decidiram agora revogar a sua decisão.

Mas não tentaram, tanto quanto se sabe até ao momento, terminar o que o pai deixara inacabado. E segundo a jornalista de cultura colombiana Patricia Lara Salive, que leu o manuscrito na Universidade do Texas e relatou a experiência ao jornal *El Tiempo* em Dezembro de 2015, pelo menos um deles, o cineasta Rodrigo García Barcha, até teria boas condições para o fazer. Defendendo que o manuscrito já quase não requeria trabalho de edição e que apenas sentira a falta do nome da mãe da protagonista, que o autor deixara inominada, a jornalista comenta: “É muito admirável que a família tenha respeitado a sua decisão, porque Rodrigo escreve muito bem (...) e podia perfeitamente ter-lhe dado os retoques finais e posto o nome que faltava.”

Nas suas declarações ao jornal colombiano *El Tiempo*, Patricia Lara Salive adianta também alguns detalhes do enredo de *En Agosto nos Vemos*, precisando que o marido de Ana dirige um conservatório de música e que entre os homens com quem a protagonista manterá “encontros furtivos”, que depois relatará à falecida mãe, se contam “um bispo e um criminoso procurado pelas autoridades”. O resto ficar-se-á a saber daqui a um ano.

Celebrar os múltiplos caminhos da música experimental com a Sonoscopia

Mariana Duarte

O colectivo e associação assinala hoje o segundo aniversário da sua mais recente casa, com concertos e novas edições

Quando rebentou a pandemia, o núcleo duro da Sonoscopia decidiu que estava na altura de investir num espaço novo. Aposta arriscada, mas aposta ganha. A 26 de Abril de 2021, a sede na Rua de Silva Porto tornava-se a casa que o colectivo e associação cultural portuense precisava para fortalecer e desenvolver a sua actividade na área da música experimental e improvisada, com vários tentáculos: criação, apresentação de concertos, residências artísticas e projectos educativos.

Hoje, numa tarde/noite com quatro concertos, a Sonoscopia celebra o segundo aniversário neste novo espaço, mas também tudo o que está para trás. E é muita coisa: um percurso que começou nos anos 90, acompanhando e contribuindo para os avanços de uma comunidade musical discreta, mas inquieta; uma associação que se oficializou em 2011, mostrando-nos novas formas de ouvir e de fazer música; um trabalho contínuo que se tem materializado numa rede nacio-

nal e internacional de músicos de várias gerações e visões.

“Como se trata de um nicho, vive-se muito de entreatajuda e de um circuito muito próprio. Não poderíamos estar circunscritos ao panorama nacional, ainda por cima com tão poucos espaços para fazermos as coisas”, diz Gustavo Costa, músico e director artístico da Sonoscopia, juntamente com Henrique Fernandes e Patrícia Craveiro. “Como tocamos muito fora do país, acabamos por trazer muita gente para cá. É uma bola de neve. Ficámos no mapa.”

O espaço na Rua de Silva Porto ajudou a fomentar essa ética e prática de partilha. “Antes tínhamos um quarto e meio para as residências. Agora temos uma zona específica para isso, três quartos com equipamento técnico, estúdios, um jardim e uma cozinha”, realça Gustavo Costa. “Foi uma casa desenhada para aquilo que nós pensamos ser as necessidades da música do futuro.”

Para Costa, esse futuro tem pernas para andar. Há uma “evolução muito clara” da música experimental nacional, estimulada por um maior acesso à informação, bem como a equipamentos e instrumentos, e um ensino mais especializado. “Tudo isso tem produzido resultados visíveis. Temos uma nova geração que está muito bem preparada.” Nesse sentido, os



Marcia Bassett e Samara Lubelski na Sonoscopia

membros da Sonoscopia estão “sempre atentos ao que se anda a fazer”, criando oportunidades de colaboração ou de apresentação, até porque estes artistas “não têm muitas possibilidades de se apresentarem noutros espaços”.

É um caminho de persistência que o colectivo conhece bem, enquanto espaço independente e autogerido numa cidade que tem vindo a tornar-se cada vez mais institucional. “Ao fim de tantos anos – o núcleo duro já se conhece há 30 – é difícil ter aquela ingenuidade do início, mas queremos acreditar que ainda temos

alguma que nos faz continuar. Apesar de tudo, somos obrigados a cumprir obrigações que podem ser um bocado contraditórias com algumas coisas em que acreditamos, mas tem de ser, para o bem e para o mal.”

Um dos pilares da actividade da Sonoscopia é a criação, que tem ganho corpo em projectos de maior dimensão. Ainda na semana passada apresentaram o primeiro capítulo de *OCO* no Iraque, um projecto a quatro anos que passará também pela Colômbia e por Portugal, e que “irá culminar num documentário fictício”. Também em andamento têm o

Phonospermia, criação do núcleo duro da Sonoscopia em parceria com a flautista Clara Saleiro e a harpista Angélica Salvi, que se estreia em Maio no Festival Música Viva.

A música experimental é um nicho, sim, mas a Sonoscopia tem procurado dessacralizá-la – e aproximá-la de quem quiser experimentar um instrumento, fazer ruído com objectos do quotidiano, sentir a liberdade de fazer música sem regras. São essas as premissas do Grupo Operário do Ruído, um projecto colaborativo aberto à comunidade, gerado no âmbito do programa municipal Cultura em Expansão, e que neste momento está à procura de novos participantes.

Hoje, pelas 17h, estará o americano Andrew Levine, numa actuação com *theremin* e dispositivos electrónicos. Segue-se o duo francês Arlt, numa reinvenção experimental e caleidoscópica da *chanson française*, e, depois do jantar, Marcia Bassett, referência maior do *underground* americano e das explorações transfronteiriças entre os territórios mais desregulados do rock, do *noise*, do *drone*, da folk e da electrónica, aqui acompanhada pela videasta Ursula Scherrer. A fechar, o trio de improvisação livre de Frantz Lorient (viola), Marina Tantanosi (flauta) e Philipp Eden (piano preparado).

Aldina: “O fado foi sempre uma arte que retratou o tempo”

Nuno Pacheco

O mais recente álbum de Aldina Duarte, que na capa surge apenas como Aldina, foi lançado em Março de 2022. Em *Tudo Recomeça*, os seus fados reflectem os tempos da pandemia, como ela explicou ao Ípsilon na altura. Nesse mesmo ano, aliás, chegou a ser apresentado ao vivo no São Luiz. Agora, o disco é mote para um concerto no CCB, em Lisboa, hoje às 19h, integrado no ciclo Há Fado no Cais, parceria do CCB com o Museu do Fado.

Mas muito mudou desde que o disco foi pensado e gravado e mais ainda desde Março de 2022 até 2023, diz Aldina agora ao PÚBLICO: “Primeiro, era um disco feito durante a pandemia e absolutamente centrado naquela circunstância trágica. Entretanto, superámos esse tempo e não faria sentido agora estar a fazer um concerto num grande auditório só

sobre a pandemia. Então, o que fiz? Vou apresentar o disco, mas reorganizei o repertório no sentido de ir buscar outros fados, construindo o modelo que aprendi com Jorge Silva Melo: conto a minha história – a partir da qual cada um fará a sua, ao ouvir –, que vai da pandemia à superação.”

Porque, acrescenta, houve uma superação: “A ciência deu um passo gigantesco, com a vacina, em termos de rapidez e eficácia na imunidade colectiva. E como sou uma eterna optimista, acho que alguma coisa deve ter ficado. A pandemia semeou qualquer coisa que há-de dar o seu fruto: uma mudança de paradigma no sentido em que estávamos mesmo fechados na nossa vidinha, a querermos consumir mais e mais, e agora acho que há uma nova ordem que não se sabe bem qual é, mas sinto que as pessoas já não querem voltar ao mesmo.”



Aldina estará hoje no CCB

Pelo menos até sermos surpreendidos por outro acontecimento com reflexo nas nossas vidas: “A seguir, rebentou uma guerra aqui à porta. E aí o peso já era muito grande e às

vezes dá o efeito contrário. Quando o medo e a desilusão são demasiados, já é estreme a mais, não dá flor. E talvez nos tenha empurrado para aquela coisa da sobrevivência; e lá voltamos ao individualismo ancestral.”

E todas estas mudanças acabam por se reflectir no que Aldina canta agora. “Eu mudei, a minha vida mudou e eu quero que o meu fado reflecta isso. O fado foi sempre uma arte que retratou o tempo.” Quanto à matéria-prima do seu trabalho, mantém-se inalterada: “O fado tradicional, material com que trabalho e com que trabalharei, porque não pára de me surpreender, tem estruturas melódicas que são de facto abertas. E basta alterar-se a vivência de quem o canta, a tonalidade, a sonoridade, incluindo ou excluindo algum instrumento, para, com uma abordagem diferente, essas músicas se tornarem outras.”

Assim, há fados que vai cantando de forma diferente, alguns dos quais não abandonará: “Algumas letras, a sensação que tenho é que as cantarei até morrer, porque elas têm uma intemporalidade poética extraordinária.”

Gravado com Paulo Parreira na guitarra portuguesa e Rogério Ferreira na viola de fado, *Tudo Recomeça* vai ser apresentado no CCB não em duo e sim em trio. Não podendo Paulo Parreira estar presente, por motivos pessoais, o trio será formado por Bernardo Romão (guitarra portuguesa), Rogério Ferreira (viola de fado) e Paulo Paz (viola baixo).

O próximo disco de Aldina, porém, será de novo gravado com uma dupla (guitarra e viola) e terá, como já antes sucedeu, letras de um só autor. Desta vez, a escolhida foi Capicua. “Ela inventou uma linguagem nova, palavras que nunca foram cantadas em fado.” O disco sairá em 2024.



Vê aqui o programa



A TECNOLOGIA E OS DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO E DO MARKETING

Cada vez mais questionamos se a tecnologia estará a pôr em causa a nossa segurança. Recentemente, o ChatGPT elevou os receios sobre os impactos da inteligência artificial a um novo patamar. Estará o futuro de profissionais da comunicação e do marketing ameaçada?

DÁ OUVIDOS A QUEM SABE
02 MAI 14H30

João Pedro Pereira – PÚBLICO (Moderação)

João Sousa – Managing Director Kinesso & Matterkind

Bernardo Correia – Country Manager da Google em Portugal

Pedro Pimentel – Director da Centromarca

Hélia Gonçalves Pereira – Reitora da Universidade Europeia

Leonor Simão Almeida – Finalista de marketing e publicidade e Presidente da AEIADE

Com o apoio de:



crianças

blogues.publico.pt/letrapequena/

Cartoons no Celeiro

Vila Franca de Xira torna a acertar o traço da *Cartoon Xira*, expondo o que de melhor se publicou na área do desenho satírico em Portugal, no ano passado. A mostra está patente no Celeiro da Patriarcal, de terça a domingo, das 15h às 19h, até 4 de Junho. A entrada é livre.

Uma história bem maluca

Reina grande confusão no palácio de D. Pimpão. Esperava-se que o rei resolvesse a barafunda, mas ainda a agravou



Rita Pimenta

“Estava na hora de jantar e a história sem terminar. A azáfama era geral, o cozinheiro foi para o estrangeiro, a costureira foi ao festival e o cavaleiro adormeceu na cavaliçã, perdeu o chapéu de cortiça, tinha uma peruca pos-tiça, um bigode farfa-lhudo e esquecia quase tudo”, eis o tom e a substância de uma história que não chega a ser bem uma história, mas que é uma grande maluquice.

Diz ao PÚBLICO o autor, Carlos Nuno Granja, “é a história de uma grande confusão, em que se espera que o rei a resolva, mas afinal ele ajuda a provocar a barafunda”. O também professor, editor e livreiro de Ovar explica que quis fazer um “exercício metatextual, para confundir e incluir o leitor”. Na narrativa, dá-se um conflito entre autor, narrador e o próprio rei. “Estava na hora de jantar e a história sem terminar. O narrador ficou em apuros com o Sancho Pança a entrar na dança, o Pinóquio a trepar os muros e o lobo só e faminto à espera da vizinhança. Vitória, vitória, ainda não acabou esta história. D. Reinaldo Pimpão acordou com alguma lentidão, mas já avisou: – Deixemo-nos de ladainha, que esta história é minha!”



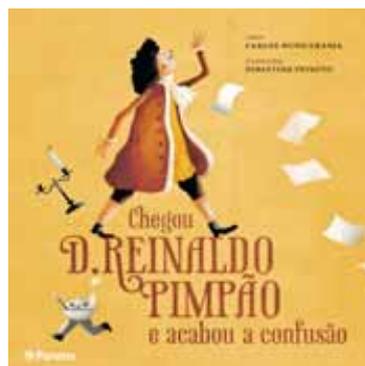
Chegou D. Reinaldo Pimpão e Acabou a Confusão

Texto: Carlos Nuno Granja

Ilustração: Sebastião Peixoto

Design: Juliana Vidigal

Edição: Paleta de Letras
24 págs., 12,50€



no”, recorda. No entanto, conclui: “Correu muito bem.” Também nos dá conta de ter explorado a obra com uma turma de 1.º ciclo e da resposta de um aluno: “Não percebi nada da história, mas ao mesmo tempo é como se tivesse percebido.” Algo que terá acontecido com o ilustrador, como contou o editor no lançamento.

Carlos Nuno Granja nasceu em Ovar em 1975, é professor do 1.º ciclo há 23 anos e professor bibliotecário há três. Tem pós-graduação em Leitura, Aprendizagem e Integração das Bibliotecas nas Actividades Educativas na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e está a frequentar o doutoramento em Estudos Literários na Universidade de Aveiro. É o dinamizador do Festival Literário de Ovar e tem um programa

O livro foi lançado no dia 23 de Abril, no Clic – Festa das Palavras, integrado nas comemorações do centenário da Biblioteca Municipal de Coimbra. Uma iniciativa que contou com a organização de Pedro Seromenho, da Paleta de Letras, que editou este livro. “Gosto muito do Carlos [Nuno] Granja e do Sebastião [Peixoto]. Acho que fazem uma dupla fenomenal. O livro é algo ‘diferente’ e cacofónico. Por isso lhe achei tanta piada”, diz o escritor e ilustrador de livros para a infância e que dirige o encontro de ilustração Braga em Risco.

No lançamento, no Ler ao Cubo, do Parque Verde, Carlos Nuno Granja estava “um pouco apreensivo sobre a aceitação do livro no terre-

de rádio sobre literatura na AV FM: A Ler É Que a Gente se Ouve. Dirige uma editora e uma livraria, ambas com o nome Doninha Ternurenta.

Sebastião Peixoto é natural de Braga e licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes do Porto. Trabalha como ilustrador *freelancer* para várias editoras nacionais e estrangeiras. Em 2017, ganhou um Gold Award, *An Illustrated Book of Plants: To sprout, bloom, and fruit*, Thesif Award/Seoul Illustration Fair. Em 2021, foi distinguido com um Merit Award pela 3x3, *The Magazine of Contemporary Illustration*, e venceu o Grande Prémio da 3.ª Bienal de Ilustração de Guimarães. Personagens esguias e com bochechas pintadas são uma das suas imagens de marca.

O resultado da junção dos dois autores (de texto e de imagem) é um livro divertido, de grande dinamismo e que obriga o leitor a pensar sobre a criação das histórias e até a sentir que participa nelas. “É uma história hilariante e delirante”, diz Carlos Nuno Granja. “Quantas histórias há numa história?”, pergunta. As que se quiser.



FIM-DE-SEMANA EM FAMÍLIA

FESTIVAIS

Gigantes Invisíveis

ESMORIZ Parque Ambiental do Buçaquinho. Hoje e amanhã.

Entrada livre

Literatura e artes dão as mãos neste festival que põe a petizada a folhear o “mundo gigante dos livros”. Numa organização da Câmara Municipal de Ovar e da estrutura Imaginar do Gigante, a oitava edição traz teatro, música, dança, encontros com autores, conversas, contos e oficinas.

Festival Internacional de Papagaios

TORRES VEDRAS

Parque Verde da Várzea.

Amanhã, das 9h30 às 19h. Grátis

A segunda edição do festival põe no ar papagaios “acrobáticos, gigantes e estáticos”, manobrados por equipas de Portugal, Itália e França. Ateliers e animação infantil completam o programa.

TEATRO

Antiprincesas:

Antónia Rodrigues

LISBOA Parque José Gomes

Ferreira — Mata de Alvalade

Hoje e amanhã, às 11h e 16h.

M/6. Grátis

Marinheira e heroína de guerra do século XVI, Antónia Rodrigues é a protagonista do novo capítulo da série criada por Cláudia Gaiolas para homenagear mulheres que marcaram a História.

O Barbeiro de Sevilha

ALMADA Teatro Municipal

Joaquim Benite. Hoje, às 16h;

amanhã, às 11h e 15h. M/3. 10€

Inspirada na famosa composição de Gioachino Rossini, a peça da Companhia de Teatro de Almada pretende mostrar aos mais novos de que é feita uma ópera.

MÚSICA

Pequena História de

Um Povo com Memória

PORTO Casa da Música

Hoje, às 16h. M/6. 8€

O Quarteto Contratempus traz nas pautas as memórias do que não se podia dizer, ouvir e ver para passar aos mais jovens a importância de cuidar da liberdade.

Guia

Cinema

Lisboa

Cinema City Alvalade

Av. de Roma, 100. T. 214221030

As Bestas M14. 21h40; **Quero Falar Sobre Marguerite Duras** M12. 15h; **Great Yarmouth** M14. 19h20; **Nação Valente** 17h15, 19h25; **Escola de Coelhos** 11h25 (VP); **regresso a Seul** M14. 17h; **As Oito Montanhas** M12. 21h35; **Super Mario Bros.** 11h20, 13h20, 15h20, 17h20 (VP); **Sombras Brancas** M14. 13h15, 17h20, 21h45; **L' Immensità - Por Amor** M12. 11h15, 15h25, 19h30, 21h30; **Para Sempre Mulher** M12. 19h35; **Soldado Nobre** M12. 13h30; **As Aventuras de StarDog e TurboCat** M6. 11h15, 13h15, 15h15 (VP);

Cinema City Campo Pequeno

Centro de Lazer. T. 214221030

Tudo em Todo o Lado ao Mesmo Tempo 21h15, 23h55; **O Rei Perdido** 13h30, 15h35, 17h40, 19h45, 21h50, 24h; **Múmias** M6. 11h15 (VP); **A Baleia** M16. 17h50; **John Wick 4** M16. 21h10; **Escola de Coelhos** 11h40 (VP); **Astérix e Obélix** M6. 11h15, 15h15 (VP), 13h50 (VO); **Air** M12. 19h, 21h40, 00h05; **Renfield** M16. 11h20, 13h15, 15h15, 17h20, 19h15, 21h20, 23h25; **Super Mario Bros. O Filme** M6. 11h20, 13h20, 15h20, 16h, 17h20, 19h20 (VP), 13h25, 15h25, 17h30, 19h30, 21h30, 23h35 (VO); **O Exorcista do Vaticano** M16. 19h40, 21h25; **Os Mundos de Mia: O Filme** M3. 11h15 (VP); **Evil Dead Rise O Despertar** M18. 11h35, 13h35, 20h05, 22h, 00h10; **Suzume** M12. 15h30, 17h35, 23h30; **As Aventuras de StarDog e TurboCat** 11h25, 13h40, 15h40, 17h40 (VP)

Cinema Ideal

Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295

IndieLisboa | Festival Internacional de Cinema Independente 17h45, 22h; **Nação Valente** 15h30, 19h45

Cinemas Nos Alvaláxia

R. Francisco Stromp. T. 16996

John Wick: Capítulo 4 M16. 13h45, 17h35, 21h15; **Dungeons e Dragons: Honra Entre Ladrões** M12. 13h15, 16h15; **Astérix e Obélix: O Império do Meio** M6. 20h50 (VP); **Air** M12. 19h15, 21h55; **Renfield** M16. 13h35, 15h55, 18h15, 21h05, 23h35; **Super Mario Bros. O Filme** M6. 13h25, 16h05, 18h25 (VP), 20h55 (VO); **O Exorcista do Vaticano** M16. 13h20, 16h, 18h30, 21h10, 23h50; **L' Immensità - Por Amor** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Beautiful Disaster - Um Desastre Maravilhoso** M14. 13h30, 15h50, 18h20, 21h; **Já Nada Sei** 14h05, 16h25; **Evil Dead Rise** M18. 14h10, 16h40, 19h10, 21h40, 24h; **Rapto em Direto** M14. 13h40, 16h20, 18h50, 21h20, 23h55; **Suzume** M12. 18h45, 21h35; **As Aventuras de StarDog e TurboCat** M6. 13h50, 16h10, 18h40 (VP); **Sisu** M16. 13h55, 16h35, 18h55, 21h25, 23h45

Cinemas Nos Amoreiras

Av. Engº Duarte Pacheco. T. 16996

O Rei Perdido M12. 13h20, 16h, 18h30, 21h20, 23h50; **Dungeons e Dragons** M12. 14h10, 17h30; **Astérix e Obélix** M6. 13h50, 16h, 16h30, 19h (VP), 21h30, 24h (VO); **Close** M12. 13h10, 18h10, 20h40, 23h20; **Air** M12. 13h20, 16h10, 18h40, 21h10, 23h50; **Super Mario Bros.** 13h40, 15h50, 18h20 (VP), 20h50, 23h30 (VO); **Nayola** M14. 15h40; **Casa do Prazer** M16. 21h40, 24h; **L' Immensità - Por Amor** M12. 13h40, 16h20, 18h50; **Já Nada Sei** 21h, 23h30;

Cinemas Nos Colombo

Av. Lusitana. T. 16996

John Wick 4 M16. 20h30, 24h; **Dungeons e Dragons** 15h50; **Astérix e Obélix** 15h40 (VP); **Air** M12. 13h20, 18h50, 21h40, 00h15; **Renfield** M16. Sala Atmos - 13h50, 16h20, 18h30, 21h, 23h40; **Super Mario Bros.** 12h40, 15h, 17h10, 19h20 (VP), 21h30, 23h55 (VO); **Super Mario Bros.** Imax - 11h30, 14h, 16h30, 18h40 (3D); **O Exorcista do Vaticano** M16. 13h05, 19h, 21h20, 23h50; **Os Mundos de Mia** M3. 11h, 16h (VP); **Beautiful**

Estreias

O Rei Perdido

De Stephen Frears. 2022. 148m. Drama. M12.

Em 2012, os restos mortais de Ricardo III, um dos reis mais controversos da história da Inglaterra, foram encontrados em Leicester, 160 quilómetros a noroeste de Londres. A busca fora organizada por Philippa Langley, membro da Sociedade Ricardo III que, depois de muito investigar, se convenceu de que o rei teria sido enterrado no lugar onde outrora se situava a igreja Greyfriars.

Renfield

De Chris McKay. EUA. 2023. 93m. Comédia, Terror. M16.

Há muito que Renfield está sob o domínio do conde Drácula. A sua principal função é encontrar vítimas adequadas ao caprichoso apetite do seu mestre. Mas agora que conheceu Rebecca e saboreou um lado mais luminoso da existência, Renfield quer libertar-se.

As Aventuras de StarDog TurboCat

De Ben Smith. GB. 2019. 60m. Animação. M6.

Em 1969, um cão chamado Buddy é enviado para o espaço. Logo após o lançamento, a cápsula avaria e eletrocuta o pobre animal, provocando uma mutação no seu ADN que lhe atribui superpoderes. Meio século depois, o aparelho volta a entrar na atmosfera terrestre, despenhando-se num lugar onde os humanos olham para os animais como uma praga.

L' Immensità - Por Amor

De Emanuele Crialese. ITA/FRA. 2022. m. Drama. M12.

Roma, década de 1970. Clara e Felice Borghetti acabam de se mudar com os três filhos para um novo apartamento. Adriana, a filha de 12 anos, desde sempre se sentiu como uma alienígena pois, apesar de ter nascido num corpo de menina, sabe que é um rapaz. Aproveitando esta mudança para um bairro onde ninguém a conhece, resolve apresentar-se como sendo do sexo masculino.

Tenho Sonhos Eléctricos

De Valentina Maurel. BEL/FRA/Costa Rica. 2022. 102m. Drama. M16.



Desde que os pais resolveram avançar com o divórcio que a vida de Eva está virada de pernas para o ar. Inconformada, a adolescente opta por viver com o pai. Mas ele está focado em si e na liberdade recém-adquirida, revelando-se totalmente incapaz de lhe dar a estabilidade de que ela precisa.

Sisu

De Jalmari Helander. FIN. 2022. 91m. Drama, Guerra. M16.

O ano é 1944. Depois de perder a família na guerra, Aatami Korpi isola-se na zona finlandesa da Lapónia, onde se dedica a garimpar. Quando descobre uma enorme quantidade de ouro, decide fazer a longa travessia de 906 quilómetros até à cidade mais próxima, onde espera começar de novo. É então que o seu caminho se cruza com o de um grupo de nazis.

Já Nada Sei

De Luís Diogo. POR. 2022. 93m. Drama. M12.

Como exemplo de uma relação estável, Ricardo e Ana são escolhidos para participar num documentário sobre o amor. Para isso terão, durante duas semanas, uma equipa de filmagens atrás deles para registar a sua dinâmica de casal e recolher depoimentos. Mas, para surpresa de todos, parece que cada um tem uma forma muito própria de avaliar o relacionamento.

Rapto em Direto

De Romuald Boulanger. 2022. 104m. Thriller. M14.

O programa de rádio de Elvis Cooney, que durante anos foi um grande sucesso a gerir os problemas pessoais dos ouvintes, tem vindo a perder audiências. Isto até um psicopata lhe ligar em directo para lhe dizer que se encontra dentro de sua casa e que se prepara para assassinar a mulher e filha.

Disaster 13h, 15h30, 18h; **Evil Dead Rise O Despertar** M18. 14h30, 17h20, 19h40, 22h, 00h20; **Suzume** M12. 13h10, 19h10, 21h50, 00h30; **Sisu** M16. 13h30, 16h10, 18h20, 21h10, 00h10

Cinemas Nos Vasco da Gama

Parque das Nações. T. 16996

John Wick: Capítulo 4 M16. 20h30; **Astérix e Obélix: O Império do Meio** M6. Sala Laser - 11h, 15h30 (VP); **Renfield** M16. Sala Laser - 13h30, 16h20, 19h, 21h30, 24h; **Super Mario Bros. O Filme** M6. Sala Atmos - 10h45, 13h10, 15h45, 18h20 (VP), 20h50, 23h30 (VO); **O Exorcista do Vaticano** M16. 13h40, 16h30, 19h10, 22h; **Beautiful Disaster** M14. 14h, 17h10; **Evil Dead Rise O Despertar** M18. Sala Laser - 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 23h55; **Suzume** Laser - 18h30, 21h50

Medeia Nimas

Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223

O Rei Perdido M12. 17h30; **Close** M12. 13h30, 19h30; **Tenho Sonhos Eléctricos** 15h30; **O Anjo Exterminador** M12. 11h30; **2001: Odisseia no Espaço** M12. 21h30; **UCI Cinemas - El Corte Inglés** Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400 **Tudo em Todo o Lado ao Mesmo Tempo** M14. 16h, 21h15, 00h15; **O Rei**

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt



Perdido M12. 13h40, 16h10, 21h25; **Tár** M12. 13h30; **A Baleia** M16. 18h40; **John Wick: Capítulo 4** M16. 18h, 21h30, 23h50; **Astérix e Obélix: O Império do Meio** M6. 16h25, 18h50, 21h45; **Close** M12. 14h10, 16h35, 19h05, 21h35; **As Oito Montanhas** M12. 16h05, 21h20; **Air** M12. 14h, 16h40, 19h25, 21h55; **Renfield** M16. 14h05, 16h45, 19h15, 21h50; **Super Mario Bros. O Filme** M6. 14h25, 16h55, 19h10 (VP/2D), 14h15 (VP/3D), 19h30 (VO/3D), 21h45 (VO/2D); **Nayola** M14. 14h20; **O Exorcista do Vaticano** M16. 17h, 22h, 00h20; **Sombras Brancas** M14. 16h20, 18h45; **L' Immensità - Por Amor** M12. 14h, 16h30, 19h, 21h35; **Beautiful Disaster** M14. 13h25, 18h55; **Evil Dead Rise** M18. 16h50, 19h20, 21h55, 00h10; **Suzume** M12. 13h45, 21h15; **As Aventuras de StarDog e TurboCat** M6. 13h35, 15h50 (VP); **Sisu** M16. 13h55, 16h15, 19h10, 21h40, 23h45; **Medida Provisória** M12. 13h50, 19h05

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum

R. Sérgio Malpique 2. T. 16996

O Rei Perdido M12. 13h15, 15h40, 18h15, 21h, 23h50; **John Wick 4** M16. 13h30, 17h, 20h40, 23h; **Astérix e Obélix** M6. 13h10, 16h, 18h50 (VP), 24h (VO); **Air** M12. 12h55, 15h25, 18h, 20h30, 00h10; **Renfield** M16. 12h50, 15h20, 17h30, 19h40, 21h50, 00h10; **Super Mario Bros.** 12h40, 15h10, 17h20, 19h30 (VP/2D), 18h10 (VO/3D), 21h40, 00h05 (VO/2D); **O Exorcista do Vaticano** M16. 13h20, 15h50, 20h50, 23h20; **Os Mundos de Mia** M3. 16h15 (VP); **L' Immensità - Por Amor** M12. 14h, 16h20, 18h40; **Beautiful Disaster** M14. 13h45, 18h20, 20h45, 23h10; **Já Nada Sei** 14h10, 16h40, 19h45; **Evil Dead Rise** M18. 13h50, 16h10, 18h30, 21h20, 23h40; **Rapto em Direto** M14. 22h, 00h25; **Suzume** M12. 20h50, 23h30; **Suzume** M12. Sala 4DX - 13h50, 16h30, 21h50, 00h30; **As Aventuras de StarDog e TurboCat** M6. 13h, 15h30, 17h40 (VP); **Sisu** M16. 12h45, 15h15, 17h25, 19h35, 21h45, 24h

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide

C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030

Tudo em Todo o Lado ao Mesmo Tempo M14. 23h35; **O Gato das Botas** M6. 17h25; **Múmias** M6. 11h45 (VP); **Shazam! Fúria dos Deuses** M12. 13h15; **John Wick: Capítulo 4** M16. 21h; **Escola de Coelhos** M3. 11h50, 13h50 (VP); **Astérix e Obélix** M6. 11h40, 15h30, 17h50 (VP), 19h50 (VO); **Air** M12. 19h35, 21h50; **Renfield** M16. 13h45, 15h40, 17h45, 19h45, 21h25, 21h35, 23h30; **Super Mario Bros.** 11h20, 13h20, 15h20, 16h, 17h20, 19h20, 19h20, 00h20 (VP), 11h35, 13h35, 15h35, 17h40, 21h35 (VO); **O Exorcista do Vaticano** M16. 21h40, 23h50; **Os Mundos de Mia** M3. 11h30, 13h30 (VP); **Beautiful Disaster** M14. 19h40, 23h40; **Evil Dead Rise** M18. 15h25, 22h, 24h; **Suzume** M12. 21h20, 23h55; **As Aventuras de StarDog e TurboCat** M6. 11h25, 13h25, 15h25, 17h30 (VP); **Sisu** M16. 11h25, 15h45, 17h35, 19h30, 21h30, 00h10

UCI Cinemas - Ubbó

Estrada Nacional 249/1, Venteira.

John Wick 4 M16. 21h10; **Astérix e Obélix** 13h35, 16h10, 18h45, 21h40; **Air** M12. 16h20, 21h35; **Renfield** M16. 14h10, 16h40, 19h10, 21h45; **Super Mario Bros. O Filme** M6. 13h30, 16h05, 18h40, 21h15 (VP/2D), 18h55 (VO/2D); **O Exorcista do Vaticano** M16. 13h50, 19h25; **O Exorcista do Vaticano** M16. 13h50, 16h25, 19h25, 21h50; **Os Mundos de Mia: O Filme** M3. 13h40, 15h45 (VP); **Evil Dead Rise O Despertar** M18. 13h45, 16h15, 19h15, 21h30; **Suzume** M12. 13h25, 18h50; **As Aventuras de StarDog e TurboCat** M6. 14h15, 16h30, 19h (VP); **Medida Provisória** M12. 21h20

| As estrelas | | | |
|--------------------------------|----------------|------------------|--------------|
| | Jorge Mourinha | Luís M. Oliveira | Vasco Câmara |
| P | | | |
| Carta de Amor | ★★★★☆ | ★★★★☆ | ★★★★☆ |
| Close | — | ★★★★☆ | ★★★★☆ |
| A Lua Ascendeu | ★★★★☆ | ★★★★☆ | ★★★★☆ |
| Nação Valente | ★★★★☆ | — | ★★★★☆ |
| Nayola | ★★★★☆ | — | — |
| As Oito Montanhas | — | ★★★★☆ | ★★★★☆ |
| Para Sempre Mulher | — | ★★★★☆ | ★★★★☆ |
| O Rei Perdido | — | ★★★★☆ | — |
| Renfield | ★★★★☆ | — | — |
| Sombras Brancas | ★★★★☆ | ★★★★☆ | — |
| Sisu | ★★★★☆ | — | — |
| Suzume | ★★★★☆ | — | — |
| Tenho Sonhos Eléctricos | ★★★★☆ | ★★★★☆ | — |

★ Mau ☆☆☆☆☆ Mediocres ☆☆☆☆☆ Razoável ★★★★★ Bom ★★★★★ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Lazer

TEATRO

Lindos Dias! (Happy Days)
LISBOA São Luiz Teatro Municipal. De 27/4 a 7/5. Quarta a sábado, às 19h30; domingo, às 16h. M/12. 12€

Sandra Faleiro encena, a partir da tradução de João Paulo Esteves da Silva, o texto de Samuel Beckett centrado em Winnie (Cucha Carvalheiro), uma mulher que fala no deserto, enterrada até ao pescoço. Num jogo solitário, evoca histórias antigas num discurso imperfeito e cheio de imprecisões. De vez em quando, lá aparece o marido, Willie (Luís Madureira), para pontuar o discurso.

DANÇA

Transborda – Mostra Internacional de Artes Performativas de Almada
ALMADA Fórum Municipal Romeu Correia, Casa da Dança e Teatro Municipal Joaquim Benite. De 29/4 a 14/5. Grátis a 10€

A terceira edição do festival abre com *Ai, Ai, Ai*. É esse o título do novo solo do coreógrafo brasileiro Marcelo Evelin, o primeiro de uma comitiva de criadores que “transformam com as suas danças hábitos perceptivos, intensificam vitalidades, friccionam limites e transbordam na prática da alteridade”, assegura a organização. Os outros são Mariana Tengner Barros (*Threshold*), Vera Mantero (*O Susto É Um Mundo*), Vania Vaneau (*Nébulas*) e Francisco Thiago Cavalcanti (*Também se Matam Cavalos e Quando Eu Morrer Me Enterrem na Floresta*, este a meias com Francisca Pinto). Evelin voltará ao palco para uma *Batucada* de 40 performers saída de um laboratório do festival. Programa detalhado em transborda.org.

Porque É Infinito
TORRES NOVAS Teatro Virgínia. Dia 29/4, às 21h30. M/12. 7,50€

Uma releitura do *Romeu e Julieta* de Shakespeare, embalada por excertos da música que Prokofiev compôs para a tragédia e costurada por impressões dos dias de hoje. Assim se move a peça do coreógrafo Victor Hugo Pontes que, com Joana Craveiro (autora do texto original), explora os limites do amor.

Jogos

Jogue também online.
Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos



Euromilhões 11 13 16 23 34 1 10
1.º Prémio 128.000.000€ M1lhão GCJ 15935
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.051

Horizontais: 1. Permitiu uma longa conversa entre Zelensky e Xi Jinping. Símbolo de miliampere. 2. Amante fiel (fig.). Sangue dos deuses. 3. Autor (fig.). Interjeição que designa dúvida ou menosprezo. 4. (...) da Costa Cabral, presidente do Conselho das Finanças Públicas. Também não. 5. «De» + «a». Centésima parte do hectare. Amola. 6. Porte. Fazer tatuagem em. 7. Fanfarrão. 8. “A (...) do que amamos é como a nossa sombra: segue-nos por toda a parte”. Velo. 9. Cyril (...), Presidente sul-africano. 10. Prefixo que exprime a ideia de privação. Esticão. Ligado (inglês). 11. Sítio. Molusco bivalve que pode produzir pérolas.
Verticais: 1. Transportes Aéreos Portugueses. Semana do Bem-Estar (...), irá acontecer de 30 de Abril a 6 de Maio. 2. Exala. Antes do meio-dia. Desguarnecido. 3. Qualidade (pop.). Guarnecer com abas. 4. Espera deferimento (abrev.). Desordem (pop.). 5. Guardar bem na memória. Resgatar. 6. Artigo dos jornais. Recuperar. 7. Catedral. Alojamento Local. O sustento (fig.). 8. Interjeição utilizada para chamar a atenção ou para cumprimentar. Caminhos estreitos que encurtam distâncias. 9. Chegou D. Reinaldo Pimpão e Acabou a (...), livro com texto de Carlos Nuno Granja e ilustração de Sebastião Peixoto (ver Guia crianças – Letra pequena). 10. Um peixe. Redução de senhor (pop.). 11. Cercar com arame. Grande vontade.

Solução do problema anterior

Horizontais: 1. Lisboa. Fica. 2. Anui. Saudar. 3. Abrantes. 4. Cá. Li. Ermal. 5. Filete. CE. 6. Abio. Re. Toa. 7. Ancho. Pa. 8. VITA. Silha. 9. Alara. IVA. 10. Sé. Ripostar. 11. Ouros. Xaile.
Verticais: 1. Lancha. Vaso. 2. In. Bailéu. 3. Sua. Finta. 4. Bibliocarro. 5. Ril. Ais. 6. Asa. Eros. 7. Anete. 8. Futre. Pl. SA. 9. Idem. Tahiti. 10. Casaco. Aval. 11. Ar. Leal. Are.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: Ninguém

NORTE
♠ A762
♥ 54
♦ 932
♣ KJ105

OESTE
♠ KQJ8
♥ 3
♦ AJ85
♣ A964

ESTE
♠ 1054
♥ 1092
♦ Q1076
♣ 872

SUL
♠ 93
♥ AKQJ876
♦ K4
♣ Q3

| | | | |
|--------------|-------|-------|-----|
| Oeste | Norte | Este | Sul |
| X | 1♠ | passo | 1♥ |
| Todos passam | | | |

Leilão: Qualquer forma de Bridge.

Carteio: Saída: K♠. Qual a melhor maneira de jogar esta partida?

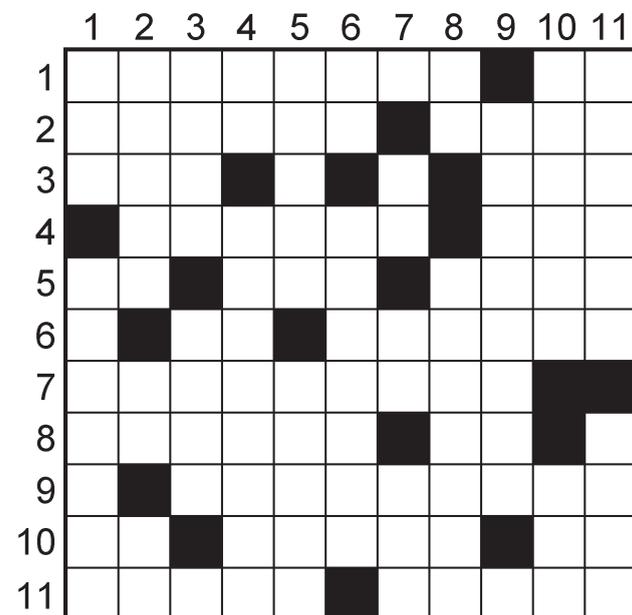
Solução: É providencial deixar fazer a primeira vaza, pois não queremos de forma alguma que Este possa vir a ter a mão para atravessar ouros. Oeste prossegue com a Dama de espadas. E agora?
O dobre de Oeste diz-nos que o Ás de ouros deverá estar na sua mão, e jogar agora um ouro para o Rei mais não seria do que o caminho mais directo para o cabide. Existe uma outra carta chave neste jogo: o Ás de paus. Se essa carta não estiver em Oeste então não haverá mesmo maneira de ganhar esta partida (se o Ás de paus estiver em Este então é certo que o Ás de ouros estará em Oeste). Existe ainda outro dado importante: Oeste deverá ter quatro cartas de espadas. Bom, estão reunidos todos os dados para se poder garantir esta partida! Como?
Graças a uma técnica que dá pelo nome de golpe do dentista. O que há a fazer

neste momento é cortar uma espada! Seguimos com quatro voltas de trunfo, as necessárias para extrair todos os trunfos que estão de fora. É chegada a altura de jogar um pau. Se Oeste entrar já com o seu Ás de paus nada conseguirá fazer para nos derrotar, com o Rei de ouros protegido de um ataque vindo desse lado, teremos a possibilidade de realizar pelo menos duas vazas a paus que nos permitirão baldar pelo menos um dos ouros perdentes. O melhor que Oeste tem a fazer é recuar o seu Ás de paus. Prendemos a vaza no morto e, jogamos a última espada do morto que cortamos. Está completo o golpe do dentista! Agora que Oeste não tem trunfos nem espadas na sua mão, podemos avançar com o segundo pau da nossa mão. Oeste faz o seu Ás e é forçado a jogar paus, para os paus apurados do morto, ou ouros, cedendo-nos o Rei da nossa mão! De notar que afinal a colocação do Ás de ouros não é relevante de todo, pode até estar em Este!

Considere o seguinte leilão:
Oeste Norte Este Sul
3♠ X 4♠ ?

O que marca com a seguinte mão?
♠2♥K6♦QJ1087♣K10765

Resposta: O dobre do parceiro é de chamada. Promete uma boa abertura e tolerância para os naipes não falados. A nossa mão é boa o suficiente para acreditar que o nosso campo possa ganhar uma partida num naipe pobre, mas qual será o melhor? Se o parceiro tiver quatro cartas em cada um dos naipes pobres, essa escolha deverá ser indiferente. Mas, se tiver quatro num deles e apenas três no outro (ou mesmo duas...) será importante ficar a jogar naquele em que temos um maior número de trunfos. E como podemos lá chegar? A resposta é simples. Neste tipo de leilões, em que os adversários barram até ao nível de 4 em rico, a voz de 4ST é usada para mostrar um bicolour em detrimento do clássico Blackwood. Assim, neste leilão podemos marcar 4ST, ao qual o parceiro entenderá, numa primeira instância, como sendo um bicolour pobre. A boa voz: 4ST.



Paulo Freixinho
palavascruzadas@publico.pt

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 11.874 (Fácil)

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | 2 | | 4 | | |
| 8 | | | | 6 | 7 | | | |
| | | | 3 | 9 | | | | |
| 7 | 3 | | 9 | 4 | 5 | 2 | | |
| | 2 | 4 | 6 | | 8 | 9 | 3 | |
| | | 9 | 7 | 2 | 3 | | 8 | 5 |
| | | | | 8 | 1 | | | |
| | | | 5 | 7 | | | | 2 |
| 8 | | 4 | | | | | | |

Solução 11.872

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 3 | 2 | 5 | 1 | 4 | 7 | 9 | 8 | 6 |
| 8 | 4 | 9 | 3 | 6 | 5 | 2 | 7 | 1 |
| 1 | 7 | 6 | 8 | 2 | 9 | 5 | 4 | 3 |
| 6 | 3 | 7 | 9 | 5 | 2 | 8 | 1 | 4 |
| 5 | 8 | 4 | 7 | 1 | 6 | 3 | 9 | 2 |
| 9 | 1 | 2 | 4 | 8 | 3 | 6 | 5 | 7 |
| 2 | 6 | 1 | 5 | 9 | 4 | 7 | 3 | 8 |
| 4 | 9 | 3 | 6 | 7 | 8 | 1 | 2 | 5 |
| 7 | 5 | 8 | 2 | 3 | 1 | 4 | 6 | 9 |

Problema 11.875 (Difícil)

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 3 | | 7 | | | |
| | 4 | 6 | | | | 9 | 1 | |
| 1 | | | | | | | | 8 |
| | | 5 | | 6 | | 1 | | |
| 4 | | | | | | | | 5 |
| | | 9 | | 7 | | 6 | | |
| 2 | | | | | | | | 6 |
| | 8 | 7 | | | | 3 | 4 | |
| | | | 5 | | 9 | | | |

Solução 11.873

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 3 | 5 | 4 | 1 | 2 | 9 | 6 | 8 | 7 |
| 8 | 9 | 6 | 5 | 4 | 7 | 3 | 2 | 1 |
| 1 | 7 | 2 | 6 | 8 | 3 | 4 | 5 | 9 |
| 2 | 6 | 3 | 8 | 9 | 4 | 7 | 1 | 5 |
| 9 | 1 | 8 | 7 | 3 | 5 | 2 | 4 | 6 |
| 5 | 4 | 7 | 2 | 1 | 6 | 8 | 9 | 3 |
| 6 | 2 | 1 | 9 | 7 | 8 | 5 | 3 | 4 |
| 7 | 3 | 9 | 4 | 5 | 2 | 1 | 6 | 8 |
| 4 | 8 | 5 | 3 | 6 | 1 | 9 | 7 | 2 |

Guia

CINEMA

Brooklyn

Fox Life, 22h20

Década de 1950. Decidida a viver o sonho americano, a jovem irlandesa Eilis Lacey aventura-se numa longa viagem até aos EUA. Fixa-se em Brooklyn, Nova Iorque, onde arranja uma casa e um emprego. Com o passar do tempo, as saudades tornam a sua estada quase insuportável e ela considera a hipótese de desistir de tudo e voltar para a Irlanda. Mas entretanto conhece Tony (Emory Cohen), um bombeiro italiano por quem se apaixona e que lhe dá uma nova esperança no futuro. A sua felicidade é interrompida por uma notícia que a obriga a regressar a casa. Eilis vê-se então dividida entre o seu novo amor e a família que tanto precisa dela. Estreado no Festival de Cinema de Sundance, *Brooklyn* é a adaptação cinematográfica do romance homónimo de Colm Tóibín. Com realização de John Crowley e argumento de Nick Hornby, conta com Saoirse Ronan, Emory Cohen, Domhnall Gleeson, Jim Broadbent e Julie Walters nos principais papéis.

Em Fúria

RTP1, 23h48

Neste *thriller* de Derrick Borte, com argumento de Carl Ellsworth, Russell Crowe faz o papel de um homem extremamente instável que, após matar a ex-mulher e o namorado e pegar fogo à casa onde ela mora, fica fixado em vingar-se de uma mãe solteira, interpretada por Caren Pistorius, que lhe buzinou no trânsito quando estava atrasada para o trabalho. Não é só ela que persegue: toda a gente de quem ela quer saber é também um alvo.

A Uma Hora Incerta

RTP2, 00h14

Ano de 1942. Apesar de viver sob o jugo de uma ditadura, Portugal é, para milhares de pessoas que tentam fugir da guerra que assola a Europa, uma espécie de paraíso. Boris e Laura são dois franceses que chegam a Lisboa para escapar à morte. O inspector Vargas, sentindo-se atraído por Laura, decide escondê-los no velho hotel onde vive com Marta, a mulher, e Ilda, a filha adolescente. Quando Ilda se dá conta da presença dos refugiados e da inclinação do seu pai pela jovem mulher, deixa-se levar pelo ciúme. Decidida a afastá-la do progenitor, está disposta a tudo para os expulsar. Paulo Pires, Joana Ribeiro, Pedro Lima, Grégoire Leprince-Ringuet, Joana de Verona e Ana Padrão compõem o elenco do filme de Carlos Saboga.

Televisão

Os mais vistos da TV

Quinta-feira, 27

| | % | Aud. | Share |
|------------------|------|------|-------|
| Festa É Festa VI | TVI | 9,3 | 19,7 |
| Jornal da Noite | SIC | 8,8 | 19,2 |
| Jornal Nacional | TVI | 8,3 | 18,2 |
| Telejornal | RTP1 | 6,9 | 15,8 |
| Vai ou Racha | TVI | 6,8 | 19,4 |

FONTE: CAEM

RTP1 12,9%

RTP2 10,7

SIC 16,2

TVI 16,0

Cabo 39,5

RTP1

6.14 As Palavras do Mundo 6.30

Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **9.57** Segredos dos Pirenéus **10.54** Hora dos Portugueses **11.40** Aqui Portugal - Os Melhores Momentos **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Voz do Cidadão **14.37** Estrelas ao Sábado **19.07** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.05 Missão: 100% Português

21.52 Taskmaster

23.48 Em Fúria



1.25 Janela Indiscreta

2.10 Segredos dos Pirenéus

SIC

6.00 Camilo, o Presidente 6.20 Etnias 7.00 Isto É Matemática 7.10 Médico da Casa 7.40 Patrões Fora 8.20 Caixa Mágica - As Homenagens 10.00 Alô Marco Paulo 12.10 O Nosso Mundo 13.00 Primeiro Jornal 14.10 Alta Definição 15.05 E-Especial

16.25 Portugal à Gargalhada

19.50 É Bom Vivermos Juntos

19.58 Jornal da Noite

21.50 Vale Tudo



1.20 Terra Nossa 3.00 Levanta-te e Ri

RTP2

6.28 Folha de Sala 6.33 Repórter África 7.00 Do Rio Ao Mar 7.52 Espaço Zig Zag 14.46 Folha de Sala 14.53 Basquetebol: Imortal x Lusitânia (final four Taça de Portugal 2022/2023) 16.51 Biosfera 17.19 Abel de Lacerda: O Coleccionador Utópico 17.53 Basquetebol: Benfica x Sporting (final four Taça de Portugal 2022/2023) 19.55 Faça Chuva Faça Sol 20.27 Afazeres do Mês 20.33 As Nossas Plantas 21.03 Folha de Sala 21.08 Parlamento 21.30 Jornal 2

22.01

Danças na Cidade



22.28 Porque Lutamos? 0.05 Folha de Sala 0.14 A Uma Hora Incerta 1.29 Alemanha 89 2.20 Fugiram de Casa de Seus Pais 3.01 Folha de Sala 3.07 Duetos Improváveis 3.48 Diagnóstico: Divas 4.43 UHF Canal Maldito - 35 Anos 5.38 Abel de Lacerda: O Coleccionador Utópico

TVI

6.09 Diário da Manhã 6.30 Detective Maravilhas 7.10 Campeões e Detectives 7.50 Inspector Max 8.45 As Grandes Maravilhas do Mundo 10.00 Dois às 10 12.58 TVI Jornal 14.45 Conta-me: Abel Xavier 15.40 Em Família

19.08 Vai ou Racha

19.57 Jornal Nacional

21.50 Festa É Festa

23.00 Cabelo Pantene - A Competição

23.30 O Triângulo 1.00 GTI Plus

1.15 Jack Ryan: Agente Sombra

3.00 Mundo ao Contrário

TVCINETOP

18.25 Apaixonada por Figaro 18.25 A Assistente 19.50 Black Roads 21.30 A Rapariga Selvagem 23.35 X 1.20 Ghost Stories - Noites de Terror

FOX MOVIES

17.15 Quatro Irmãos 19.11 Anna - Assassina Profissional 21.15 Invasão de Domicílio 22.48 As Cinquenta Sombras de Grey 0.55 Selvagens

HOLLYWOOD

17.15 S.W.A.T. - Força de Intervenção 19.15 S.W.A.T.: O Confronto 20.50 S.W.A.T.: Under Siege 22.25 Alien: Covenant 0.35 Vingança: Uma História de Amor

AXN

19.13 Harry Potter e o Príncipe Misterioso 21.55 Harry Potter e os Talismãs da Morte - Parte 1 0.26 Harry Potter e os Talismãs da Morte - Parte 2

FOX

17.41 Identidade Secreta 19.42 Correio de Risco 21.20 John Wick 2 23.49 The Mechanic - O Profissional 1.19 Transcendence: A Nova Inteligência

DISNEY CHANNEL

17.20 Anfibilândia 18.05 A Maldição de Molly McGee 18.50 Os Green na Cidade Grande 19.35 Anfibilândia 20.25 Hamster & Gretel

DISCOVERY

17.00 Múmias Reveladas 19.00 O Segredo das Coisas 21.00 A Minha Família Vive no Alasca 23.00 No Meio do Nada 0.55 A Minha Família Vive no Alasca

HISTÓRIA

17.16 Alienígenas 20.40 Os Brinquedos Que Mudaram o Mundo: Edição Mini 22.15 Os Brinquedos Que Mudaram o Mundo 23.37 Forjado no Fogo

ODISSEIA

17.38 Escola de Cachorros 18.24 Mascotes com as Patas Partidas 19.17 As Maiores Montanhas do Mundo 20.02 Resgate na Praia 20.46 América Central Selvagem com Nigel Marven 21.35 Conectados com a Natureza 22.30 Legacy 0.13 Earth Emergency

DANÇA

Danças na Cidade

RTP2, 22h01

Neste Dia Mundial da Dança, o serão é ocupado pelas obras que quatro coreógrafos portugueses criaram ou adaptaram a “palcos” do património arquitectónico de Lisboa. O Museu Nacional de Arte Antiga acolhe *Antes de tudo, o mais*, de Daniel Gorjão; o Palácio Foz, o *Sucesso Inevitável de Acontecimentos*, de Tânia Carvalho; o *Mosteiro dos Jerónimos, Dueto Symphony of Sorrows*, de Miguel Ramalho; e o Palácio Nacional da Ajuda, *Dueto Snow*, de Luís Marrafa. Com realização de Márcio Simões, estas danças resultam de uma parceria entre a estação pública e a Companhia Nacional de Bailado.

DOCUMENTÁRIOS

Abel de Lacerda: O Coleccionador Utópico

RTP2, 17h19

Realizado em 2021, ano do centenário do nascimento de Abel Lacerda, o documentário de Miguel Nabinho lembra a vida e obra do fundador do Museu de Arte do Caramulo. Reúne imagens de arquivo e conta com testemunhos dos historiadores de arte Raquel Henriques da Silva e Anísio Franco, do médico António José Veloso e de familiares de Lacerda.

Legacy

Odisseia, 22h30

O premiado fotógrafo, realizador e ambientalista francês Yann Arthus-Bertrand (*Home – O Mundo É a Nossa Casa, Humanos, Woman – Mulher*) conduz esta jornada sobre a relação entre o ser humano e o planeta. Funciona como “uma ode à beleza da natureza e da humanidade, mas também um aviso de que a vida na Terra nunca esteve tão ameaçada”, descreve a sinopse.

INFANTIL

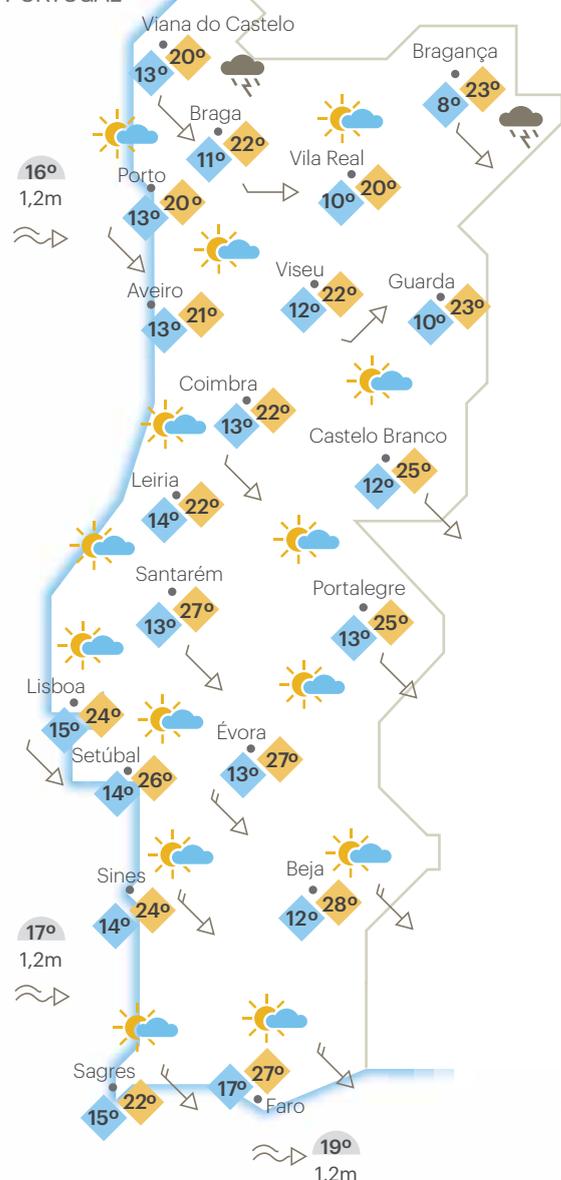
A Blue Aventura-se na Cidade

Nick Jr., 16h30

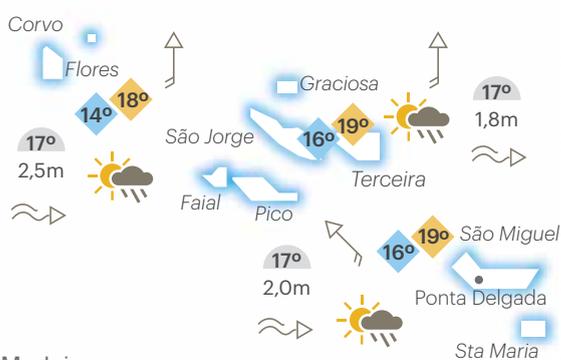
Estreia. A cadela Blue e o seu amigo (humano) Josh, estrelas da série didáctica, lúdica e interactiva q.b. *As Pistas da Blue e Tu*, saltam para um filme. A aventura começa quando Josh viaja para Nova Iorque pela primeira vez, com a bagagem cheia de sonhos e os amigos a seu lado, com o objectivo de participar numa audição para um musical da Broadway. Seguem-se muitos momentos de amizade, música, dança e, claro, o maior jogo de pistas de sempre.

Meteorologia

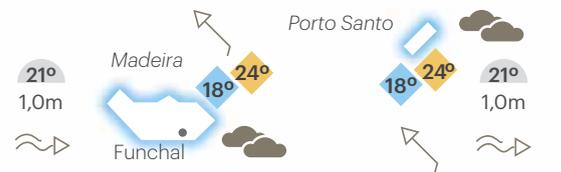
PORTUGAL



Açores



Madeira



MARÉS

| Preia-mar | | Baixa-mar | | *de amanhã | |
|-----------|--------|-----------|--------|------------|--------|
| Leixões | m | Cascais | m | Faro | m |
| | 11h53 | | 11h30 | | 11h24 |
| | 17h49 | | 17h26 | | 17h26 |
| | 00h04* | | 23h43 | | 23h42 |
| | 06h33* | | 06h11* | | 06h06* |

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

| Domingo, 30 | Segunda-feira, 1 | Terça-feira, 2 |
|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| 14° | 16° | 17° |
| 26° | 28° | 31° |
| Índice UV Muito alto | Índice UV Muito alto | Índice UV Muito alto |
| Vento Moderado | Vento Fraco | Vento Fraco |
| Humidade 57% | Humidade 55% | Humidade 40% |

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havaí
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

| | |
|-------------------|--------|
| Semana de 16 Abr. | 423,65 |
| Semana de 9 Abr. | 422,88 |
| Há um ano | 420,65 |
| Há dez anos | 399,50 |

Nível de segurança 350
Nível pré-industrial 280

QUALIDADE DO AR

| Portugal | Porto | Coimbra | Lisboa | Évora | Faro |
|-----------|-------|----------|--------|----------|----------------|
| | | | | | |
| Excelente | Mau | Razoável | Mau | Razoável | Não é saudável |
| | | | | | Perigoso |

SOL



LUA

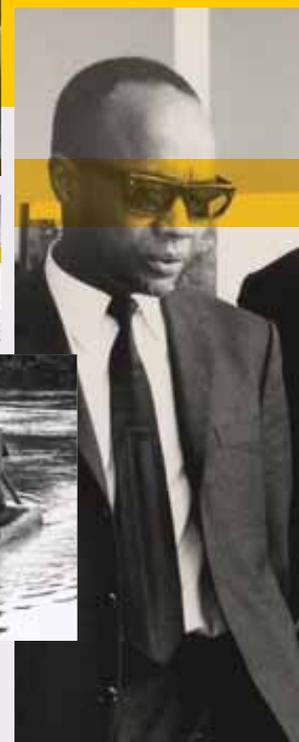


EUROPA



TEMPERATURAS OC

| | Min. | Máx. | | Min. | Máx. |
|-----------|------|------|----------------|------|------|
| Amsterdão | 6 | 15 | Roma | 12 | 22 |
| Atenas | 11 | 19 | Viena | 11 | 20 |
| Berlim | 5 | 15 | Bissau | 24 | 31 |
| Bruxelas | 8 | 14 | Buenos Aires | 20 | 25 |
| Bucareste | 5 | 18 | Cairo | 14 | 24 |
| Budapeste | 7 | 17 | Caracas | 19 | 29 |
| Copenhaga | 3 | 14 | Cid. do Cabo | 12 | 18 |
| Dublin | 10 | 17 | Cid. do México | 10 | 28 |
| Estocolmo | 2 | 10 | Dili | 22 | 31 |
| Frankfurt | 8 | 16 | Hong Kong | 20 | 29 |
| Genebra | 10 | 18 | Jerusalém | 8 | 16 |
| Istambul | 7 | 16 | Los Angeles | 13 | 25 |
| Kiev | 6 | 16 | Luanda | 25 | 30 |
| Londres | 8 | 18 | Nova Deli | 23 | 33 |
| Madrid | 12 | 26 | Nova Iorque | 10 | 12 |
| Milão | 14 | 21 | Pequim | 10 | 25 |
| Moscovo | 3 | 14 | Praia | 23 | 30 |
| Oslo | 0 | 11 | Rio de Janeiro | 21 | 26 |
| Paris | 10 | 19 | Riga | 8 | 14 |
| Praga | 9 | 17 | Singapura | 25 | 32 |



O Mundo de

Amílcar Cabral

Um homem que conduziu a luta pela libertação de duas nações e levou a causa anticolonial à esfera internacional.

Não perca a série de artigos, todos os domingos no P2 e em publico.pt

COM O APOIO:



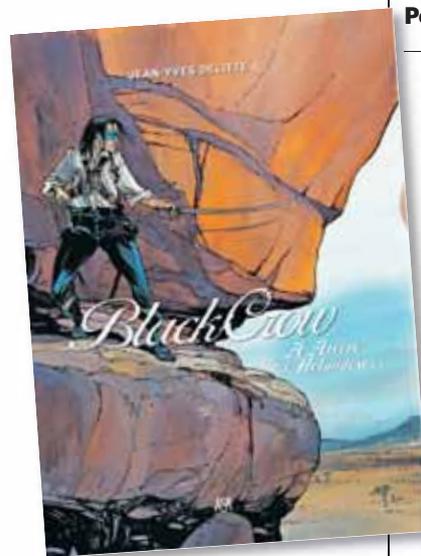
Público

Iniciativas

Agenda

Quarta-feira, 3 Coleção Black Crow Vol. 3 — A Árvore dos Holandeses

A nova BD PÚBLICO/ASA traz um corsário ameríndio com passado sombrio e uma coragem inabalável que percorre o mundo conhecido do século XVIII, enfrentando inimigos temíveis e correndo enormes perigos. Black Crow é o protagonista desta série em seis álbuns de capa dura, inéditos em Portugal.



Sábado, 6 Coleção Biblioteca P Vol. 10 — Charneca em Flor, de Florbela Espanca

O PÚBLICO desafiou os seus leitores a criarem a sua própria colecção, e apresentou-a agora no seu 33.º aniversário. Uma selecção de grandes obras e grandes autores, livros fora de série, numa colecção feita pelos leitores e para os leitores.



A aventura africana de Black Crow chega ao fim

Banda Desenhada

Coleção Black Crow Álbum 3 — A Árvore dos Holandeses Quarta-feira, 3 de Maio Por +10,90€

Black Crow continua na África Negra, acompanhado por Van Steenvoorde, manietado pelo acordo que ambos fizeram: ele e a sua tripulação têm de ajudar o flamengo a encontrar um hipotético tesouro, para que, depois disso, o idoso liberte Jack, o irmão da sua falecida amada. Depois de ter libertado a sua tripulação, o herói persegue Van Steenvoorde através da savana. Obcecado pela caça ao tesouro, o velho flamengo acaba por encontrar a famosa Árvore dos Holandeses, junto da qual os seus homens se preparam para montar o acampamento. De súbito, surgindo de surpresa, guerreiros

mascarados massacram sem piedade os mercenários. Apenas um reduzido número de homens consegue salvar-se graças ao astrolábio que Van Steenvoorde traz ao pescoço. Fiel aos seus compromissos, e correndo enormes perigos, Black Crow consegue libertar o seu comandante das garras dos seus raptos. Acontece que o velho louco, mais preocupado com as riquezas que poderão existir na misteriosa cidade em que foi aprisionado, acaba por perder a vida e a cabeça. Insensível à imortalidade que lhe é oferecida, traído e desde agora completamente só, Black Crow dirige-se para o *Revenge* com o objectivo de alcançar o mar e afastar-se de vez deste país onde ficaram enterradas as suas últimas ilusões.

Em termos necessariamente resumidos, é este o enredo de *A Árvore dos Holandeses*, terceiro álbum da colecção de BD *Black Crow* (texto e desenho de Jean-Yves Delitte) – desenvolvida no âmbito da parceria PÚBLICO-Edições ASA –, que será distribuído com

o jornal na próxima quarta-feira.

Com este álbum, termina o “dípico africano” das aventuras de Black Crow, inquestionavelmente propício à realização de pranchas e sequências de grande beleza gráfica. Nesse particular, o autor não deixa os seus créditos em mãos alheias, com os ambientes africanos a atingirem uma expressão culminante – ou não fosse o desenho o elemento maior do trabalho criativo do artista belga. Ainda assim, é possível detectar algumas diferenças (mínimas, é certo) na qualidade do grafismo de algumas pranchas (em particular, nas duplas pranchas), e isso traduz-se numa menor fluidez de cenas que habitualmente constituem os melhores exemplos de qualidade, como é o caso das dinâmicas sequências de combate.

Do lado do argumento, este álbum surpreende pelo aparecimento de uma comunidade que ninguém esperaria em tais paragens. Sem retirar aos leitores o prazer dessa descoberta inesperada, pode acrescentar-se

que ela exala o “perfume” de um anacronismo temporal, mas sem parecer de todo inverosímil, tendo em conta o facto de o criador da série não ser conhecido por falta de audácia narrativa.

É pena que Delitte não tenha ido mais longe no desenvolvimento da história desse povo no coração de África, mostrando-se, pelo contrário, mais interessado em explorar o universo das principais personagens. Também neste particular, é Black Crow quem leva a palma, pois ficamos a conhecer aspectos importantes do seu passado, em detrimento da superficialidade psicológica dos seus interlocutores e antagonistas.

Nada do que ficou dito compromete a compreensão da história e, o que é ainda mais importante, a qualidade global do álbum e da série. “Mal” habituados, os apreciadores de Delitte têm tendência a examinar o seu trabalho com um grau de exigência e rigor que talvez não sejam tão evidentes em outras obras... **Carlos Pessoa**

Além do silêncio e do escândalo

Livros

Col. Biblioteca P 10.º volume — Charneca em Flor, de Florbela Espanca Sábado, 6 de Maio Por +10,90€

Para assinalar o seu 33.º aniversário, o PÚBLICO desafiou os seus leitores a criarem a sua própria colecção, uma colecção que reflectisse o que mais gostam de ler. Assim nasceu a *Biblioteca P*, que ao longo das últimas nove semanas celebrou a literatura, trazendo aos leitores os seus títulos favoritos, obras nacionais e internacionais, que marcaram gerações e, em alguns casos, verdadeiros clássicos. É o caso da obra escolhida para encerrar a colecção: *Charneca em Flor*, de Florbela Espanca, livro que substitui *Morte no Verão*, de Yukio Mishima, para

o qual, por motivos alheios ao PÚBLICO e à editora A Bela e o Monstro, não foi possível obter a autorização de distribuição.

Nascida em Vila Viçosa, a 8 de Dezembro de 1894, Florbela Espanca é uma das mais reconhecidas poetisas nacionais e para isso em muito contribuiu a publicação póstuma de *Charneca em Flor*. “*Charneca em Flor* foi a obra que a projectou postumamente para a fama. Saiu em Janeiro de 1931, com uma segunda edição vinda a lume ainda no mesmo ano. Desde então, foi integrada em sucessivas edições dos *Sonetos Completos*. Embora *Charneca em Flor* só tenha voltado a ser publicada individualmente uma única vez até hoje, numa edição da Estampa em 2013, esta obra constitui um momento culminante na trajetória de Florbela como escritora, ao privilegiar o empoderamento feminino a vários níveis”, escreve

Cláudia Pazos Alonso no prefácio do volume, que na próxima semana é editado com o PÚBLICO.

Apesar dos esforços para submeter a obra de Florbela – a quem António Ferro, num editorial do *Diário de Notícias* apelidaria de “poetisa-poeta” numa tentativa de “valorização” do seu talento pela sua masculinização – a “um processo disciplinar pela moral vigente” do regime de então, é evidente o seu carácter profundamente pagão, sexual e feminino. “*Charneca em Flor* (1931) perdura como o ponto cimeiro da trajetória poética da autora. A monja, máscara emblemática adotada no poema de abertura de *Livro de ‘Soror Saudade’*, é agora rejeitada a favor de uma postura resolutamente pagã, que propicia o agenciamento feminino. A charneca, já anteriormente convocada nesse livro de 1923 no belíssimo ‘Esfinge’, passa agora a remeter no pórtico de *Charneca em Flor* para a

autodefinição de Florbela como sujeito claramente sexual: “Olhos a arder em êxtases de amor / (...) Sou a charneca rude a abrir em flor!” O desabrochar da natureza converte-se assim em metáfora do florescimento do corpo feminino”, explica Pazos Alonso. “Irrompendo dos bastidores, funcionando à margem, mas sintomaticamente legível no âmbito quer formal quer temático, *Charneca em Flor* assenta num ímpeto criador que permanece fertilizado ao nível mais profundo pela necessidade de sobrevivência literária feminina. Esta colectânea constitui seguramente um dos pontos altos da moderna poesia portuguesa. Muito para além do silêncio e do escândalo, a voz e a subjectividade de Florbela Espanca continuam, assim, a ecoar no tempo como um desafio incontornável à supremacia masculina histórica do cânone português”, conclui a investigadora e docente universitária.

Dona Flor e Seus Dois Maridos, por Paloma Amado

Opinião



Paloma Amado

Sento para escrever um prefácio para a edição especial do romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, escolhido por leitores do PÚBLICO como um de seus preferidos e que sai hoje na coleção Biblioteca P, do jornal. Geralmente, um prefácio é feito por pessoa de saber acadêmico. Não tenho esse perfil, não me doutorei em nada, apenas acompanhei, por mais de meio século, Jorge Amado e Zélia Gattai, meus pais, privilégio que me deu um certo “notório saber” em se tratando deles. Além disso, fiz dois trabalhos de vulto, a fixação de texto de toda a obra de Jorge Amado e a pesquisa sobre o comer e o beber em seus romances, tendo publicado dois livros a respeito.

Foi no início dos anos 60 que nos mudámos do Rio de Janeiro para a Cidade do Salvador. Com a venda dos direitos do livro *Gabriela, Cravo e Canela* para o cinema, papai pôde realizar o sonho antigo de comprar uma casa na Bahia. Levou os filhos adolescentes para uma vida mais saudável e livre na sua terra, reencontrou velhos amigos e também os recentes, artistas das mais diversas áreas e a gente do povo, tão chegados que eram. Pessoas que frequentavam a casa vinham a cada semana para as domingueiras, como chamávamos as tertúlias das manhãs de domingo, regadas a água de coco e batidas de frutas, com Dona Viturina fritando acarajés na varanda. A casa, construída com o dinheiro do imperialismo americano – segundo papai, já que os direitos foram comprados pela Metro Goldwyn Mayer! –, logo se transformou no ponto de encontro dos intelectuais da terra e de todos os que chegavam

de fora para visitar, e eram tantos...

Olho a nossa casa no bairro do Rio Vermelho, onde hoje funciona o mais belo museu que possam imaginar, e vejo nela o ninho necessário para a criação de um romance tão belo e livre como foi *Dona Flor*. Com o seu jardim de frutas e flores, cheio de animais que o casal adorava – gatos, cães, papagaio, siriema, os sagüis que vinham por conta própria... Tinha também as saídas diárias com o amigo de infância Mirabeau e o pintor e compadre Carybé. Juntos caminhavam pelas ruas da cidade olhando as modas. Se Caymmi estava em Salvador, o quarteto ficava completo.

Numa dessas saídas, papai mostrou a Mirabeau uma placa na frente de uma casa. Dizia: “Escola de Culinária Sabor e Arte.” Confidenciava ao amigo que um livro amadurecia em sua cabeça, a placa tinha resolvido uma questão, sua personagem seria professora de arte culinária. Pediu a Mirabeau, que conhecia todo mundo da cidade, para descobrir de quem era a escola e se ele poderia usar o nome criado por ela. Dona Edna Leal, quituteira de mão-cheia, não se importou, ainda mais porque sua mãe era prima da mãe do escritor, enfim, mesmo distantes, eram parentes.

Estava sendo gestado o livro *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, o primeiro a ser escrito no retorno à Bahia. Uma mesa de armar foi montada entre a varanda aberta e a varanda coberta, com o gato siamês *Nacib* se fazendo de peso de papel sobre os originais. Mamãe, que na época ainda não escrevia, mas já era uma fotógrafa de mão-cheia, se esbaldava em clicar seu modelo favorito em plena criação. Ela também era a leitora privilegiada, que ia conhecendo a história à medida de sua criação, pois passava a limpo o texto depois de muito revisto e rabiscado.

Quando achava que o texto já



Jorge Amado escrevendo *Dona Flor*, com o auxílio do gato Nacib



estava como queria, papai nos reunia em torno de uma mesa, cada um com uma cópia, ele lia em voz alta e nós acompanhávamos anotando nossas observações. Nós éramos mamãe, tio James, tia Luiza, meu irmão João e eu (com meus quatorze anos, era a primeira vez que me davam a chance de participar da importante tarefa). Mirabeau e Carybé, se estavam em nossa casa, também trabalhavam conosco.

Em certa altura da escrita de

Dona Flor, tio James (irmão mais novo de papai) reclamou que ele tinha colocado todos os amigos como personagens, com nome e sobrenome, muitas vezes com a profissão. As pessoas podiam se aborrecer, nem todos tinham no livro um caráter ilibado. Ninguém se aborreceu, mas papai respondeu ao irmão escrevendo um texto explicativo para abrir o livro, cujo título é: *Nariz de cera de amigos xeretas*. O amigo xereta era meu tio, é claro. Nele fala de como os seus personagens são todos fictícios, num tom de ironia que faz o leitor suspeitar de que não é bem assim. E realmente ele consegue transformar os amigos em personagens, às vezes até em dois. É o caso do tão citado José Mirabeau Sampaio, colega de curso primário de papai, amigo da vida inteira que, de *playboy* rico dos anos 30, transformou-se em pacato comerciante, além de grande escultor, na vida real. No romance virou Zequito Mirabeau e Seu Sampaio, marido de Dona Norma. Norminha, personagem quase tão importante quanto Flor, era a esposa de Mirabeau de verdade, e era tão formidável quanto a ficcional.

Em 1966, o livro foi publicado no

Brasil com imediato sucesso. Um exemplar mandado para Portugal foi entregue à censura. Para nossa surpresa, um livro de Jorge Amado era liberado para publicação na ditadura salazarista. Só recentemente tivemos acesso ao parecer do censor. Ele dizia: “Romance cem por cento brasileiro de índole muito maliciosa, em que são descritas algumas cenas pouco edificantes, se não imorais. Porém a beleza da prosa e a delicadeza com que são apresentadas as brejeirices forçam-nos a uma certa condescendência favorável na nossa apreciação. Uma vez ou outra aparece uma palavra obscena, o que aliás está muito em voga nos escritores da actualidade.

Atendendo à categoria literária do Autor e ao facto de o livro ser volumoso e caro, o que de certo modo só o torna acessível a adultos, e não a todos, proponho que este livro seja autorizado.” Tenho muita pena de papai não ter tido acesso a esse parecer em vida, teria adorado.

Papai dizia que apenas “quis fixar no livro aspectos do viver baiano e sorrir à custa de certas ambições e certos hábitos da pequena buguesia definitivamente sem jeito, de quando em vez eternecido com essa ou aquela figura torta, porém humana”. Livro de um grande humanista, assim vejo o romance *Dona Flor*. É de uma imensa simplicidade, ao mesmo tempo que lida com o tema complexo da escolha entre o que se deseja e o que é o padrão moral vigente. Não tenho dúvidas de tratar-se de um livro em favor da mulher e sua capacidade de ultrapassar os limites impostos pela sociedade. O antropólogo Roberto Da Matta diz que traz o ensinamento de que é possível simplesmente não escolher entre duas coisas. A escolha do não escolher! Acho uma conclusão perfeita.

Entretanto a moça baiana, firme em suas intenções e em seu amor, ganhou o mundo. Virou filme duas vezes, virou peça de teatro e musical em vários países. Foi série na televisão. Depois de 57 anos de seu nascimento, continua indo de ceca em meca contando do viver baiano. Recentemente aprendeu armênio e foi encantar coreanos e chineses em novas publicações. Hoje está sendo homenageada por seus devotos leitores portugueses nesta linda edição.

Boa leitura a todos.

Escritora, filha de Jorge Amado

Edição Ana Rita Ramos

Desporto Troca de “identidades” entre clubes separados por mais de 300km



Da Vila de baixo para a Vila de cima: como o Vilafranquense se transformou em Aves

No final da sua melhor temporada de sempre, o clube ribatejano vai ficar sem futebol profissional. Ao mesmo tempo, em 2023-24, a vila avense, que tinha uma equipa nas distritais, volta a estar na II Liga

Reportagem

Marco Vaza Texto Rui Gaudêncio, Nelson Garrido Fotografia

Estádio Municipal de Rio Maior, noite de segunda-feira. Completa-se a 30.ª jornada da II Liga entre União Desportiva Vilafranquense (UDV), quinto classificado, e Club Football Estrela da Amadora, segundo. Luta-se por um lugar no futebol de primeira em 2023-24, mais perto os amadores, mas os ribatejanos ainda acreditam. Da Amadora, chegam dezenas de ruidosos adeptos, que se instalam numa das bancadas superiores. Na central, não estarão mais do que 200, mas poucos estão identificados como adeptos da UDV – dois ou três cachecóis e um único equipamento. Zero bandeiras, nada de claque – e tinha uma bem fiel, os Piranhas do Tejo. A equipa de futebol da UDV pode estar a fazer a sua melhor época de sempre, mas os adeptos da terra já



“Raça ribatejana”

“Sempre unidos, venceremos” e “Raça ribatejana” são os lemas que rodeiam o relvado no Estádio Municipal de Rio Maior, que tem sido a casa emprestada da UDV desde 2019-20. Lemas que apelam ao orgulho dos adeptos da equipa ribatejana, mas havia poucos a sentir esse orgulho nos dois jogos desta época a que o PÚBLICO assistiu – com o Moreirense, a 29 de Janeiro, e com o Estrela, a 17 de Abril, cinco dias depois do 66.º aniversário da fundação do clube. Ouve-se o hino no sistema sonoro, o animador bem tenta dar alguma emoção à coisa, mas só os adeptos visitantes é que fazem barulho. Dos da casa, pouco ou nada se ouve, a não ser quando a bola já rola. Aí, a bancada ganha alguma vida. Questionam-se opções técnicas, lamentam-se falhanços, reclamam-se más decisões do árbitro.

Em dia de jogo, o Municipal de Rio Maior é quase um estádio-fantasma, mas esta equipa ainda tem os seus fiéis, como Adriano Sousa, um antigo dirigente do clube que ainda não conseguiu desligar-se. “Não deixo de ir ver o meu clube. Ainda está lá o símbolo. Sei que a maioria dos adeptos está em ruptura, estão desligados, mas eu não consigo. Só quando a época acabar e eles se forem embora. E tenho quase a certeza que vai subir de divisão”, contava ao PÚBLICO após um jogo em que a UDV perdeu com o Moreirense (1-2) no final de Janeiro.

Já nessa altura a separação era um dado adquirido. Em Dezembro do ano passado, os sócios do Vilafranquense votaram em assembleia geral (AG) pela venda da participação de 10% da SAD que o clube detinha ao accionista maioritário da sociedade, a Números Mouriscos Unipessoal Lda., propriedade do empresário brasileiro Rubens Takano Parreira. Publicamente, ninguém assumiu valores para o negócio, mas quem esteve nessa AG diz que essa venda só foi aprovada graças à inscrição de futebolistas e respectivos familiares como sócios – a verba será paga através de um contrato de patrocínio da SAD ao clube, com uma duração de três anos, com um valor a rondar os 198 mil euros.

“Nessa assembleia, foram inscritos como sócios os jogadores do plantel, os familiares, dirigentes, motoristas, para poderem votar”, garante ao PÚBLICO David Inácio, sócio da UDV e fundador dos Piranhas do Tejo, um daqueles adeptos que são activistas, sabem tudo o que se passa e que têm sempre muitas perguntas. “Sim, os estatutos permitem isso. Mas foi tudo muito pouco transparente e

sabem que, daqui a um mês, irão ficar sem futebol profissional em Vila Franca de Xira. Esta já não é a equipa deles.

Já há muito que se sabia que a SAD da UDV ia deixar a cidade ribatejana com vista para o Tejo, mas ainda não se sabia para onde ia. Ficou a saber-se no final da semana passada que o futebol da UDV vai mudar-se para a Vila das Aves, a norte do Douro, a mais de 300 quilómetros. Esta freguesia de Santo Tirso voltará a ter futebol profissional três anos depois dos imbróglis que acabaram com o Clube Desportivo das Aves, refundado como CD Aves 1930 e a competir há três anos nas Distritais da Associação de Futebol (AF) do Porto. E, assim, uma equipa com Aves (que será Aves Futebol SAD) no nome salta directamente da Divisão de Honra da AF Porto para a II Liga (ou para a primeira, que ainda é possível, mas muito difícil), enquanto a UDV desce vertiginosamente da II Liga para a última divisão do futebol distrital da AF Lisboa – e não é claro que vá competir já a partir da próxima época.

Não há aqui nenhuma fusão de clubes, como explicou Henrique Sereno, antigo central internacional português e presidente da SAD vilafranquense. “Nós vamos alugar o estádio do CD Aves e vamos jogar como Aves Futebol SAD”, disse Sereno à Sport TV no dia em que a mudança foi anunciada. A sociedade paga uma verba para usufruir do estádio (que é propriedade do clube), leva para lá o futebol profissional e respectiva licença para competir na II Liga, e também a licença para competir no campeonato de juniores, além de se comprometer a fazer obras de melhoramento no recinto.

No fundo, era um estádio que a SAD queria e que Vila Franca não tinha. O velhinho Campo do Cevadeiro (inaugurado em 1957) não tinha condições para receber jogos de competições profissionais e o projecto de construção/renovação do estádio (que é municipal) nunca avançou até agora – em Junho de 2021, chegou a ser aprovado em reunião de câmara um empréstimo de 2,65

milhões de euros para se avançar com a obra. Com as eleições autárquicas em Setembro de 2021, entrou um novo presidente, Fernando Paulo Ferreira (do PS, tal como o anterior autarca, Alberto Mesquita), mas a obra continua envolvida em burocracia que, aos olhos dos adeptos, parece interminável.

Depois de confirmada a mudança da SAD para a Vila das Aves, o presidente da Câmara de Vila Franca reiterou, em reunião da autarquia, a intenção de avançar com a obra, mas sem dar prazos. “A saída da SAD não põe em causa a requalificação do complexo desportivo. Agora, temos de articular com o clube”, garantiu o antigo deputado. Até ver, o Cevadeiro vai continuar no mesmo sítio, à porta de Vila Franca, com o Tejo de um lado e a EN 10 do outro, um relvado principal e um secundário, com contentores a servir de apoio ao recinto. Foram estruturas provisórias durante quatro anos. Agora, sairão dali até ao último dia de Junho.

A UDV durante o jogo com o Moreirense, na II Liga, em Rio Maior, a 50km de Vila Franca de Xira, onde fez os seus jogos em casa desde 2019-20

Apesar de estar a fazer a melhor época de sempre, são poucos os adeptos que assistem aos jogos da UDV em casa. No final da época, esta equipa vai embora

Desporto Troca de “identidades” entre clubes separados por mais de 300km

eu disse isso na AG, que não admitia que pessoas inscritas há 20 dias estivessem ali ao lado de quem é sócio há 40 ou 50 anos”, refere.

A lealdade de David Inácio é com o clube que foi fundado em 1957, não com a SAD que chegou no final de 2019. O clube é o coração desportivo da cidade de Alves Redol, com tradição em várias modalidades, sobretudo no hóquei em patins. No futebol, até 2019, só tinha estado uma vez na II Divisão (1987-88) numa vida inteira passada entre a III Divisão e o futebol distrital. No ano em que a SAD foi criada, 2013, a UDV andava nos distritais de Lisboa. Seis anos depois, os ribatejanos celebraram a chegada aos campeonatos profissionais.

E foi a meio dessa época que entrou um novo investidor na SAD para assumir o controlo (pagou 1,8 milhões) e pagar dívidas deixadas por Luiz Stefan de Andrade (que também esteve ligado aos melhores e piores momentos do Desportivo das Aves). “Apanhámos uma SAD que devia a meio Portugal. Reestruturámos e liquidámos todas as dívidas, fizemos de uma SAD devedora uma SAD cumpridora”, disse Sereno na entrevista à Sport TV – o PÚBLICO tentou falar com o antigo internacional português e foi feito um pedido formal de entrevista que nunca teve resposta. Mas a falta de condições no Cevadeiro fez com que esta equipa nunca jogasse em Vila Franca.

No início, os adeptos e a claqué ainda seguiram a equipa para Rio Maior, mas, quatro anos depois, esse apoio é residual, para não dizer inexistente (nos quatro anos de II Liga, a UDV esteve sempre nos três últimos lugares em termos de assistência), sobretudo depois do anúncio na AG de que a SAD iria sair “a bem ou a mal”. O último elo que ligava a sociedade à cidade quebrou-se na tal votação em AG para a venda dos tais 10%. E a UDV entra para a lista daqueles clubes estrangulados por dívidas gigantes e obrigados a refundarem-se para não deixarem de existir. O seu futebol vai recomeçar a partir da base da pirâmide, mas, pelo menos, volta a ser de Vila Franca. Aconteça isso quando acontecer.

“Maior vila do futebol português”

Estádio do Clube Desportivo das Aves, tarde de sábado. Joga-se a 9.ª jornada da fase de manutenção da Divisão de Honra da AF Porto (segundo escalão distrital). O líder CD Aves 1930 recebe o Sport Club Nun’Álvares, sexto classificado, e o resultado final reflecte bem a diferença classificativa entre os dois, 3-1 para a equipa da “maior vila do futebol português”. Esta



equipa, feita quase só de rapazes da terra, está a fazer os seus últimos jogos. Quando a época acabar, esta equipa de futebol que responde pelo nome de CD Aves 1930 deixa de existir e dará lugar ao novo inquilino deste estádio com relvado impecável, o Aves Futebol SAD.

Foi uma decisão votada em AG pelos sócios do CD Aves. Poucos votaram contra, quase todos votaram a favor de arrendar o estádio à SAD de Sereno durante dez anos, que pagará 2000 euros por mês. “Sinto que vendi o meu pai”, diz ao PÚBLICO Vítor Rebelo, um dos sócios que votaram a favor. Mas com muitas reservas, justificando o seu voto como resposta ao apelo da direcção do clube, que apresentou este plano como única solução possível para salvar o futebol na vila – o CD Aves 1930 está impedido pela FIFA de inscrever jogadores por dívidas.

Na Vila das Aves, os adeptos sentem-se “pisados com a palavra SAD”. Ainda pairam os fantasmas das SAD passadas que conduziram o Desportivo das Aves à ruína total, depois de um período que, desportivamente, teve uma conquista inigualável na história do clube: em pleno Jamor, a “maior vila do futebol” português ganhou a final da Taça de Portugal, com um triunfo, por 2-1, sobre um Sporting destruído pela invasão a Alcochete.

Em Vila das Aves, a “maior vila do futebol português”, o CD Aves 1930 cumpre os últimos jogos nos campeonatos distritais. Em 2023-24, terá uma equipa chamada Aves Futebol SAD na II Liga

O CD Aves 1930 tem os seus adeptos fiéis, que se juntam na “curva” habitual para puxar pela equipa e beber umas cervejas

“Nunca se viu um pano como aquele”, recorda ao PÚBLICO Marco Costa, homem da terra e um dos milhares que fizeram a viagem de Vila das Aves até ao Estádio Nacional, para exibir um pano gigante com as cores, o emblema do seu Desportivo das Aves e o ano da fundação, 1930.

Esse foi o ponto alto de três épocas em que o CD Aves se manteve na I Liga, duas delas relativamente tranquilas, a terceira um desastre. A tranquilidade desportiva escondia uma realidade bem diferente que foi impossível de ignorar em 2019-20. No relvado, a equipa não teve argumentos para evitar a despromoção e, assim que

acabou a época, sucederam-se as rescisões unilaterais de jogadores por salários em atraso. Não conseguiu licenciamento para competir na II Liga, também abdicou de competir no Campeonato de Portugal, e a SAD foi declarada insolvente, com mais de 17 milhões de euros de dívidas e mais de uma centena de credores.

Os adeptos não deixaram o clube morrer. O CD Aves foi refundado como CD Aves 1930 e passou a competir na II Divisão da AF Porto, quarto e último escalão do futebol distrital. Logo nessa época, subiu um degrau. É com um equipamento a celebrar essa temporada que Marco Costa se apresenta para mais uma tarde de futebol na Vila das Aves, antecedida por um par de horas a conversar com os amigos no Café Grande Área, a poucos metros do estádio e decorado com testemunhos de passados recentes e distantes – camisolas, fotografias, recortes de jornais e bilhetes antigos. Indicam-nos que ele foi um dos dois ou três sócios que, na AG, votou contra esta solução de arrendar o estádio à SAD que vem de Vila Franca por 2000 euros por mês – diz-se que Vizela e Rio Ave, para lá terem os jogos das suas equipas de sub-23, pagavam mais.

“Somos um senhorio que não vai ter nada a dizer. Se esta SAD desistir, não podemos fazer nada. Esta não





era a única solução”, aponta. Ele não sente este Aves Futebol SAD como o seu clube. “Tenho aqui os meus amigos, esta é a minha curva, vai ser sempre a minha curva. Sim, isto vai ser bom para a vila, mas não vou sentir que este é o meu clube”, reforça. Vítor Rebelo, o seu parceiro de bancada que votou com a maioria pelo acordo, diz que vai ter saudades do futebol distrital. “Foram épocas de categoria, futebol na sua essência, de amigos e de copos. Com as SAD, o futebol ficou pornográfico”, lamenta.

À hora do jogo, Marco Costa e Vítor Rebelo são dois entre várias dezenas numa das bancadas superiores do estádio, onde está a claque Força Avense. Este será um dos últimos jogos da equipa de futebol do CD Aves 1930 – a equipa da casa ganhou por 3-1, seguindo-se três dias depois uma vitória, por 2-1, sobre o FC Lagares. Está mais do que assegurada a manutenção na Série 4 da Divisão de Honra da AF Porto, mas, nesta altura do campeonato, com o fim já decretado, joga-se pela honra e pelos fiéis que estão na bancada.

No final do jogo com o Nun'Álvares, todos os jogadores vão à curva para cumprimentar os adeptos e há ali uma tremenda familiaridade, uma cumplicidade, a fazer justiça a um dos lemas do clube, “Juntos venceremos”. O que ficará do CD Aves é o futsal e o

basquetebol. Todo o futebol, incluindo a formação, será do Aves Futebol SAD, e é pouco provável que algum destes jogadores passe para a nova equipa – talvez alguns sejam integrados numa eventual equipa de sub-23, mas dificilmente serão considerados para um plantel que jogará na II Liga e com ambições de subir.

É esse o plano de Henrique Sereno. “Vamos voltar a ter esta vila onde merece estar. É uma vila que passou por momentos complicados. Vai voltar a ter pessoas com vontade de chegar à I Divisão e, depois, à Liga Europa”, foi o que Sereno disse no dia em que se confirmou a Vila das Aves como o destino da SAD. Podia ter sido Espinho, mas a construção do estádio municipal também se atrasou e essa solução não avançou.

O PÚBLICO sabe que foram dezenas os clubes que quiseram associar-se à SAD que estava de saída de Vila Franca, alguns deles com história no futebol português, mas esta foi a solução encontrada porque a ideia era fazer uma coisa diferente do que fez, por exemplo, a B-SAD com o Cova da Piedade – que foi uma fusão, com o clube a ficar com 10% da sociedade, voltando a ter uma equipa na II Liga ou na Liga 3, dependendo de como a B-SAD terminar a época. No caso do Aves Futebol SAD, o clube é apenas um senhorio que vai receber renda,

sem qualquer participação na sociedade e sem qualquer poder de decisão – nem sequer terá uma palavra a dizer no que diz respeito ao novo emblema, sendo que as cores, como Sereno já afirmou publicamente, serão vermelho e branco, que também são as cores da UD Vilafranquense.

Destinos cruzados

São estes os destinos cruzados de União Desportiva Vilafranquense, fundada em 1957, e Clube desportivo das Aves, fundado em 1930. O primeiro volta a ser dono do seu futebol, depois da sua melhor época de sempre (segue em 7.º lugar da II Liga, com 41 pontos, antes do confronto deste sábado com o Torreense), e os adeptos da cidade já podem voltar a ir a pé até ao Campo do Cevadeiro para verem os jogos em casa nos campeonatos distritais de Lisboa, uma equipa que será feita de gente da terra e sem outra motivação que não seja jogar pela terra. O segundo deixa de ter controlo sobre o seu próprio futebol, a equipa que o representava deixa de existir, mas a vila volta a ter futebol profissional com ambições de ir longe.

“Para mim, o futebol que faz sentido é rua contra rua, bairro contra bairro, cidade contra cidade. A partir do momento em

que se desloca uma equipa da sua cidade, estamos a subverter o futebol. Nós queremos jogar em Vila Franca, seja nas distritais ou na II Liga”, reforça David Inácio. Mas ainda não é certo sequer que o clube, liderado por uma comissão administrativa desde 2011, tenha futebol em 2023-24. Há dívidas a rondar o milhão de euros, o que é demasiado pesado para um clube que tem de recomeçar do zero.

O PÚBLICO tentou, sem sucesso, entrar em contacto com o líder da comissão administrativa, Márcio Oliveira, que se tem recusado a dar entrevistas. Mas a intenção será mesmo a de inscrever equipas em todos os escalões de formação e nos seniores. Foi isso que foi comunicado a todos os que trabalham na formação da UDV e que os atletas que estavam nos escalões inferiores podem continuar ligados ao clube, de acordo com um primeiro parecer da AF Lisboa. Também está em estudo a possibilidade de substituir o relvado natural do Cevadeiro por um sintético e a SAD poderá manter-se lá até ao último dia de Junho, ao contrário do que chegou a ser pedido em reunião de câmara, que era antecipar a saída da sociedade liderada por Sereno.

Neste momento, a UDV não pode ter contas bancárias e não pode beneficiar de subsídios camarários. A solução será a refundação, como foi votado na AG de Dezembro passado, com o novo clube a assumir-se como herdeiro do antigo emblema, nas cores e na história. Mas sem dívidas? E haverá mesmo um clube herdeiro? “É tudo obscuro. Eu aceitaria vender o futebol, se isso resolvesse os problemas financeiros do Vilafranquense. Vamos ficar sem o futebol e vamos ficar com a dívida. O que é que ganhamos com isso?”, questiona o líder dos Piranhas do Tejo, que ainda acredita “que haja justiça em Portugal” e que o negócio “não vá para a frente sem ter consequências”.

A norte, na Vila das Aves, vão existir duas entidades desportivas, o Aves Futebol SAD e o Clube Desportivo das Aves 1930, uma com o futebol, a outra com o futsal, o basquetebol, os sócios, a história e o património – estádio, pavilhão e todos os troféus que conquistou, incluindo o da conquista no Jamor em 2018, que esteve em leilão e que foi resgatado pela Câmara Municipal de Santo Tirso por 30 mil euros e devolvido ao clube. Marco Costa, o tal sócio que votou contra, vai continuar a ser do clube que ganhou essa taça e que teve a sua equipa feminina de voleibol a jogar em Cannes, na Taça Challenge, como lembrou. Depois do futebol, o seu sábado desportivo na vila vai continuar. “Agora, vou ver o futsal.”



Foram épocas de categoria, futebol na sua essência, de amigos e de copos. Com as SAD, o futebol ficou pornográfico

Vítor Rebelo
Sócio do CD Aves 1930

Desporto

II Liga

Jornada 30

| | | | | | | |
|------------------------|--|--|--|--|--|-------------------------|
| Rio Ave-Arouca | | | | | | 1-0 |
| Marítimo-Vitória SC | | | | | | 15h30, SPTV |
| Sp. Braga-Portimonense | | | | | | 15h30, SPTV |
| Desp. Chaves-Casa Pia | | | | | | 18h, SPTV |
| Vizela-Paços Ferreira | | | | | | 18h, SPTV |
| Gil Vicente-Benfica | | | | | | 20h30, SPTV |
| Estoril-Santa Clara | | | | | | dom, 15h30, SPTV |
| FC Porto-Boavista | | | | | | dom, 18h, SPTV |
| Sporting-Famalicao | | | | | | dom, 20h30, SPTV |

| | J | V | E | D | M-S | P |
|-----------------|----|----|----|----|-------|----|
| 1 Benfica | 29 | 24 | 2 | 3 | 69-17 | 74 |
| 2 FC Porto | 29 | 22 | 4 | 3 | 62-19 | 70 |
| 3 Sp. Braga | 29 | 22 | 2 | 5 | 62-24 | 68 |
| 4 Sporting | 29 | 19 | 4 | 6 | 59-27 | 61 |
| 5 Arouca | 30 | 13 | 9 | 8 | 33-34 | 48 |
| 6 Famalicao | 29 | 13 | 3 | 13 | 33-37 | 42 |
| 7 Vitória SC | 29 | 12 | 5 | 12 | 27-35 | 41 |
| 8 Vizela | 29 | 11 | 6 | 12 | 32-30 | 39 |
| 9 Casa Pia | 29 | 11 | 6 | 12 | 27-33 | 39 |
| 10 Rio Ave | 30 | 10 | 8 | 12 | 31-35 | 38 |
| 11 Boavista | 29 | 10 | 7 | 12 | 36-48 | 37 |
| 12 Desp. Chaves | 29 | 9 | 10 | 10 | 29-34 | 37 |
| 13 Portimonense | 29 | 10 | 3 | 16 | 22-35 | 33 |
| 14 Gil Vicente | 29 | 8 | 7 | 14 | 26-34 | 31 |
| 15 Estoril | 29 | 7 | 4 | 18 | 23-45 | 25 |
| 16 Marítimo | 29 | 6 | 4 | 19 | 26-54 | 22 |
| 17 P. Ferreira | 29 | 4 | 5 | 20 | 21-51 | 17 |
| 18 Santa Clara | 29 | 3 | 7 | 19 | 19-45 | 16 |

Próxima jornada

Casa Pia-Portimonense, Boavista-Estoril, Santa Clara-Gil Vicente, Marítimo-Rio Ave, Benfica-Sp. Braga, Vitória SC-Vizela, P. Ferreira-Sporting, Arouca-FC Porto, Famalicao-Desp.Chaves

II Liga

Jornada 30

| | | | | | | |
|--------------------------|--|--|--|--|--|-------------------------|
| Oliveirense-E. Amadora | | | | | | 1-2 |
| Feirense-Farense | | | | | | 11h, SPTV |
| Vilafranquense-Torreense | | | | | | 11h, SPTV |
| Moreirense-Tondela | | | | | | 14h, SPTV |
| Leixões-Mafra | | | | | | dom, 11h, SPTV |
| B SAD-Sp. Covilhã | | | | | | dom, 11h, SPTV |
| FC Porto B-Nacional | | | | | | dom, 12h45, PC |
| Penafiel-Benfica B | | | | | | dom, 14h, SPTV |
| Trofense-Ac. Viseu | | | | | | dom, 15h30, SPTV |

| | J | V | E | D | M-S | P |
|------------------|----|----|----|----|-------|----|
| 1 Moreirense | 29 | 19 | 7 | 3 | 59-29 | 64 |
| 2 E. Amadora | 30 | 15 | 14 | 1 | 47-26 | 59 |
| 3 Farense | 29 | 16 | 6 | 7 | 48-32 | 54 |
| 4 Ac. Viseu | 29 | 13 | 10 | 6 | 46-37 | 49 |
| 5 Feirense | 29 | 10 | 12 | 7 | 35-29 | 42 |
| 6 FC Porto B | 29 | 11 | 8 | 10 | 40-35 | 41 |
| 7 Vilafranquense | 29 | 11 | 8 | 10 | 38-31 | 41 |
| 8 Torreense | 29 | 12 | 4 | 13 | 31-31 | 40 |
| 9 Tondela | 29 | 8 | 15 | 6 | 32-27 | 39 |
| 10 Oliveirense | 30 | 9 | 10 | 11 | 42-42 | 37 |
| 11 Mafra | 29 | 9 | 10 | 10 | 38-43 | 37 |
| 12 Leixões | 29 | 9 | 9 | 11 | 31-37 | 36 |
| 13 Penafiel | 29 | 8 | 11 | 10 | 32-35 | 35 |
| 14 Benfica B | 29 | 8 | 8 | 13 | 45-51 | 32 |
| 15 Nacional | 29 | 7 | 8 | 14 | 28-41 | 29 |
| 16 B SAD | 29 | 7 | 6 | 16 | 34-54 | 27 |
| 17 Trofense | 29 | 6 | 6 | 17 | 25-47 | 24 |
| 18 Sp. Covilhã | 29 | 5 | 6 | 18 | 24-47 | 21 |

Próxima Jornada Torreense-Trofense, Leixões-B SAD, Mafra-Vilafranquense, Tondela-Feirense, Sp. Covilhã-Oliveirense, Benfica B-Nacional, Farense-FC Porto B, E. Amadora-Moreirense, Ac. Viseu-Penafiel

MELHORES MARCADORES

II Liga

17 golos João Mário (Benfica) e Gonçalo Ramos (Benfica)

III Liga

25 golos André Clóvis (AC. Viseu)

Planisférico

Jimmy Hasty só tinha um braço. Era uma maravilha

Marco Vaza

O avançado norte-irlandês foi um grande goleador do Dundalk, antes de ser assassinado por lealistas em Belfast com três tiros

“O Outubro de 1974 foi sinistro”, escreveu o jornalista Michael Walker no *Irish Times*, em 2018, sobre o conflito na Irlanda do Norte que durou décadas. “Houve assassinatos a 4 e a 5 em Belfast, Armagh e Derry. Também houve o atentado bombista em Guilford, que matou cinco. A matança continuou a 8, 10, 11, 12, 13, 18, 21, 22, 23, 27, 28 e 30.” Em 14 dos 31 dias desse mês, houve derramamento de sangue nesta luta fratricida entre irlandeses (mas não só), os que eram fiéis ao Reino Unido e os que queriam uma Irlanda única. Foi num desses dias que mataram Jimmy Hasty, a “maravilha que só tinha um braço”, um goleador único, uma “estrela” do futebol da Irlanda do Norte, muito antes de George Best. Na rua. Com três tiros. À queima-roupa.

Jimmy Hasty tinha 38 anos quando foi baleado nas docas de Belfast, a caminho do emprego numa agência de apostas. Ainda tinha toda a vida pela frente. Mas o que passou durante a sua curta existência não foi nada menos do que extraordinário. Ele foi um miúdo que perdeu um braço aos 14 anos no primeiro dia em que foi trabalhar numa fábrica, mas também foi um homem que brilhou como um avançado goleador num clube da República da Irlanda, ele que tinha nascido na parte norte da ilha. Começaram por encarar-lo como uma curiosidade por lhe faltar o braço esquerdo, mas foi goleador na Taça dos Campeões Europeus.

James Hasty era um rapaz de Sailortown, um bairro nas docas de Belfast, que cresceu a jogar na rua e em campos pelados. Aos 14 anos, arranhou emprego numa fábrica. Ainda não tinham passado três horas no seu primeiro dia como operário e Jimmy ficou com o braço esquerdo preso numa máquina. Não lhe conseguiram salvar o braço, que teve de ser amputado, e recebeu uma indemnização de 1200 libras após recorrer para a

justiça. Para muita gente, a falta de um dos membros superiores seria um estigma inultrapassável, mas não para o jovem norte-irlandês. Se não podia trabalhar na fábrica, iria jogar futebol.

Começou por jogar em equipas amadoras de Belfast e a mostrar uma capacidade goleadora invulgar. Do lado sul da ilha, perto da fronteira, havia quem estivesse atento. Jim Malone, da direcção do Dundalk FC, falou de Hasty aos seus colegas como alguém que tinham mesmo de contratar para voltar a conquistar títulos – o Dundalk só tinha sido uma vez campeão da Irlanda, em 1933. “Assim que disse que ele só tinha um braço, disseram-me logo, ‘Não, não. Não pode ser.’ E eu disse: se for eu a passar o cheque, aceitam?”, contou Malone numa entrevista. Na verdade, Malone já tinha contratado Hasty sem pedir autorização a ninguém.



O jogo aéreo era um dos trunfos do goleador Jimmy Hasty

A notícia espalhou-se rapidamente pela cidade. O Dundalk tinha contratado um avançado sem um braço. E o estádio encheu-se de curiosos, provavelmente só para gozar com a deficiência do avançado-centro. Na estreia, a 20 de Novembro de 1960, com poucos minutos de jogo, Hasty marcou um golo. Não se ouviram risos nem se viram dedos apontados. Só o nascimento da “maravilha com um só braço”, como lhe chamariam os jornais dos dias (e anos) seguintes. “Ele não era só um goleador, era o general do ataque, capaz de segurar a bola e fazer passes perfeitos”, escreve o clube numa nota dedicada a Hasty.

A falta do braço esquerdo só o impediu de chegar mais longe no futebol e jogar, por exemplo, no futebol inglês. Conta-se que o Nottingham Forest, uma equipa de topo em Inglaterra nos anos 1960, esteve interessado, mas Hasty nunca saiu da Irlanda.

A não ser para jogar na Taça dos Campeões Europeus em 1963-64, porque o Dundalk, com ele a liderar, tinha sido campeão na época anterior.

Num tempo em que a Taça dos Campeões Europeus tinha só uma equipa por país, o Dundalk foi emparelhado na ronda preliminar com o FC Zurique. Na primeira mão, na Irlanda, ganharam os suíços por 0-3 e a eliminatória parecia fechada. Mas no segundo jogo, os irlandeses estiveram quase a dar a volta. Hasty fez o passe para o 0-1, marcou o 0-2 e ainda acertou na trave. Os suíços reduziram para 1-2 e mantiveram a qualificação do seu lado, mas não roubaram a satisfação da vitória ao Dundalk.

Hasty esteve seis épocas no clube, com 107 golos marcados em 170 jogos, e ainda fez mais um ano numa equipa semiprofissional antes de se retirar em 1967, com 31 anos. Ele nunca tinha deixado de viver em Belfast, mesmo quando jogava no Dundalk. Ia assentar com a mulher Margaret e ter uma família, sabendo que a capital norte-irlandesa era uma cidade em que qualquer um podia ser um alvo.

Na manhã de 11 de Outubro de 1974, Jimmy Hasty foi baleado com três tiros à queima-roupa e caiu ao chão – o atentado seria reivindicado por um grupo unionista, mas nunca ninguém foi condenado pelo crime. George Larmour, que também estava a caminho do trabalho, no jornal *Belfast Telegraph*, ouviu tiros e correu na direcção do futebolista caído. “Vi que ele estava ferido e que tinha sido alvejado. Gritei por ajuda, fui buscar um casaco para o manter quente e percebi que estava vivo. Um polícia aproximou-se e reconheceu-o. Segurei-lhe na mão e tentei tranquilizá-lo. Ainda abriu os olhos uma última vez”, contou Larmour num artigo, em 2017.

Hasty deixava para trás a lenda, mas também uma família. Uma jovem viúva e dois filhos pequenos que nunca o viram jogar futebol. Até um dia em que um produtor de rádio da BBC Belfast, a trabalhar num documentário sobre a “maravilha de um só braço”, recebeu no *email* uma mensagem com imagens em movimento de Hasty no tal jogo da Taça dos Campeões Europeus. Da assistência, do golo e da bola à trave. Tudo o que diziam de Jimmy Hasty era verdade.

Planisférico é uma rubrica quinzenal sobre histórias e campeonatos de futebol periférico. Ver mais em publico.pt/planisferico

MotoGP

Miguel Oliveira foi sétimo nos treinos livres do GP Espanha

Miguel Oliveira (Aprilia) terminou o primeiro dia de treinos livres para o Grande Prémio de Espanha no sétimo lugar, graças ao quinto tempo na sessão da tarde, depois de ter sido 13.º de manhã. Oliveira ficou a 0,248s de A. Espargaró. No somatório das sessões, o registo de 1m36,896s valeu a entrada directa na Q2. Maverick Viñales (Aprilia) foi o segundo mais rápido a duas milésimas de segundo, com Dani Pedrosa (KTM) em terceiro, a 0,062s.



Vela

Carolina João e Diogo Costa na corrida às medalhas em França

Os velejadores Carolina João e Diogo Costa subiram ao 3.º lugar em 470 e participam, hoje, na "medal race" da Semana Olímpica Francesa, tal como Vasileia Karachaliou, em ILCA 6. Carolina João e Diogo Costa deram um salto para o pódio e entram em posição favorável na corrida às medalhas, numa regata decisiva em Hyères. Beatriz Gago e Rodolfo Pires, na mesma classe, estiveram em segundo, mas caíram para o 11.º lugar, fora da luta.

Ciclismo

Nélson Oliveira sobe a quarto após "crono" da Volta à Romandia

Nélson Oliveira (Movistar) subiu a quarto da geral da Volta à Romandia, ao conquistar o quarto tempo do contra-relógio da 3.ª etapa. O espanhol Juan Ayuso (UAE) dominou nos 18,75 km em Châtel-Saint-Denis, que cumpriu em 25m15s. Oliveira terminou a 18s, batendo o campeão mundial, Tobias Foss, terceiro da geral, a 19s do novo líder, Ayuso. Ivo Oliveira (UAE) foi 131.º e caiu para 111.º da geral. A 4.ª etapa tem uma subida de categoria especial.

Fórmula 1 Ferrari e Leclerc de volta à acção com pole position em Baku



Charles Leclerc e a Ferrari estão de volta à acção, tendo aproveitado as férias do Mundial de Fórmula 1 para recuperarem o protagonismo perdido no arranque de temporada, conquistando em grande estilo a *pole position* (1m40,203s) para o Grande Prémio do Azerbaijão, em Baku, onde o piloto monegasco repetiu o primeiro lugar da grelha de partida de

2021 e 2022, deixando os Red Bull de Max Verstappen e Sergio Pérez em estado de alerta.

Neste regresso, para além da Ferrari – que tem Carlos Sainz em quarto –, destaque para os McLaren, que conseguiram entrar nos dez primeiros. Isto, quando se esperava um "salto" dos Mercedes... Lewis Hamilton partirá, ainda assim, da quinta posição, à frente dos Aston

Martin, que acabaram por sair algo frustrados, apesar do sexto lugar de Alonso.

O arranque da qualificação para a corrida de amanhã ficou marcado por duas bandeiras vermelhas, com Nyck de Vries (AlphaTauri) a embater nas barreiras e Pierre Gasly (Alpine) – que abandonou a sessão de treinos livres com o carro em chamas – a imitar o neerlandês

logo após ter sido retomada a Q1, que terminou com Leclerc a dar sinal do que aconteceria mais tarde, ao bater Verstappen e o próprio tempo da *pole* de há um ano, então garantida pelo monegasco, com 1m41,269s. No fio da navalha estava, então, a Mercedes, tendo George Russell sido eliminado e Lewis Hamilton ficado em 10.º na Q2, separados por quatro milésimos.

Voleibol

AJM/FC Porto tenta tricampeonato frente a Sporting

Com dois triunfos, ambos por 3-0, sobre o Sporting, a AJM/FC Porto pode, já neste final de tarde (19h, Porto Canal), renovar o título de campeã nacional da Divisão de Elite feminina, chegando ao tricampeonato. A formação portista, que perdeu a Taça para as "leões", impôs-se, há duas semanas, no Pavilhão João Rocha, pelos parciais de 25-20, 25-21 e 25-23, tendo confirmado a superioridade no Dragão Arena com 25-16, 25-20 e 25-18.

Basquetebol

Euroliga suspende francês Yabusele por cinco jogos

O francês Guerschon Yabusele, do Real Madrid, foi o jogador mais severamente punido pela Euroliga de basquetebol, com cinco jogos, na sequência da "batalha campal" no embate com o Partizan. Menos de 24 horas depois dos graves incidentes de Madrid, no segundo jogo dos "quartos" dos *play-offs*, a Euroliga anunciou as penalizações, que afectam mais três jogadores, dois da equipa sérvia e um da espanhola, e incluem multas de 50.000 euros a cada uma.

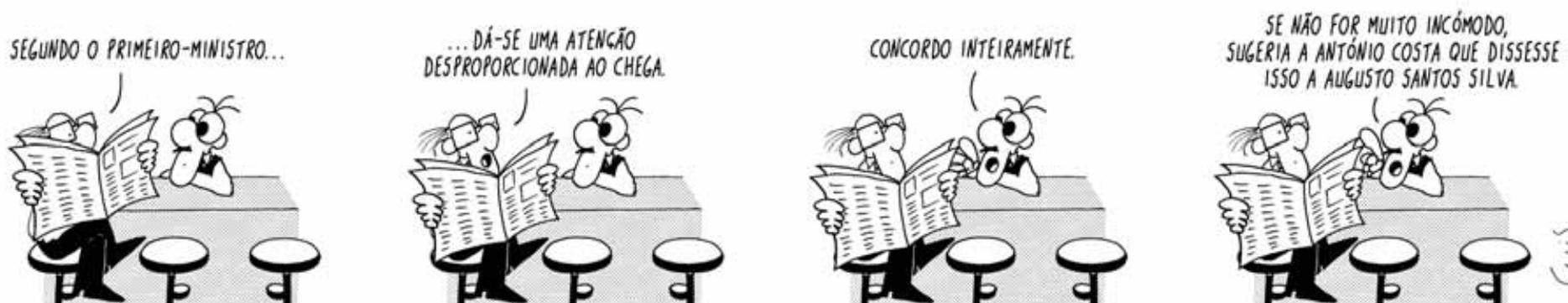


Ténis

Casper Ruud cai na segunda ronda do Masters de Madrid

Casper Ruud, quarto do ranking ATP, foi eliminado em dois sets (6-3 e 6-4) pelo italiano Matteo Arnaldi, na segunda ronda do Masters 1000 de Madrid. Campeão do Estoril Open e 3.º cabeça de série, Ruud perdeu com o 105.º mundial em 1h34m. Andrey Rublev, 6.º do mundo, venceu o antigo número três Stan Wawrinka (7-5 e 6-4), enquanto Carlos Alcaraz teve de aplicar-se frente a Emil Ruusuvuori para vencer por 2-1, com parciais de 2-6, 6-4 e 6-2.

BARTOON LUÍS AFONSO



O parecer de Schrödinger e o saco de gatos da TAP

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares

Existia. Não existia. Afinal existe. Afinal não existe. A comissão de inquérito à TAP entrou do domínio da mecânica quântica, com um parecer que já atravessou os vários estados da matéria, e que, como o gato de Schrödinger, existe na condição de vivo-morto – é e não é em simultâneo, desde que, como no paradoxo, não sejam tentados a olhar. São estas as estranhas propriedades do famoso parecer que alegadamente ofereceu ao Governo uma “decisão juridicamente blindada” (palavras de Fernando Medina), capaz de poupar os contribuintes portugueses a terem de largar, como de costume, milhões em indemnizações, no caso do despedimento por justa causa da CEO e do *chairman* da TAP.

Medina começou por dar a ideia de que o parecer existia, na conferência de imprensa do



NUNO FERREIRA SANTOS

despedimento e numa intervenção posterior em Bruxelas. Mariana Vieira da Silva e Ana Catarina Mendes garantiram que o parecer existia mesmo, e que existia com tanta intensidade que nem sequer podia ser partilhado, para defesa dos interesses do Estado. Mais tarde, Fernando Medina veio clarificar que o parecer não existia e que estava tudo no relatório da IGF. A seguir, Mariana Vieira da Silva declarou em entrevista que se tratava de “uma questão puramente semântica”, e que utilizou a palavra “‘parecer jurídico’ como podia ter utilizado ‘apoio jurídico’, como ‘contributo



Podíamos chamar-lhe ‘coiso jurídico’, ‘bezidróglio’ ou, sei lá, ‘geringonça jurídica’ – nada daquilo tem valor jurídico algum. Não há blindagem

jurídico” – donde, não vale a pena andar a chamar mentirosas às pessoas por causa disso.

E, por fim, quando o parecer ou o apoio ou o contributo jurídico chegou à comissão de inquérito à TAP, depressa se percebeu que Mariana Vieira da Silva tinha realmente razão: o nome de baptismo é absolutamente indiferente. Podíamos até chamar-lhe o “coiso jurídico”, o “bezidróglio jurídico” ou, sei lá, a “geringonça jurídica” – nada daquilo tem valor jurídico algum. Não há blindagem. Não há sequer um capacete. É um conjunto de documentos com data posterior ao despedimento, que jamais poderão ter servido para o sustentar.

Mas, então, impõe-se uma pergunta, pressupondo que Fernando Medina e João Galamba não são totalmente desprovidos de inteligência: porque é que eles acharam excelente ideia despedir duas pessoas em directo por justa causa, sem qualquer garantia de que o pudessem fazer, e tendo até gente a aconselhá-los (como a chefe de gabinete de Galamba) que não o fizessem? A ter de apostar, a minha resposta é esta: porque era preciso remover da TAP tudo o que ainda cheirasse a Pedro Nuno Santos.

Foi uma limpeza. O Governo está

dividido em facções, e para decapitar os inimigos internos e a sua influência na empresa mais importante do regime vale a pena correr todos os riscos. Desde que chegou ao Governo, Medina limpou a TAP, mentiu com os dentes todos sobre a “decisão juridicamente blindada”, queixou-se à ERC de um jornal que escreveu a verdade sobre a justa causa, e enterrou duas ministras com a história do “parecer”. Imaginem só o ambiente no Conselho de Ministros. Em 2026, o PS vai estar igualzinho ao PSD em 1996. E merece.

P.S. – Um leitor que percebe mais de ordens honoríficas do que eu alertou-me para as 21 condecorações de Maria Cavaco Silva, 19 das quais grã-cruzes iguais às de Janja Lula da Silva. Parece que é uma “prática diplomática” antiga. Donde, no meu artigo de terça-feira, não deveria ter chamado “marcelice” àquilo que é apenas um hábito misógino universalmente aceite, e que consiste em condecorar esposas de reis ou presidentes pelo enorme mérito de se terem casado com eles.

Jornalista

jmtavares@outlook.com

PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Todos os conteúdos do jornal estão protegidos por Direitos de Autor ao abrigo da legislação portuguesa, da União Europeia e dos Tratados Internacionais, não podendo ser utilizados fora das condições de uso livre permitidas por lei sem o consentimento expresso e escrito da PUBLISHING MEDIA GROUP, Lda. N.º 17177/2019. EMBB19

VISAPRESS®
Direitos de Autor Protegidos



Mudar o mundo pode ter a sua assinatura

Apoie o jornalismo independente e assine por baixo na defesa do planeta



ASSINE JÁ



CONTACTE-NOS: assinaturas.online@publico.pt • 808 200 095 (dias úteis das 9h às 18h)

publico.pt/assinaturas

P